



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

KAYLA PACHÊCO NUNES

**CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA PARA PRÁTICAS DE LEITURA EM TEMPOS
DE *FAKE NEWS*: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL**

Araguaína/TO
2021

KAYLA PACHÊCO NUNES

**CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA PARA PRÁTICAS DE LEITURA EM TEMPOS
DE *FAKE NEWS*: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais

Orientadora: Dra. Luiza Helena de Oliveira da Silva

Araguaína/TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P116c PACHÊCO NUNES, KAYLA.
CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA PARA PRÁTICAS DE LEITURA EM TEMPOS DE FAKE NEWS: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. / KAYLA PACHÊCO NUNES. – Araguaína, TO, 2021.
151 f.
Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2021.
Orientadora : Luiza Helena De Oliveira da Silva
1. Fake news. 2. Educação midiática. 3. Práticas de leitura. 4. Ensino. I.
Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KAYLA PACHÊCO NUNES

**CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA PARA PRÁTICAS DE LEITURA EM TEMPOS
DE *FAKE NEWS*: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL**

Esta dissertação foi julgada adequada para
obtenção do título de Mestre em Letras e
aprovada em sua versão final pelo Orientador e
Banca Examinadora

Araguaína, 29 de abril de 2021.

Banca de Defesa de Dissertação



Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva
Orientadora (UFT)



Dra. Janete Silva dos Santos
Membro interno (UFT)



Dra. Laurênia Souto Sales
Membro externo (UFPB)



Dra. Naiane Vieira dos Reis
Membro externo (IFMA)

A Deus, escritor do universo, pelo dom da vida.

À minha família, por confiar em mim e acreditar em meus sonhos.

À universidade e à escola pública, por serem lugar de inquietude e transformação.

Em especial aos meus alunos, por me ensinarem tanto sobre a vida.

AGRADECIMENTOS

Aos familiares, pelo apoio, confiança e amor a mim oferecidos. Em especial minhas avós (*in memoriam*), por todos os valores e conhecimento ensinados embora nunca tenham frequentado a escola. Meus avôs, pela trajetória de honestidade e trabalho nas quais me espelho. Meu pai Antônio Luiz, por acreditar sempre que esse momento seria alcançado.

Em especial, a minha mãe Aldean, por tanta renúncia e doação no cuidado a mim, meu esposo e meus filhos durante toda essa caminhada em que mais estive ausente do que em seus convívios.

A minhas irmãs. Kennia, pela cumplicidade e o suporte de sempre, e Kerlly Regina, por ter me apresentado a oportunidade de cursar um mestrado, ter me trazido à Universidade Federal do Norte do Tocantins, e principalmente por acolher a mim e a mais quatro mulheres em sua casa, nosso refúgio e aconchego durante os dias de aulas longe de casa.

A meu esposo e companheiro Izaias Filho, que sempre foi paciente e me apoiou nas três graduações que tive a audácia de enfrentar nesses quase 14 anos de vida partilhada, mais ainda quando decidi cursar o mestrado longe de casa.

Principalmente aos meus filhos Samuel e Davi, que ainda tão pequenos sempre tiveram de compreender minha rotina estressante com prolongadas ausências, dividindo minha atenção com a escola, meus alunos, a carreira na comunicação, e os estudos acadêmicos.

Aos colegas de trabalho por todo auxílio durante a construção da pesquisa. E à Escola Estadual Raimundo Nonato Leite, por me acolher como professora e pesquisadora.

Aos colegas de curso, por tornarem as aulas tão ricas. E a minhas companheiras de hospedagem, Andra, por exalar poesia e me ensinar tanto sobre literatura e a vida, e em especial por me receber em sua vida como madrinha de casamento; a Bruna, por me ensinar a ver a vida com mais leveza; e Alcina, pelo sabor de seu tempero e amizade.

Ao Campus da UFNT em Araguaína, em nome da secretária do Profletras, Alexandra, por tornar os trâmites burocráticos acessíveis, com olhar humanizado.

Aos professores desta universidade, em nome de João de Deus Leite, Selma Abdala, e com muito carinho e gratidão, a Luiza Helena, minha orientadora, pelo olhar e trato materno sobre mim e nossa pesquisa, por todo o tempo, dedicação e paciência e pelos valiosos conselhos com os quais me presentearam durante essa etapa da vida acadêmica.

Com bastante carinho também a Ana Crelia, professora da UFRJ, por enxergar os professores e estudantes do norte do Brasil. Vocês são espelhos e fontes de inspiração para mim e muitos outros alunos/professores que já passaram pelos corredores da universidade.

Os estudos linguísticos e discursivos podem mostrar aos alunos os procedimentos para a boa interpretação dos discursos veiculados na internet, sobretudo, e para o desvelamento dos discursos mentirosos. E insistimos que só com teorias do texto e do discurso podemos contribuir para o desenvolvimento de conhecimento sobre os discursos fundamentados na mentira e para tornar nossos alunos bons leitores dos textos, sobretudo, dos meios digitais, e adequados interpretantes dos discursos que os rodeiam e muitas vezes sufocam. E não podemos fazer isso sem a escola.

Diana Luz Pessoa de Barros (2019)

RESUMO

Nossa pesquisa apresenta uma alternativa didática para professores no trabalho com a leitura de textos no Ensino Fundamental. A partir de experiência docente em uma escola rural no norte do Tocantins, ancorada na semiótica discursiva, que considera o texto fruto da construção do sujeito em contato com o objeto, a proposta consiste na leitura dos gêneros do campo jornalístico-midiático envolvendo, mais particularmente o fenômeno da *fake news*, um dos conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa previsto na BNCC (BRASIL 2018). Com base nos estudos de Greimas e Courtés (2018), Fiorin (1990, 2004, 2016), Landowski (2014, 2016), Sousa e Teixeira (2014, 2019), Barros (2005, 2019) e Silva (2017, 2019, 2020), também nos documentos oficiais que tratam do Ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente os PCNLP (BRASIL, 1998), a BNCC (BRASIL, 2018) e o Documento Curricular do Tocantins na área de Linguagens (TOCANTINS, 2019), a investigação observa textos informativos com recursos não-verbais imagéticos, considerados pela semiótica como sincréticos, presentes na mídia digital. Definimos como objetivo geral definir estratégias didáticas para a leitura de textos de diferentes gêneros, veiculados no suporte digital, a partir da investigação das regularidades que podem concorrer para uma sintaxe dos textos que falseiam a realidade. Para isso, utilizamos como caminho metodológico a pesquisa documental e revisão bibliográfica para a elaboração do caderno pedagógico, com o intuito de orientar professores para atuação em sala de aula e, assim, proporcionar contribuições para as práticas de leitura desenvolvidas na escola. O resultado nos mostrou que o produto desenvolvido possibilita, aos alunos, o diálogo com as múltiplas linguagens tão presentes no nosso dia a dia e que pode servir de roteiro para sugerir estratégias e auxiliar no processo de identificação e prevenção aos fenômenos das *fake news* e pós-verdade. Isso amplia a prática pedagógica na aquisição de competências e habilidades necessárias à didática da leitura e à formação de leitores.

Palavras-chave: *Fake news*. Educação midiática. Práticas de leitura. Ensino. Semiótica discursiva.

ABSTRACT

Our research presents a didactic alternative for teachers working with reading texts in elementary school. From teaching experience in a rural school in northern Tocantins, anchored in discourse semiotics, which considers the text as the result of the construction of the subject in contact with the object, the proposal consists in the reading of genres of the journalistic-media field involving, more particularly, the phenomenon of fake news, one of the contents of the subject of Portuguese Language provided in the BNCC (BRASIL 2018). Based on the studies of Greimas and Courtés (2018), Fiorin (1990, 2004, 2016), Landowski (2014, 2016), Sousa and Teixeira (2014, 2019), Barros (2005, 2019) and Silva (2017, 2019, 2020), also on the official documents dealing with the Teaching of Portuguese Language, more specifically the PCNLP (BRASIL, 1998), the BNCC (BRASIL, 2018) and the Curriculum Document of Tocantins in the area of Languages (TOCANTINS, 2019), the investigation observes informative texts with imagetic non-verbal resources, considered by semiotics as syncretic, present in digital media. We defined it as a general objective to investigate regularities that construct false information in genres of the journalistic-media field, as well as to present reading strategies to assist in the deconstruction of these practices based on discursive semiotics. To do so, we used as methodological path document research and literature review for the elaboration of the pedagogical notebook, in order to guide teachers to act in the classroom and, thus, provide contributions to the reading practices developed at school. The result showed us that the product developed enables students to dialogue with the multiple languages that are so present in our daily lives, and that it can serve as a roadmap to suggest strategies and assist in the process of identification and prevention of the phenomena of fake news and post-truth. This broadens pedagogical practice in the acquisition of skills and abilities necessary for the teaching of reading and the formation of readers.

Keywords: Fake news. Media education. Reading practices. Teaching. Discursive semiotics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura – 01 – Habilidades de educação midiática	39
Figura – 02 – China ganha a 3ª Guerra Mundial, com a maior mentira do século: “coronavírus”	52
Figura – 03 - Impacto do Coronavírus nas bolsas de valores de todo mundo	56
Figura – 04 – <i>Print</i> do blog onde o artigo contra a China foi veiculado	57
Figura – 05 - Destaques mobilizados pelo blog para convocar o leitor	58
Figura – 06 – Ideb da Escola	68
Figura – 07 - Conclusão sobre o resultado do Ideb da escola em 2017	69
Figura – 08 - Conclusão sobre o resultado do Ideb da escola em 2019	69
Figura – 09 – Índices gerais de aproveitamento dos alunos	70
Figura – 10 - Comunicado veiculado em grupos de <i>WhatsApp</i>	75
Figura – 11 - Notícia sobre suposta cura com hidroxicloroquina.....	77
Figura - 12 - Notícia veiculada no site Vivabem da Uol	80
Figura – 13 - Meme sobre a lotação das praias no feriado prolongado da Independência .	81
Figura – 14 - Descrição do perfil Haddad Debochado	83
Figura – 15 - Perfil oficial de Fernando Haddad	84
Figura – 16 - <i>Webcard</i> com resultado de suposta pesquisa sobre eleições em 2022	85
Imagem – 01 – Área frontal da Escola campo da pesquisa	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CF	Constituição Federal
CONSEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
DCL	Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNLP	Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa
PEE	Plano Estadual de Educação
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFLetras	Programa de Pós-Graduação em Letras em Rede Nacional
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
TDIC	Tecnologia digitais da comunicação e informação
UFT	Universidade Federal do Tocantins
SGE	Sistema de Gerenciamento Escolar
MIT	Instituto Tecnologia de Massachusetts

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FAKE NEWS E PÓS-VERDADE NA ESCOLA?	20
2.1 Práticas de leitura e <i>fake news</i> na BNCC	30
2.2 A relação entre o verbal e o visual nos gêneros sincréticos	40
2.3 Ainda sobre multiletramentos na escola	43
3 LEITURA COMO PRODUÇÃO DE SENTIDO: A PERSPECTIVA SEMIÓTICA.....	46
3.1 Textos e práticas	48
3.2 Regularidades enunciativas de construção da verdade em discursos fundamentados na mentira	51
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	59
4.1 Da pesquisa documental	59
4.2 A escola no contexto da pandemia.....	63
5 UM CADERNO PARA LER FAKE NEWS.....	74
5.1 Texto 01 - fake news do “bem”	75
5.2 Texto 02 - Cloroquina e a cura da Covid.....	77
5.3 Texto 03 - A ironia que poucos entendem	81
5.4 Texto 04 - Bolsonaro com vitória unânime?	84
5.5 Texto 05 - A invenção do fim do mundo	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE	98
ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca colaborar com o desenvolvimento de práticas de leitura de textos na escola, iniciamos relatando a relação entre o Programa de Mestrado em Letras – PROFLETRAS – e sua especificidade de mestrado profissional voltado à qualificação de professores em serviço. Para tanto, trazemos uma breve explicação de nossa própria trajetória acadêmica que culmina nesta pesquisa.

Natural de Tocantinópolis, mas vivendo toda a infância até o início da adolescência no município de Sítio Novo, região do Bico do Papagaio, no extremo norte do estado do Tocantins, concluí o ensino fundamental em 1999. Foi quando migrei com minha família para a vizinha cidade de Imperatriz, situada às margens do rio Tocantins a 25 quilômetros de Sítio Novo, pertencente ao estado do Maranhão. A mudança motivada pela procura de oportunidades de emprego e de vagas em escolas públicas com oferta de ensino médio de qualidade foi iniciada dois anos antes, quando minhas duas irmãs mais velhas passaram a estudar no município considerado polo comercial e educacional da região Tocantina.

Em 2000, após ser submetida a um processo seletivo com avaliação escrita, conquistei uma vaga na primeira série do ensino médio em uma unidade da rede estadual, onde cursei as três séries dessa etapa de ensino até 2002. Por influência das atividades econômicas exercidas pela família, boa parte das tias professoras, e pela consciência de que seria uma via de acesso mais palpável ao mercado de trabalho, em 2004 fui aprovada no vestibular da Universidade Estadual do Maranhão para o curso de Pedagogia, ainda com 17 anos.

Aliando os estudos matutinos com empregos no mercado informal, antes de concluir a primeira graduação passei a atuar no setor de comunicação como produtora de telejornal em uma emissora local. Em menos de dois anos no ramo, em 2009, já com o primeiro filho nos braços, aos 23 anos, e mesmo sem ter a formação acadêmica específica, fui convidada a integrar a equipe da Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Imperatriz. Desde então tenho atuado como assessora de imprensa/repórter, função exercida até os dias atuais, e como servidora efetiva desde janeiro de 2016.

Com o curso de Pedagogia concluído, também em 2009, fui aprovada por concurso da rede estadual do Tocantins para atuar como professora dos anos iniciais em minha cidade, Sítio Novo. Ingressei em uma sala de aula como professora pela primeira vez em agosto de 2010. Grávida de dois meses do segundo filho, sem experiência, assumi uma turma de 1º ano com 34 alunos por serem alfabetizados. Desde então, atuo na rede pública de educação básica,

inicialmente como professora dos anos iniciais, passando pelas últimas séries do ensino fundamental, e desde 2017, quando concluí a segunda licenciatura, agora em Língua Portuguesa, também como professora do ensino médio.

Durante os dez anos de exercício profissional nas áreas da educação e comunicação, pude conviver com práticas de leitura que exigem posicionamento crítico diante dos textos, em especial os informativos, bem como textos sincréticos que têm permeado a atuação em sala de aula, principalmente dos gêneros que circulam no meio digital. Foi para aprofundar os saberes em torno da leitura que, ao tomar conhecimento do edital de seleção para o PROFLETRAS, concorri a uma das vagas para o mestrado, em 2019. Mediante as experiências vividas em sala, como aluna, tive despertado o interesse pela presente pesquisa, incentivada a ampliar horizontes de qualificação profissional e pela convivência nos espaços educativo e midiático. Do mesmo modo, considero o PROFLETRAS importante para atrajetória acadêmica e profissional de uma professora de educação básica que divide a docência com o universo da comunicação.

É pelo seu viés interdisciplinar, inclusivo e voltado aos professores do ensino fundamental que o referido curso contempla os anseios de muitos profissionais da educação básica. Nesse cenário, podemos afirmar que o percurso formativo de um mestrado nesses moldes é um dos maiores desafios na carreira profissional de professores da rede pública, tendo em vista o cotidiano desses trabalhadores com uma rotina atarefada, bem como pela necessidade de cumprir as exigências profissionais e acadêmicas simultaneamente.

No contexto de nossa pesquisa, consideramos urgente refletir sobre as habilidades necessárias às práticas de leitura de textos compostos por diferentes semioses, tendo em vista nossa atuação como docente na educação básica e os desafios de leitura que se impõem à vida social mediante novos gêneros, novas configurações sociais e discursivas, novas práticas de produção e consumo de textos. Nessa perspectiva, nossa intenção é refletir sobre as implicações da leitura no suporte digital em tempos de *fake news*.

Da mesma forma, pensamos ainda no contexto em que profissionais de diferentes estados do meio-norte brasileiro encontram-se inseridos como acadêmicos de curso de pós-graduação, compreendida como qualificação continuada destinada especificamente para fomentar práticas que colaborem com a melhoria da qualidade do ensino na segunda etapa da educação básica.

Conforme as diretrizes desse curso, espera-se que os mestrandos desenvolvam pesquisas que promovam uma reflexão sobre sua prática em sala de aula, bem como dos aspectos ligados ao ensino de Língua Portuguesa, como disposto no artigo 1º de seu Regimento “visa à

capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País” (Resolução nº 043-CONSEPE, de 15 de maio de 2012)

Confiantes quanto à relevância da presente pesquisa, entendemos também que a prática docente carece de mais reflexão, em especial no tocante às especificidades da área de linguagens, tal como se apresenta nos documentos oficiais (BRASIL, 1998; BRASIL, 2018). Estes, por sua vez, propõem habilidades que vão desde o manuseio, a leitura, a apreensão dos sentidos, a produção até o necessário posicionamento crítico-reflexivo do sujeito diante das textualidades que medeiam e constituem as relações sociais. Entre as dez competências gerais da Educação Básica, destacamos as de número 4 e 5, que versam sobre as habilidades necessárias para a ação pedagógica relativa a linguagens na era digital, conforme disposto na BNCC (2018):

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 09).

Nos estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente no eixo da leitura e produção, pensa-se um contexto em que o ensino deva ultrapassar modelos tradicionalistas e tecnicistas para assumir propostas críticas, contextualizadas e reflexivas. Isso pressupõe que a leitura e produção textual devam ir além do domínio técnico de decodificação e reprodução de modelos (gêneros concebidos como formatos estanques), envolvendo o contexto e as experiências sociais do aluno.

O valor social de nosso trabalho também desponta quando observamos que em um programa de mestrado, como o nosso, os pós-graduandos têm a oportunidade de repensar sua prática sob a ótica da investigação científica. No nosso caso, trata-se de priorizar as práticas que envolvem a didática da leitura e o que poderíamos empreender para a leitura de textos que veiculam discursos que se traduzem como mentirosos, incidindo em muitos casos em enunciação de paixões malevolentes (BARROS, 2019), com consequências das mais graves do ponto de vista social (SILVA, 2019).

Cientes dos desafios que se impõem diariamente ao ensino de Língua Portuguesa, fizemos breve incursão nos documentos oficiais que norteiam o currículo da educação brasileira e no estado do Tocantins, a saber, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua

Portuguesa, PCN (BRASIL, 1998), Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e o Documento Curricular Linguagens (TOCANTINS, 2019), buscando neles identificar suas indicações para um trabalho com textos de diferentes gêneros que têm em comum discursos com caráter de mentirosos. Que lugar haveria para as *fake news* na escola? Por que seriam objeto de estudo em aulas de leitura?

Inicialmente, observando o que preconiza o PROFLETRAS, elaboramos um projeto de pesquisa-ação qualitativa, com alunos do 9º ano em uma escola da zona rural no município de Sítio Novo – TO, onde atuamos. Antes de formalizarmos propriamente a pesquisa, empreendemos atividades relacionadas à leitura de *fake news* com aplicação de sequência didática que culminou na produção coletiva de panfleto informativo sobre o fenômeno em tela junto a esses alunos, tendo a nosso ver bons resultados. Considerando os aspectos éticos relacionados, submetemos o projeto ao Conselho de Ética, mas o contexto da pandemia de Covid-19 nos fez rever os encaminhamentos iniciais do projeto.

Com o início das atividades de observação e intervenção junto aos alunos da turma pesquisada já iniciado em 2019, mesmo tendo realizado cerca de 10 aulas de leitura acerca do tema proposto, com o advento da pandemia da Covid-19 em março de 2020 e a conseqüente suspensão das aulas presenciais, tivemos de repensar o percurso de nossa pesquisa, haja vista que as aulas até então realizadas não seriam suficientes para a produção dos dados.

Assim, o trabalho ora apresentado é de natureza documental, com proposições para a prática didática de leitura no ensino fundamental. Como produto final, apresentamos um caderno pedagógico para leitura de *fake news*.

Fundamentados na semiótica discursiva, compreendemos que a leitura é sempre construção do sujeito em interação com os objetos, nesse caso os discursos propagados nos textos, e não a recuperação de sentidos já codificados seja na linguagem, seja no mundo (LANDOWSKI, 2014). Nesse sentido, toda aula de leitura vai implicar negociar os sentidos que podem ser atribuídos aos textos, mediante uma construção coletiva que envolve os sujeitos da prática pedagógica, professores e alunos, levando em conta os processos particulares mobilizados (as isotopias¹ de leitura) (BERTRAND, 2004; SILVA, 2020; 2017), assim como os aspectos históricos e ideológicos que concorrem para ler em um ou outro sentido (FIORIN, 1990).

A semiótica discursiva, que fundamenta a pesquisa, aliada aos estudos dos gêneros e dos letramentos, se constitui como teoria geral da significação, “que se debruça sobre os textos,

¹ O termo da metalinguagem semiótica corresponde aos percursos do leitor estabelecendo relações entre elementos figurativos e temáticos dos textos.

considerados como manifestação, que se apresenta em qualquer substância da expressão de um discurso” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 08). Ainda, conforme os autores do dicionário, “Sua primeira preocupação será explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 455).

De matriz estruturalista, a semiótica privilegia a leitura propriamente do texto sobre a exterioridade, recuperando sua historicidade a partir da própria imanência (LANDOWSKI, 1996; FIORIN, 2016a; BARROS, 2019; SILVA; MELO, 2015). Já pela articulação entre textos e discursos, na rede de citações já problematizada por Bakhtin (2016) e Volochínov (2017) com as noções de responsividade e dialogia:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão (BAKHTIN, 2016, p. 29).

No caso das *fake news*, como mostram Barros (2019) e Silva (2019), para compreender a percepção da enunciação mentirosa, há que se observar procedimentos regulares da configuração interna dos textos e que constroem sua veridicção, mas também operar sobre práticas, que implicam, portanto, um novo nível de pertinência de análise (FONTANILLE, 2013; SILVA, 2019).

A partir dessa filiação teórica a guiar nossa compreensão sobre texto/discurso, e pensando o que implica para uma didática da leitura, elaboramos como pergunta de pesquisa: de que modo a semiótica discursiva pode contribuir com a leitura na escola, considerando aspectos intratextuais, interdiscursivos e, ampliando o nível de pertinência de análise, as práticas que a envolvem a partir da prática da veridicção?

Do ponto de vista dos textos acolhidos para as atividades que iremos propor, selecionamos os que se classificam como *fake news*, demandando não apenas que sejam mobilizadas competências para leitura de aspectos internos ao texto, como também compreendem práticas diversas, a considerar as complexidades dos fenômenos de produção e recepção em torno dos textos na contemporaneidade (SILVA, 2019).

Partindo desse ponto, nos capítulos que seguem, apresentaremos pesquisa que reflete sobre as implicações do fenômeno *fake news* nas práticas de leitura em diferentes suportes, em especial no meio digital.

O trabalho se articula diante de uma sucessão de textos e práticas, haja vista que o fenômeno *fake news* não pode ser considerado gênero, está ligado à prática da mentira, o hábito de desvirtuar informações e situações, seja por ingenuidade ou pura má fé, e permeia diversos

gêneros, em especial os informativos.

Em virtude desse contexto, apesar da ampliação no rol de habilidades e competências que os documentos oficiais contemplam no tocante aos multiletramentos, é urgente discutir como podem ser traduzidos na prática pedagógica. Diante disso, no papel de professora da área de linguagens, consideramos de suma importância refletir sobre nossa própria atuação profissional como ponto de partida para compreender como a aquisição dos multiletramentos deve ser oportunizada.

Como objetivo geral de nosso trabalho, propomo-nos definir estratégias didáticas para a leitura de textos de diferentes gêneros, veiculados no suporte digital, a partir da investigação das regularidades que podem concorrer para uma sintaxe dos textos que falseiam a realidade.

Como objetivos específicos, definimos: problematizar, à luz da semiótica discursiva, a complexidade das práticas que envolvem a leitura dos gêneros do campo jornalístico-midiático diante do fenômeno das *fake news*, o que implica considerar as práticas que envolvem a leitura na contemporaneidade; analisar regularidades enunciativas e narrativas dos textos de *fake news*; propor atividades que potencializam o letramento midiático para a aquisição das competências necessárias à leitura, produção e compartilhamento de informações e; elaborar um caderno pedagógico com atividades de leitura de *fake news*.

Sobre o aporte teórico que embasa nossas reflexões, partimos das considerações sobre a semiótica discursiva nas obras de Greimas e Courtés (2018), Fiorin (1990, 2004, 2016), Landowski (2014, 2016), Sousa e Teixeira (2019), Teixeira, Faria e Sousa (2014) Barros (2005, 2019) e Silva (2019; 2017). Também ancoramos nossa discussão nos documentos oficiais que tratam do Ensino de Língua Portuguesa, mais especificamente os PCNLP (BRASIL, 1998), a BNCC (BRASIL, 2018) e o Documento Curricular Linguagens (TOCANTINS, 2019).

O trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, discorreremos sobre o fenômeno das *fake news* nas práticas languageiras e seus impactos sociais, políticos e econômicos, ao mesmo tempo em que se associam aos discursos intolerantes (BARROS, 2019). Ali ainda analisamos o que dizem os documentos oficiais da educação básica a respeito de práticas e leitura e a respeito do tratamento das *fake news* na escola. No segundo, discorreremos sobre a concepção de leitura trazida pela semiótica discursiva e refletimos sobre aspectos que apontam para algumas regularidades das *fake news*, analisando textos de diferentes gêneros do ponto de elementos internos (tanto do ponto de vista do plano do conteúdo quanto do plano da expressão) e de práticas de verificação a serem mobilizadas pelo leitor, o que incluem diferentes práticas de checagem e envolvem os multiletramentos (SILVA, 2019). No terceiro,

apresentamos dados da escola em que atuamos e a metodologia que guiará a elaboração de um caderno pedagógico para professores da escola analisada e que pode servir para experiências de outros docentes do ensino fundamental. No quarto, apresentamos o referido caderno, explicitando as competências e habilidades que estarão ali mobilizadas para o trabalho de leitura proposto.

2 FAKE NEWS E PÓS-VERDADE NA ESCOLA?

Em um cenário polarizado, principalmente com o uso da internet, as *fake news*, ganham força e tornam-se um instrumento de persuasão, provocando consequências negativas. São quase tão perigosas quanto o vírus. Em tempos de pandemia, o efeito da desinformação gerada pelos grupos que produzem e divulgam *fake news* em redessociais, tem criado um problema de saúde ainda mais grave em nível nacional, e também problemas para a ciência e para a educação.

Diana Luz Pessoa de Barros, 2020, *Abralin ao vivo*.

É sobre esse contexto de ilusões e crenças propagadas nas redes sociais a que alude Barros, em sua conferência da *Abralin ao vivo* (2020)², e no qual boa parte da população vive atualmente, que voltamos nossa atenção neste trabalho. Apesar dos avanços tecnológicos da chamada *Era digital*, na mesma medida em que se consolida a democratização do acesso à informação e consequentes benefícios socioeconômicos, constatamos potentes efeitoscolaterais como o fenômeno das *fake news*, que se vê inserido na lógica compreendida como “pós-verdade”.

O termo pós-verdade foi eleito como “palavra do ano” em 2016, no contexto da eleição do presidente norte-americano Donald Trump, servindo para subsumir todo um conjunto de práticas, de regimes de crença e de manipulação midiática com graves efeitos sociais, inclusive sobre os rumos da democracia. Para Medrán, não se trata propriamente de uma novidade no campo da esfera midiática, mas a gravidade diz respeito ao alcance, à repercussão e a suas consequências no cenário mundial:

A pós-verdade não é um fenômeno novo. Ao contrário. O que hoje chamamos de pós-verdade, em outras décadas chamávamos de propaganda. A criação de realidades alternativas sob os comandos do controle dos meios de comunicação. Realidades alternativas que não se baseiam em fatos, mas em emoções. Realidades alternativas que se baseiam na percepção, não em dados. A diferença em relação a outras épocas é que temos ao nosso alcance hoje, ferramentas de dois gumes. Por um lado, permitem ter acesso às fontes de informação necessárias para identificar e combater a mentira. E ao mesmo tempo, dão um impulso jamais visto à mentira, que corre como a pólvora e permanece na superfície durante anos. É ao mesmo tempo possível e impossível (MEDRÁN, 2017, p. 33).

Diante de um *boom* de desinformação, acriticidade e superficialidade produzidos pela própria aceleração da leitura por suportes digitais, ao que se soma o grande volume de informações falsas que chegam aos olhos e ouvidos das pessoas, vivenciamos cotidianamente as consequências nas relações sociais, não raro chegando ao próprio universo escolar que não escapa aos efeitos das formas de vida contemporânea. Anúncios de falsas catástrofes, teorias antivacina e até a cura de doenças graves estão entre os exemplos de textos e manchetes manipulados e distribuídos pelas redes sociais em grande escala e em fração de segundos,

² BARROS, Diana Luz Pessoa. **Intolerância, mentira e educação**: reflexões sobre o discurso (1h56min 20s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=le2T8Tk1t-c>> Acesso em 02 set. 2020

através do sistema de cliques e compartilhamentos apressados, pouco éticos e inconsequentes. Vale ressaltar que esse dinamismo acelerado é de certa forma a mola propulsora do próprio sistema de compartilhamento de informações nas redes.

Fato observado com grande frequência nos últimos anos, a propagação de notícias falsas tornou-se conhecida mundialmente pelo termo *fake news*, que compreende não um gênero de discurso particular, mas um fenômeno. Na tentativa de conceituar o gênero, buscamos em Marcuschi (2005) a definição de que os gêneros textuais materializam textos em situações comunicativas. Para ser considerado filiado a um gênero em específico, o texto deve ser construído com base numa espécie de padrão do ponto de vista estético e estrutural, a partir de um objetivo que também busca alcançar determinada prática, uma “forma de ação social”. Como descreve Marcuschi (2005, p. 30), “não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Conforme o autor,

A expressão gênero textual é utilizada a fim de indicar textos materializados em situações comunicativas recorrentes encontrados em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos, e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (Marcuschi 2008, p. 246)

Assim, pela multiplicidade de formatos, temas e discursos que vieculam, textos que contêm informações falsas têm uma dimensão mais ampla que a noção de gênero.

Prática que data dos primórdios da história, a construção e a disseminação de falsas informações com feição de verdade não é fruto do acaso, ou mero mal-entendido. A expressão inglesa *fake news* pode ser compreendida como elaboração e divulgação intencional de conteúdo com informação inverídica, para alcançar objetivo pré-estabelecido, o de mobilizar passionalmente o destinatário e distorcer a realidade a partir de paixões malevolentes. Para isso se apropriam de estratégias enunciativas comuns aos textos divulgados por veículos jornalísticos.

Os objetivos podem ser os mais diversos, como econômicos, sociais, políticos e até mesmo para alcançar a realização de calúnias e difamações ou construções de imagens e realidades que não condizem com a verdade dos fatos e trazem consequências sobre terceiros. Em sua maioria alicerçados no sistema de crenças, exibindo forte teor passional, os conteúdos desse tipo de produção servem para a manipulação de comportamentos sociais, em especial os praticados no meio digital, através das redes sociais, influenciando assim, a dinâmica das relações entre os indivíduos, em especial no campo da política, como se deu com a eleição de Trump nos EUA (ZARZALEJOS, 2017) e de Bolsonaro no Brasil.

Seja por motivos partidários, econômicos e até religiosos, a intenção maior da prática da *fake news* tem na crença ingênua de seu público nos discursos propagados, seu maior espectro. Seu sucesso conta com práticas de leitura imediatistas, sem reflexão acerca do que é visto ou lido, como nutriente do sistema de cliques que contamina toda uma sociedade em fração de segundos.

Entre possíveis sentidos para o termo, Muller e Souza (2018) recorrem a Gelfert (2018) para identificá-lo como fenômeno sociopolítico de grandes proporções por atingir uma massa de leitores em pouco tempo. “Apresentação deliberada de alegações falsas ou enganosas como notícias, na qual as alegações são enganosas de propósito[...] uma espécie de desinformação que visa induzir em erro e a formação de crenças falsas por parte do público-alvo”. (MULLER; SOUZA, 2019 p. 03-04).

Para Silva (2018, p. 11), “elas são escritas e publicadas com a finalidade de disseminar informações que não são verdadeiras sobre grandes acontecimentos e assuntos, principalmente no que diz respeito a figuras públicas, política e economia”. Nascimento (2020, p. 04), por sua vez, conceitua como “mentira organizada”, que “surge como um acontecimento fundamental para pensar as relações sociais e políticas; questionar a manipulação de conteúdo pela desinformação e as implicações da mentira na distorção da realidade”. Servem, portanto, de instrumentalização e organização da mentira para interferir na dinâmica do tecido social, a fim de alterar a organização social mediante a atuação em massa dos usuários e leitores.

Quanto maior é o número de likes, compartilhamentos e comentários, mais uma ideia se propaga e pode provocar as mais diversas reações. Uma notícia disseminada nas redes sociais afeta espíritos e move a paixão e a emoção dos indivíduos, principalmente entre os usuários que tendem a pensar da mesma maneira (NASCIMENTO, 2020, p. 245).

Enxergando as relações sociais pela ótica das ideologias baseadas em paixões e ações imediatas (*likes*), o autor alerta para o perigo da homogeneização de ideias baseadas em aspectos superficiais e mesmo equivocados sobre o assunto compartilhado, formando as cadeias de reprodução dessas mentiras organizadas em “bolhas” das redes sociais, haja vista que “os *posts* assumem cunho de verdade factual e de imparcialidade, principalmente, quando são meros julgamentos pessoais e não encontram qualquer fundamento histórico” (NASCIMENTO, 2020, p. 245).

Assim, sob o comando da velocidade que segue na contramão da reflexão e criticidade, as notícias fraudulentas acabam gerando as comunidades e legiões de seguidores, organizados em bolhas das redes sociais, que garantem a recepção e a proliferação das *fake news*, num processo mais ou menos consciente de adesão à falsificação da realidade, com sujeitos passionalmente mobilizados e para os quais a verdade deixa de importar.

Para Silva (2019), há que se considerar o perigo de experiências fruto de narrativas propagadas por boatos, considerando como *fake news* notícia de que não se sabe a fonte precisa ou cuja credibilidade é duvidosa, com um enunciador muitas vezes não identificável na própria sintaxe da frase. Veja-se a esse respeito a série de medidas tomadas em 2020 pelo *Facebook* e *Twitter* para cancelar contas falsas e coibir ações de uma verdadeira máfia de produção de falsas notícias, quase sempre caracterizadas como discursos intolerantes, a mobilizar nos leitores paixões malevolentes, como o ódio, o ressentimento, a hostilidade, a malquerença (FIORIN, 2007).

Na mesma direção que as análises de Gelfert (2018), Silva (2018), Nascimento (2020) e Silva (2019), Müller e Souza elencam três condições para que aconteça a *fake news*:

Uma informação falsa que visa induzir a erro [...] a consequência provável é a formação de crenças falsas por parte do público alvo; [...] se apresentam com a aparência de notícia genuína ou notícia sensacionalista, afim de despertar a curiosidade do público a ponto de receber um clique ou ser compartilhada; *fake news* envolvem planejamento humano (MÜLLER; SOUZA, 2019, p. 04).

Como advertem no excerto acima, a primeira condição corresponde ao que Silva (2019) denomina como uma ética da enunciação, que diz respeito tanto à produção quanto ao compartilhamento de notícias falsas. Compartilhar é, de certo modo, assumir em parte da autoria ou, ao menos, a responsabilidade, mesmo que de forma inconsciente ou “automática”, o que pode gerar problemas jurídicos, tanto para quem produz como para quem compartilha.

A segunda diz respeito ao emprego de estratégias enunciativas que visam a produzir o efeito de verdade, ainda que mantido o tom sensacionalista mencionado pelos autores. O tom de exagero é em parte uma das mais eficazes estratégias de manipulação da mídia não-comprometida com a ética do jornalismo. Ocorre aqui, contudo, que no caso das notícias com informações falsas o acontecimento narrado de modo estridente não existiu ou foi propagado fora de seu contexto original.

O terceiro aspecto está relacionado à intencionalidade e, portanto, à não-inocência por parte do seu produtor. Não se trata, pois, de um engano, mas de má fé, o que para a semiótica, pode ser traduzido como o papel de destinador e destinatário no nível narrativo, discurso sobre o contrato de veridicção.

Ainda na tentativa de uma análise mais detalhada, Müller e Souza (2019) asseveram que o estudo desse fenômeno requer não apenas sua definição, mas a diferenciação com expressões tidas como sinônimas, como o boato. Enquanto a primeira é resultado de planejamento e ação intencional na disseminação oficial de informações sempre falsas via meios digitais (formais e informais), o segundo pode conter teor de veracidade, embora sejam disseminados oralmente e

acidentalmente sempre por vias informais, tendo algum dado distorcido sobre o fato real.

Como falsa informação, espalha-se de maneira grandiosa e se fundamenta de modo a ser vista como verdade, mesmo com argumentos sólidos, há dificuldade em ser derrubada. Nesse aspecto, Silva (2018, p.11) adverte que “com a facilidade de acesso e a rapidez da internet, as *fake news* se espalham e “viralizam”, e muitas vezes é difícil reverter a situação, pois a população já foi convencida que o que foi lido é verdade”.

Assim, o discurso de uma notícia divulgada através das redes sociais se torna mais forte e instantâneo que uma divulgada por jornais e meios de comunicação oficiais. Devido sua logística de formatação das informações de forma mais criteriosa, o que requer tempo, a imprensa oficial tem travado uma verdadeira batalha para manter-se minimamente atrativa ao grande público. Fragilizam-se os contratos de veridicção e o que a semiótica designa como regimes de crença (FONTANILLE, 2013), para o que concorre em grande parte a própria mídia tradicional ao assumir enunciação expressamente tendenciosa, a fim de favorecer determinados atores políticos. Desse modo, Prego (2017) nos convoca a resistir contra a manipulação de massa:

Enquanto não houver uma participação massiva por parte das populações interessadas na luta contra a manipulação, orientada a apresentar como certas informações falsas têm, em sua maioria, o objetivo de conduzir a cidadania a uma direção ou a posições determinadas, o jornalismo estará seriamente ameaçado e, à medida em que o jornalismo estiver nesta posição, estarão também a saúde das democracias ocidentais. Ou seja, o mundo livre (PREGO, 2017, p. 21).

Tomando a prática da disseminação de textos com discurso mentiroso uma questão de saúde e ameaça à democracia, Parafraseamos Mark Twain, ao citar que “uma mentira pode fazer a volta ao mundo no mesmo tempo em que a verdade calça seus sapatos”.

O perigo iminente da proliferação de *fake news* também é debatido por Empoli (2019). Em um estudo detalhado sobre estratégias baseadas na disseminação de *fake news* para manipular o comportamento de usuários das redes sociais em decisões eleitorais, em especial a eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016, o jornalista alerta que, por seu teor sempre sensacionalista, uma mentira circula com mais rapidez do que o trabalho para se comprovar uma verdade:

Um recente estudo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) demonstrou que uma falsa informação tem, em média, 70% a mais de probabilidade de ser compartilhada na internet, pois ela é, geralmente, mais original que uma notícia verdadeira. Segundo os pesquisadores, nas redes sociais a verdade consome seis vezes mais tempo que uma *fake news* para atingir 1.500 pessoas (EMPOLI, 2019, p. 46).

Desse modo, a tradicional autoridade e credibilidade do jornalismo tem sido colocada em cheque e as fontes oficiais antes procuradas são facilmente substituídas por testemunhos de

pessoas e avaliação de terceiros que argumentam e defendem as *fake news*, sem compreender a importância de se checar um dado e um texto antes de divulgá-lo como verdade absoluta. Aqui reside o fenômeno da pós-verdade, haja vista que esse sistema de cliques e crenças não são objeto de reflexão por parte do leitor, são efeito do próprio funcionamento das redes, que desprovido das habilidades mínimas necessárias aos letramentos, e por consequência à educação midiática, atuam como replicadores de tais informações.

Para Barros (2015), no prisma da veridicção, a pós-verdade é resultante de interpretação de discursos produzidos na internet baseada sobretudo ou apenas, nas crenças, valores e emoções do leitor que as lê e interpreta, pois, as “relações modais entre o ser e o parecer, que determinam dos discursos como verdadeiros, mentirosos, secretos ou falsos, e levam seus destinatários a neles acreditar ou não, têm na internet características próprias”.

Assim, das duas principais características do discurso na internet, a autora destaca a grande quantidade de saber armazenado, e a interatividade intensa,

O destinatário desses discursos é colocado na posição de sujeito do saber e seu destinatário, devido à interatividade intensa, dele se considera, em boa parte, também como autor-destinatário. Esse destinatário, assim construído, acredita e confia nos discursos que também são seus (BARROS, 2015, p. 10).

Embora recente, essa supervalorização de fontes informais desencadeia o efeito da pós-verdade, intimamente relacionada às notícias com discurso falsa, pela incidência rotineira na sociedade, Paula et.al. (2018) reitera que, por se assegurar mais nas crenças e paixões do que em fatos.

Pode-se afirmar que o principal objetivo da pós-verdade é desorientar o leitor no seu processo de formulação de conhecimento e de formação de opinião. As *fake news*, nesse sentido, têm um relacionamento intrínseco com a pós-verdade. Elas podem ser consideradas conteúdos que buscam evocar os sentimentos do leitor e com frequência fabricar uma revolta relativa à entidade/pessoa que está sendo deslegitimada (PAULA, SILVA, BLANCO, 2018, p. 04).

Como efeito do regime de crenças estimulado nessas práticas, assistimos a uma verdadeira crise de confiança no jornalismo, na sua legitimidade e nos seus autores. Afinal, com o advento das redes sociais, todas as pessoas se tornam propagadores de notícias e é nesse território que a *fake news* se torna fértil. Movidos mais pelas paixões e afetos do que pelos argumentos racionais, os sujeitos mostram-se indiferentes a refutações enquanto aciência e a razão perdem espaço para o descaso com a verdade, a defesa de uma liberdade ilimitada para dizer qualquer coisa, a apatia com relação a informações efetivamente sérias, como vimos amplamente no caso da pandemia da Covid-19, não apenas no Brasil, mas, infelizmente, em muitas outras localidades do mundo.

Atentas a tais fenômenos que interferem diretamente no comportamento dos indivíduos

e na dinâmica social, mobilizamos Empoli (2019) para ancorar nossa argumentação de que a incitação aos discursos de ódio são efeitos colaterais de uma lógica bastante sólida, que passa diretamente pela esfera político-partidária, através da engenharia de dados, interferindo diretamente na dinâmica dos mais variados espaços sociais.

Ao reunir e comparar fatos que povoam os bastidores da corrida presidencial em diversos países europeus e dos Estados Unidos nas últimas décadas, Empoli (2019) chama a atenção para o pano de fundo dos fenômenos em tela. Segundo ele, considerando práticas populistas, a verdade dos fatos interessa menos que o que produzem as mensagens quanto a seus sentimentos e suas sensações. Nessa perspectiva, para garantir a adesão, um texto *fake* demanda, sobretudo, uma enunciação passional que visa, estrategicamente, mobilizar recursos da linguagem para “fazer sentir”. Conforme Silva (2019, p. 3), “entram em cena como elementos catalisadores as preferências e posições pessoais de um sujeito que se deixa guiar mais pela ordem dos afetos que da razão”.

Dessa forma, consideramos pertinente fazer breve incursão nas teorizações de Empoli (2019) sobre essa engenharia do universo dos dados, para compreender melhor como as *fake news* implicam na tomada de decisões no seio da sociedade mediante veiculação em larga escala, planejada milimetricamente e executada pela engenharia de dados.

Partindo do pressuposto de que todas as estratégias enunciativas empregadas em textos dessa natureza são minuciosamente planejadas por grupos e empresas especializados em Big Data³, o autor mobiliza dezenas de recortes históricos em seu trabalho investigativo sobre o mercado de manipulação de dados para fins partidários. Munidos de dados personalizados sobre os usuários de determinada rede social, esse tipo de engenharia tem influenciado as disputas eleitorais e pode ser considerado como principal responsável pela eleição de candidatos de extrema direita, mediante discursos inflamados sobre temas polêmicos que, segundo o pesquisador, já saem das agências formatados sob medida, para viralizar nas redes sociais. Ao citar a técnica conhecida como *clickbait*, utilizada por várias plataformas digitais para a divulgação de seus conteúdos, Empoli (2019) observa que, assim como as notícias virais, as *fake news* se favorecem de tal técnica:

Os títulos são sedutores, muitas vezes enganosos, outras vezes violentos. Começam quase sempre com as mesmas palavras e expressões: *Vergonhoso, Péssima notícia, Isto é a Itália!, Vocês vão ficar chocados, Basta!, É o fim!*. De início, antecipa-se a emoção, em geral negativa, que se quer suscitar. Depois, divulgada a informação, às vezes verdadeira, mas muito frequentemente falsa, convida-se à participação: *Compartilhe!, Faça circular, Máxima difusão!* O único critério de seleção, bem entendido, são os cliques. As notícias que suscitam as reações mais intensas são valorizadas, republicadas, aprofundadas. Tornam-se

³ Corporações especializadas em armazenar, gerenciar e analisar usando sistemas de banco de dados, inclusive com manipulação de comportamentos com informações de usuários de internet.

objeto de discursos e de iniciativas políticas, cavalos de batalha do Movimento. Outras, tediosas, mesmo quando mais importantes e exatas, terminam o dia no pano de fundo, dando espaço às denúncias de complô e de corrupção, reais ou imaginárias. (EMPOLI, 2019, p. 34)

Assim, o sistema de cliques, como ação automática do leitor ao acreditar no discurso lido decorrente da pós-verdade, diante da leitura de *fake news*, é visto pelo jornalista como um verdadeiro esquadrismo digital, com uma guerra pelo controle dos usuários, que agem de forma quase que inconsciente como verdadeiros soldados, replicando e disseminando discursos previamente planejados. Identifica como movimento que une de forma solidária, dois componentes, um analógico e um digital: “O fato de andar por aí com a verdade nos bolsos, na forma de um pequeno aparelho brilhante e colorido no qual basta apoiar o dedo para ter todas as respostas do mundo, influencia inevitavelmente cada um de nós” (EMPOLI, 2019, p. 44) e isso provoca reações, polêmicas e comportamentos mediados por cliques.

Como bem observa em sua crítica, as redes sociais não foram projetadas como ferramentas conspiratórias, mas “os complôs funcionam nas redes porque provocam fortes emoções, polêmicas, indignação e raiva”, que geram cliques e mantêm os usuários conectados por mais tempo, obedientes às tomadas de decisões que insinuações em textos com discurso mentiroso provocam

[...] é um ser compulsivo, empurrado por uma força irresistível para voltar à plataforma dezenas, centenas, milhares de vezes por dia, fissurado por essas pequenas doses de dopamina da qual se tornou dependente. Um estudo americano demonstrou que, em média, cada um de nós dá 2.617 toques por dia na tela do nosso smartphone. Sem dúvida, não é o comportamento de uma pessoa que esteja sã de espírito. Está mais próximo do modo de agir de um *junkie* em fase terminal, que se “aplica”, ao longo do dia, seguidas doses de *refresh* e de *likes* (EMPOLI, 2019, p.45).

Esses dados mobilizados por Empoli (2019) revelam como a sociedade, massivamente usuária das redes sociais, compra e divulga a notícia falsa com mais rapidez e ocupa até mais espaço que a verdadeira ou uma que questione ou argumente as informações falsas. Pela ausência de leitura crítica, orientada por estratégias de veridicção, as falsas informações disseminadas pelas redes sociais têm papel fundamental nesse cenário.

Mediante essa pirotecnia virtual provocada por textos estruturados em discursos enganosos, o fator emocional tem dominado as impressões, haja vista que “uma vez liberada a cólera, passa a ser possível construir qualquer tipo de operação política”, onde a única regra é o exagero. Assim, a “indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero se propagam nas telas e proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates enfadonhos da velha política” (EMPOLI, 2019 p. 52).

É nesse ambiente que a cada dia se torna impossível negar que o principal pano de fundo para o surgimento e proliferação das *fake news* é o cenário político, como o ocorrido nas últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos em 2016, e no Brasil em 2018. Com a propagação de discursos de ódio nas redes sociais, conforme ressalta o autor, acentuam os conteúdos capazes de suscitar emoções mais fortes.

O limiar de resistência face a uma nova informação ou opinião varia de pessoa para pessoa. Alguns aceitam mais facilmente porque coincidem com as convicções que já cultivam, e outros têm um grau de resistência mais elevado. Mas o certo é que quanto mais aumenta o número de pessoas que adota uma nova ideia (que as vacinas provocam autismo ou que os refugiados são terroristas, por exemplo), mais o limiar de resistência àquilo que é difícil de aceitar diminui. Uma vez atingida essa massa crítica, pode ocorrer que, de maneira relativamente indolor, uma comunidade inteira adote uma opinião ou um comportamento que inicialmente eram partilhados apenas por uma minoria muito restrita. E é o que se vê hoje com a internet e as redes sociais, que parecem feitos especialmente para acelerar e multiplicar as cascatas cognitivas (EMPOLI, 2019, p. 94).

É preciso, pois, despertar paixões. Assim, cada observador/leitor modifica uma realidade na perspectiva de seu ponto de vista pessoal, tendo as interações entre os sujeitos/usuários grande relevância na construção do efeito de verdade. Tomando como exemplo a esfera política, ao contrário do que se imaginou, o objetivo de fenômenos arquitetados para ludibriar os usuários de redes sociais não é o de eleger determinado candidato, mas o de destruir seu adversário, persuadindo o leitor/usuário através da engenharia das redes. Para isso, não importam questões de ordem ética, o objetivo fim é o de persuadir o destinatário das mensagens. Segundo o Relatório do Observatório da Comunicação Palácio Foz de Lisboa, Obercom (2018), entre as instituições que mais têm sido envolvidas e responsabilizadas pela disseminação de *fake news* e desinformação de uma forma geral, as redes sociais parecem encontrar-se no centro das atenções.

Elas representam um novo espaço para *fake news*: alargado, instantâneo e de partilha de informação em rede. Para além disso, e no que diz respeito às eleições norte-americanas de 2016, que estas detiveram um papel importante no que se refere à interferência exterior, levando de alguma forma a condicionar os resultados finais, o que leva a que o seu papel seja ainda mais debatido e questionado (CARDOSO et. al, 2018, p. 27).

Mais especificamente no início de 2020, com o avanço da Covid-19 pelo mundo, a pandemia não tem sido apenas do vírus, mas de informações inverídicas. Sobre o efeito que as informações falsas acarretam no cosmos social, diante a situações de alerta como a do Coronavírus, em entrevista à Agência Brasil, Igor Sacramento, pesquisador da Fiocruz ressalta que bem antes do advento da internet, os boatos sempre acompanharam epidemias ao longo da história, e “as pessoas têm confiado cada vez mais em discurso e informações que não são baseadas em evidências nem na ciência” (SACRAMENTO, 2020, s/p).

Com o distanciamento social, a suspensão de diversas atividades econômicas, a adoção

do *home office*, e o conseqüente aumento no acesso às redes diariamente, a repercussão de informações falsas e/ou não-comprovadas relativas à Covid-19 esteve no topo das discussões durante os primeiros seis meses de pandemia. Assim, as *fake news* relacionadas a esse tema tiveram campo fértil.

Em um mundo de valores invertidos, a informação se tornou questionável e muitos ainda falam que cada pessoa tem “a sua verdade”, reforçando o regime de crenças. Um pouquinho é responsabilidade das práticas de leitura que permeiam as redes sociais. Pela celeridade das relações sociais, ou pelo comodismo decorrente da ausência de habilidades necessárias ao letramento midiático, o leitor/usuário busca facilidade, algo já pronto. Mas é imprescindível transformar tais questões e fazer a checagem dos dados e argumentos antes de espalhar como verdade.

Sobre os mecanismos de checagem, à medida que as *fake news* ganharam lugar de destaque no cenário mundial, observamos o surgimento de organizações, empresas e postos de trabalho que se especializam em realizar a checagem das informações, como Obercom (2018) pontua:

Quanto a *fact-checking*, o número de sites de *fact-checking* independentes tem vindo a crescer. Em 2016, cerca de 60% sites na Europa eram projetos independentes ou ligados a organizações civis, indicador interessante no que diz respeito à vontade pública, não formalmente institucional, para melhorar a qualidade noticiosa e informativa (CARDOSO et. al 2018, p. 9).

Tais organismos também se baseiam na perspectiva que a busca pela verdade dos fatos e o combate às notícias falsas é uma busca em realizar a vontade pública. A vontade de se informar de maneira correta carece da verificação dos fatos que dão origem às informações “como um trabalho de curadoria para verificar a verdade ou falsidade de mensagens veiculadas na rede” (SILVA, 2019, p. 5).

Para Silva (2018), a produção e veiculação de *fake news*, bem como a pós-verdade, resultado dessa prática, tornou-se rapidamente uma cultura arraigada no tecido social, porque não depende apenas da tecnologia e das redes sociais resultantes desta, depende de sujeitos que a operem e tenham aderido a essa forma de vida. Combater esse fenômeno é um dos grandes desafios da sociedade atual, e esse trabalho perpassa todas as esferas sociais, em especial a da educação sistematizada pela escola.

Seria uma grande utopia pensar que se pode acabar com a produção de *fake news*, já que sempre existirão pessoas para criá-las, seja por interesse político, social ou simplesmente por maldade. Entretanto, é possível pensar em educar a sociedade para lidar com as notícias falsas, para que saibam identificá-las e para que compreendam a importância de não as passar adiante (SILVA, 2018, p. 11).

Dessa forma, para refletir sobre *fake news* é necessária a construção de uma análise

que leve em conta quais são as motivações, interesses políticos, econômicos e ideológicos, e de que forma isso se reflete nas notícias falsas disseminadas amplamente e na maneira como elas são construídas, forjando serem verdade. Para adotar tal postura, perpassa por questões éticas, de leitura e produção e é essa a grande missão da escola.

É possível que a educação seja a solução para amenizar o compartilhamento de inverdades, e para isso de fato acontecer, professores de todas as disciplinas devem assumir o papel de formadores de cidadãos com senso crítico aguçado, que desenvolvam habilidades de leitura cautelosa, que gostem de pesquisa e que saibam filtrar os materiais que leem (SILVA, 2018, p. 11).

Logo, devemos nos questionar: como ler textos nesse momento em que a difusão de informações falsas é veiculada em larga escala? É consenso entre os autores aqui mobilizados que o caminho mais viável para o combate a esse fenômeno é o de desenvolver outras práticas de leitura num viés investigativo e reflexivo. Para isso, não se pode estar preso a elementos superficiais do texto e, no caso das *fake news*, nem podem muitas vezes limitar-se apenas ao próprio texto para verificar o grau de confiabilidade do que se diz.

É sobre esse papel da escola e da leitura que podemos observar a importância de identificar as *fake news* em outros espaços sociais além da sala de aula, que trataremos a seguir.

2.1 Práticas de leitura e *fake news* na BNCC

A educação, mesmo não tendo um caráter precipuamente político, assume um lugar de resistência a todas as formas de ideologias que escusam a verdade dos fatos.

Carlos Eduardo Gomes Nascimento

Com a finalidade de orientar sistemas de ensino sobre propostas didáticas para o processo ensino-aprendizagem em busca da melhoria nos índices educacionais no Brasil, desde 1998 os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN, têm sido referência para o currículo das escolas públicas de todo o país. Resultado do processo histórico de desenvolvimento de políticas de fomento à educação pública de qualidade, a exemplo da criação do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, até o advento da Base Nacional Comum Curricular, BNCC, os PCN foram verdadeiros guias para as propostas pedagógicas dos currículos escolares da Educação Básica.

De acordo com o documento, entre os objetivos estipulados para o Ensino Fundamental, destacamos:

Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; utilizar as diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos (BRASIL 1998, p. 7).

Tomando como referência o ensino de Língua Portuguesa, além da orientação sobre conteúdos e práticas de ensino centrados no uso da linguagem, o documento traz como pano de fundo concepções que primam pela democratização do acesso ao conhecimento como forma de inclusão social, para isso estabelecendo fundamentos que nortearam as perspectivas pedagógicas a serem adotadas nas escolas brasileiras: “ a democratização das oportunidades educacionais começa a ser levada em consideração em sua dimensão política, também no que diz respeito aos aspectos intraescolares” (BRASIL, 1998 p. 19)

Nesse bojo, os PCN de Língua Portuguesa adotam o texto como elemento central em torno do qual se organizam os conteúdos e reflexões em torno da língua. Ao mesmo tempo, os textos são compreendidos em função de sua condição de inscrição como gênero, tendo como objetivo central do ensino desenvolver no aluno sua competência discursiva, linguística e estilística. As escolas foram então orientadas a proporcionar o desenvolvimento da expressividade nas modalidades oral e escrita, considerando que as práticas correspondentes a diversas situações de uso da linguagem,

[...] levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical (BRASIL, 1998, p. 49).

Embora a elaboração dos PCN tenha contribuído grandemente para o ensino de Língua Portuguesa, ampliando as noções de língua, linguagem e texto para além da prática considerada tradicional que privilegia atividades descontextualizadas, reduzidas ao âmbito do fonema, da palavra ou da frase, assim como atenção à metalinguagem gramatical em detrimento do uso e reflexão sobre a língua, observa-se que as concepções e práticas de leitura e produção em Língua Portuguesa não se traduziam como um currículo a organizar os saberes demandados.

Como documento situado num dado contexto histórico, os PCN não compreendiam gêneros emergentes das Tecnologias da Informação e Comunicação, TIC, oriundos dos usos da internet, embora já abordassem recursos midiáticos para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, como o CD-ROM, multimídia e hipertexto.

Por combinarem diferentes linguagens e atividades multidisciplinares, favorecem a construção de uma representação não-linear do conhecimento, permitindo que cada um, segundo seu ritmo e interesse, possa dirigir sua aprendizagem: buscando informação complementar, selecionando em um texto uma ligação com outro documento, por uma palavra ou expressão ressaltada; buscando representações em outras linguagens - imagem, som, animação - com as quais pode interagir na construção de uma representação mais realista (BRASIL, 1998 p. 90, 91).

Na reflexão sobre hipertexto e a não linearidade implicada, temos a indicação de modos

que se apresentavam promissores para o que viria a constituir-se como formas de leitura mais contemporâneas e hoje mais familiares, dado o maior acesso dos sujeitos às mídias digitais. Como consequência, durante muito tempo foi tímida a presença de textos e práticas de leitura e produção que incluíssem gêneros multissemióticos, com o uso de recursos visuais no ensino de Língua Portuguesa, por não estarem ainda tão massificados no cotidiano social no momento da elaboração dos PCN.

Os gêneros então emergentes, inicialmente ignorados pela escola, aos poucos encontram sua razão de ser nas práticas de ensino e se apresentam com lugar de destaque na Base Nacional Comum Curricular, BNCC, é o que observa Ganzela (2018):

Lendo ambos os documentos, percebemos que a concepção de linguagem continua a mesma. Aliás, é a concepção mais moderna e aceita atualmente, que entende a linguagem como produto da interação social. Continuamos com o texto como objetivo central do processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Seguimos com as orientações para trabalhar os gêneros discursivos e seus contextos de produção; desenvolver as práticas escritas e orais e conduzir a reflexão sobre a linguagem por meio de práticas de análise linguística. Tudo isso já compunha o norte curricular dos PCNs. Nesses itens, continuamos em um bom caminho. Mas de 1998 até hoje, já se passaram 20 anos. Uma reforma curricular não poderia ignorar esse período temporal. Foram 2 décadas de avanços nos estudos sobre ensino de língua e literatura. Assim, encontramos novos elementos que devem compor as temáticas das aulas de português. Uma presença mais robusta da literatura. Análise Linguística e Gramática. Multiletramentos (GANZELA, 2018, s/p).

Sobre o documento recém-elaborado, e ainda em fase de implantação em substituição às orientações dos PCN, a principal observação a ser pontuada sobre o Ensino de Língua Portuguesa é a contribuição que os estudos sobre as semioses têm trazido ao cotidiano da sala de aula. Não se trata, conforme Ganzela, de uma outra perspectiva com relação à concepção de linguagem, que continua compreendida como interação, na esteira do pensamento bakhtiniano. Embora não acreditemos que a literatura passe a ter efetivamente um tratamento realmente atento, ainda que para ela tenha sido destinado um campo específico (o artístico-literário), os gêneros multissemióticos passam a ter um lugar de privilégio, sendo assumida a orientação para os multiletramentos.

Termos como hipertexto, intertexto, composição visual, e multiletramentos, estão diariamente perpassando as propostas didáticas que valorizam o texto como prática social, numa concepção ampla de leitura que valida e valoriza a multimodalidade que os meios digitais trazem à sala de aula, estando o texto sincrético em lugar de destaque em tais materiais.

Uma das mudanças mais latentes nos últimos anos, em termos de ensino de língua, diz respeito às práticas de multiletramentos. Os avanços tecnológicos e a sociedade conectada foram um campo fértil para o surgimento de novos gêneros discursivos, multimodais, colaborativos e híbridos. Ler significa, em sua completude, ler múltiplas linguagens, todas presentes em um único texto, muitas vezes: verbal escrita, verbal oral, sonora não verbal, visual etc. A escola não poderia continuar à margem dessas práticas sociais (GANZELA, 2018, s/p).

A principal diferença entre os dois documentos pode ser pontuada justamente pela ausência da multimodalidade nos PCN e presente na BNCC. Este último documento traz reunidos objetos de conhecimento a serem alcançados e habilidades a serem estimuladas a cada ciclo do percurso educativo, com a função de nortear os planos de curso dos diferentes currículos de cada ente federado no Brasil.

Assim como já delimitado nos PCN, a BNCC está baseada na perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, “para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20)

Com base nessa perspectiva, o documento já em vigor reconhece o texto como unidade de trabalho para a interação social, relacionando os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades necessárias em várias mídias e semioses.

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas (BRASIL, 2018, p. 67).

Diante da evolução digital e da influência que o uso massificado da internet exerce na rotina escolar, a BNCC orienta que a escola proporcione experiências que estimulem aquisição dos multiletramentos, “de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p 68).

O documento detalha ainda que as práticas de linguagem decorrentes do uso de ferramentas digitais não só envolvem gêneros e textos cada vez mais multissemióticos veiculados em diferentes suportes, em especial os midiáticos, mas novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. Nesse cenário o documento sinaliza que “as novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web” (BRASIL, 2018, p. 68).

Nesse ponto, é que baseamos nossa proposta de pesquisa. Haja vista que, para uma ética da leitura como defendida por Silva (2019), faz-se necessária essa reflexão não apenas sobre a leitura, como também sobre o uso de tais recursos no convívio social.

Entre os gêneros textuais presentes na BNCC, as práticas de linguagem foram organizadas em cinco campos: da vida cotidiana; artístico-literário; de estudo e pesquisa;

atuação na vida pública, e o jornalístico-midiático, sendo este último objeto de nosso trabalho. Com base nessa divisão inicial, o documento norteia as práticas de linguagem por campos de atuação, enfatizando a importância da contextualização entre conhecimento escolar e experiência da vida em sociedade, relação inerente à produção de sentido pelo aluno ao deparar-se com tal prática.

Essa nova modalidade de leitura com constante interação do interlocutor possibilita um novo perfil de usuário tornando o leitor uma espécie de *lautor*, neologismo decorrente do hibridismo na junção das práticas de leitura e autoria, como aponta Rojo (2013) ao tratar dos multiletramentos e textos multissemióticos.

Remetendo ao trabalho de Beaudouin (2002), Rojo (2013) emprega o termo “*lautor*”, para referir-se a essa duplicidade que hibridiza os papéis temáticos de autor e leitor. Em vez das anotações nas margens, prática comum aos leitores que registram suas impressões no papel, as tecnologias contemporâneas possibilitam que leitura e escrita possam constituir-se mesmo simultaneamente, dando lugar a novos modos de ler e de escrever.

Por esse processo interativo que a leitura de textos multissemióticos em suportes digitais proporciona, é que o documento norteador do currículo nacional pontua em tese, que “a Web é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente”. E delega à escola, a tarefa de desenvolver as habilidades para o uso social da leitura e produção das diferentes semioses.

Ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na Web. A contrapartida do fato de que todos podem postar quase tudo é que os critérios editoriais e seleção do que é adequado, bom, fidedigno não estão “garantidos” de início. Passamos a depender de curadores ou de uma curadoria própria, que supõe o desenvolvimento de diferentes habilidades (BRASIL, 2018, p. 68).

Vale observar que essa democratização em rede também facilitou atuação com um viés negativo. O território sem fronteiras que o meio digital criou vai além de divisas geográficas, tem livre acesso a diferentes correntes ideológicas, e decorrente disso, práticas antiéticas e até criminosas, como a disseminação de *fake news* e consequente produção de pós-verdade. Sobre os problemas decorrentes do uso massificado de gêneros do campo jornalístico-midiático, a BNCC adverte que:

A viralização de conteúdos/publicações fomenta fenômenos como o da pós-verdade, em que as opiniões importam mais do que os fatos em si. Nesse contexto, torna-se menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu [...] Não se trata de querer impor a tradição a qualquer custo, mas de refletir sobre as redefinições desses limites e de desenvolver habilidades para esse trato, inclusive refletindo sobre questões envolvendo o excesso de exposição nas redes sociais. Em nome da liberdade de expressão, não se pode dizer qualquer coisa em qualquer situação. [...] Assim, compete à escola garantir o trato, cada vez mais necessário, com a diversidade, com a diferença (BRASIL, 2018, p. 68).

Dessa forma, os textos do campo jornalístico-midiático que circulam na internet devem ser ferramentas não apenas para a aquisição de competências cognitivas, mas de postura ética. Posicionando-se diante do que lê, a interação do sujeito se dará de forma crítica, passando de mero consumidor a produtor de conhecimento, capaz de mobilizar recursos expressivos na elaboração de informação.

Nessa postura, encontramos um tipo de letramento fundamental à era da informação e do conhecimento, o letramento midiático. Como pontuam Bittencourt, Ferreira e Rocha (sd), por estar presente em todas as áreas do conhecimento, é um trabalho interdisciplinar

De forma a apresentar inúmeras informações rapidamente e de fácil acesso, a mídia seduz, conquista e convence, muitas vezes, a maioria de seus interlocutores. Com isso, não cabe à educação simplesmente ignorá-la, se a mídia perpetua à vida cotidiana de alunos e professores, nada mais relevante que ela também esteja presente na caminhada escolar (BITTENCOURT, FERREIRA E ROCHA sd, p. 05).

Deste modo, desafiar-se à aquisição do letramento midiático requer do professor a adoção de novas práticas e novas ferramentas, “em que a internet, a TV, o jornal, o rádio entre outros fazem parte estimulando os envolvidos nesta proposta de renovação, promovendo a interdisciplinaridade com o grupo escolar” (BITTENCOURT, FERREIRA E ROCHA sd, p. 05). A aquisição dessa habilidade deve partir da escola para seu uso social, para que, antes de tornar-se competente na manipulação de ferramentas digitais, o *lautor* seja ético, autônomo e crítico. Sobre a aquisição desse letramento, a BNCC ressalta:

Eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários. (BRASIL, 2018, p. 69)

Para além do letramento midiático preconizado pela BNCC, escolhemos aqui utilizar o termo educação midiática, por compreender que a educação tem uma dimensão mais ampla e complexa que o letramento. Envolve não apenas as questões cognitivas, mas socioemocionais e de ordem ética, culminando no exercício correto da cidadania, seja de forma física ou virtual.

Sobre as habilidades que a educação midiática requer do usuário/leitor, o documento adverte que o escrito/impreso não foi abolido. “Não se trata de deixar de considerar gêneros e práticas consagrados pela escola, mas de contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais” (BRASIL, 2018, p. 69). Na proposta de contemplar a cultura digital, a BNCC reconhece as múltiplas linguagens e diferentes letramentos, “desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a

hipermídia” (BRASIL, 2018, p.70-72).

Dessa forma, a prática de leitura de diferentes gêneros no suporte digital alia-se de forma bem próxima às práticas de uso e reflexão de tais discursos. Esse processo, segundo a BNCC, deve contemplar habilidades como reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana, e a reflexão crítica sobre as temáticas tratadas e validade das informações.

Concentrando-nos na análise no fenômeno *fake news* e suas implicações, à luz das estratégias enunciativas presentes em diferentes semioses, entre as habilidades elaboradas pela BNCC, destacamos as relativas aos planos da expressão e plasticidade:

Compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos:

Identificar implícitos e os efeitos de sentido decorrentes de determinados usos expressivos da linguagem, da pontuação e de outras notações, da escolha de determinadas palavras ou expressões e identificar efeitos de ironia ou humor.

Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação de imagens (enquadramento, ângulo/vetor, cor, brilho, contraste), de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix) e da performance – movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico e elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) que nela se relacionam. Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização etc. em artefatos sonoros (BRASIL, 2018, p. 73).

Pela relação de habilidades acima elencadas, observamos que se trata de considerar como objeto de ensino muito mais do que textos impressos, considerando agora gêneros multimodais e os efeitos de sentido produzido pelos arranjos das várias linguagens (visual, sonora, gestual etc.), o que complexifica em muito o que tradicionalmente se fazia presente nas aulas de língua portuguesa na Educação Básica.

Para a compreensão dos mecanismos mobilizados na construção de um discurso, o documento elenca ainda treze estratégias e procedimentos de leitura, entre os quais destacamos “apreender os sentidos globais do texto”, considerando que a arregimentação de diferentes linguagens concorre para uma orientação de sentido.

Para melhor ilustrar a proposta da BNCC, voltando ao nosso *locus* de pesquisa, selecionamos habilidades elencadas no Documento Curricular do Tocantins concernentes à prática da leitura dos gêneros do campo jornalístico-midiático. Como ponto de análise, tomamos como referência as habilidades estabelecidas para o 9º ano do Ensino Fundamental. No eixo da leitura, especificamente a que se realiza no meio digital, em especial nas redes sociais, consideramos pertinentes as habilidades:

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de

diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

(EF89LP24) Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis (TOCANTINS 2019, p. 201).

Conforme os documentos orientam, ao se trabalhar a leitura de textos no suporte digital, é fundamental refletir sobre as práticas que disseminam *fake news*, orientando os alunos quanto sua postura de leitor crítico e participativo.

Com o surgimento das redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram), se faz necessário propor um trabalho que parta das experiências deles nesses espaços e queos prepare para analisar e averiguar os diferentes elementos que constituem (ou não)a credibilidade dessas mensagens (TOCANTINS 2019, p. 202).

Esse processo deve contemplar, segundo o DCT, a leitura desconfiada e investigativa que defendemos, principalmente pela comparação de informações que o sistema de checagem nos coloca, assim como pela tomada de posição diante do que lemos.

A partir do disposto na BNCC, buscamos propostas didáticas que auxiliem a escola e o professor nesse processo de mediação de leitura crítica. Dos materiais já em circulação, escolhemos as orientações do programa de educação midiática do Instituto Palavra Aberta, a saber Educamídia, que apresenta habilidades necessárias às práticas de leitura na contemporaneidade de forma dinâmica e bem ilustrativa, servindo como guia para o trabalho com a leitura de *fake news* em sala de aula. De acordo com o programa, essas habilidades estão organizadas em três pilares centrais: ler, escrever e participar.

No eixo da leitura, temos o letramento da informação - Dominar técnicas de busca, curadoria e produção de conhecimento; e a análise crítica da mídia - Realizar, de forma habitual, a leitura reflexiva de textos de mídia em qualquer formato. No eixo escrita, autoexpressão como demonstrar habilidades de produção de mídia fundamentadas em uma escrita técnica ou criativa bem desenvolvida; e fluência digital com ampla gama de ferramentas digitais e ter flexibilidade para encontrar e adaptar-se a novas ferramentas. Já no eixo da participação, participação cívica como demonstrar capacidade de solucionar problemas, buscar ajuda e atuar na sociedade fazendo uso de textos de mídia; e cidadania digital com Utilizar de recursos de mídiapara autoexpressão e interação com outros de forma segura, responsável e consciente⁴.

Na prática da leitura, o programa ressalta a importância das técnicas de busca e curadoria da informação, para avaliar criticamente estratégias enunciativas como a intenção e a qualidade da informação encontrada. Compreender o papel da mídia e o direito à comunicação, refletir

⁴ Habilidades da Educação Midiática. Disponível em: <https://educamidia.org.br/assets/pdf/Educamidia_Habilidades.pdf>. Acesso em 03 mar. 2021.

sobre o que foi dito, como foi dito e até o que não foi dito, o que implicando a dimensão do implícito quanto a do silêncio (ORLANDI, 1993).

Considerados “o quarto poder”, em alusão à divisão de poderes de uma democracia em executivo, legislativo e judiciário, pela influência que exerce no seio social, o modo de dizer dos jornais e portais de notícia explicitam seu alinhamento político e ideológico. Assim, determinada em grande parte pelo viés político-partidário, as informações veiculadas por determinado veículo utilizam escolhas discursivas em determinadas direções para impedir que outras perspectivas sobre a realidade sejam também enunciadas e, portanto, lidas. Assim, por exemplo, em vez de afirmar a gravidade do número de doentes e mortos pela COVID-19, a notícia pode ressaltar o quantitativo de curados, salientando, pois, o aspecto positivo enquanto negligencia a falta de uma política efetiva de combate à pandemia.

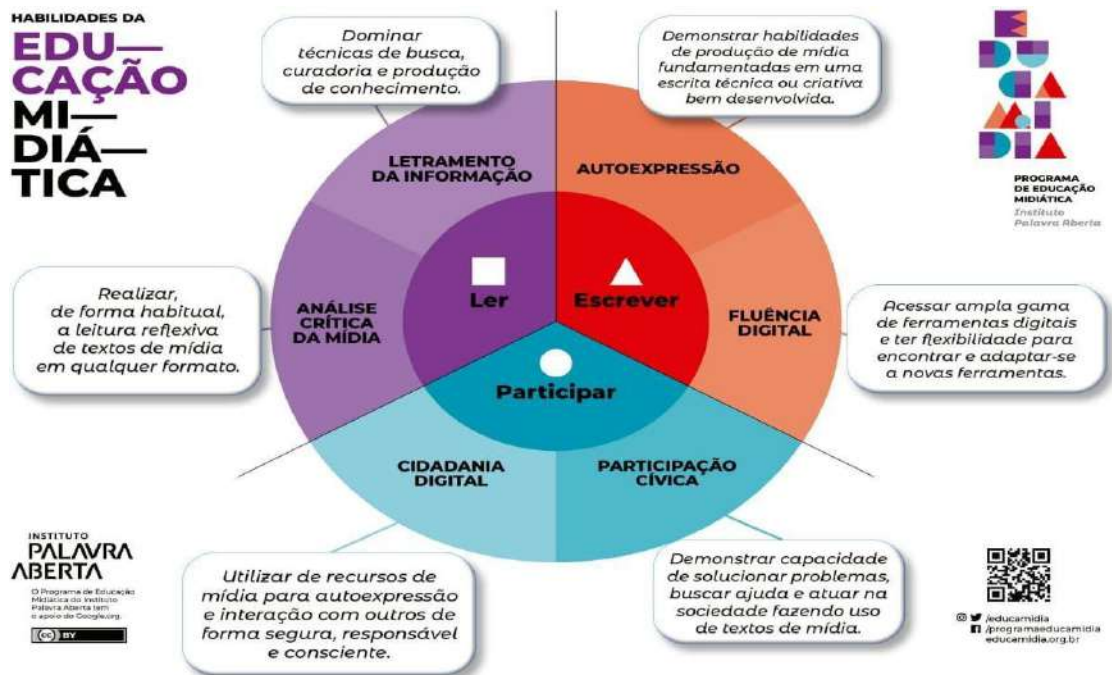
Ler, portanto, deve levar em conta a compreensão sobre os modos de dizer, as escolhas eufêmicas marcadas no léxico ou pelo vocabulário agressivo que denuncia a enunciação passional, o que insinua, mas não assume (implícitos) e o que silencia para privilegiar uma perspectiva sobre o real.

Na escrita, apresenta a fluência digital como o domínio do repertório básico das ferramentas de produção e compartilhamento como links, layouts, que abordaremos por meio das técnicas de ancoragem e debreagem em Fiorin (2016), para conferir efeito de verdade ao discurso.

Por último, na participação, encontramos a questão ética identificada pela “cidadania digital e à participação cívica”, que orienta o leitor/internauta quanto à responsabilidade no ato de comentar e compartilhar informações para que “atuem no combate à desinformação e ao discurso de ódio e construam narrativas midiáticas dedicadas a alguma causa ou serviço”, englobando o que a educação midiática nos propõe.

Essas habilidades encontram-se organizadas num gráfico (Fig. 1), no qual se articulam diferentes eixos relacionados aos elementos centrais: a leitura, a escrita e a participação.

Figura 1 - Habilidades da educação midiática



Fonte: Educamídia

O programa Educamídia estabelece ainda objetivos distintos ao professor e ao aluno, haja vista que se é na escola que a aquisição dessa competência leitora será construída, é primordial que o professor tenha acesso à gama de informações que subsidiarão sua prática em sala de aula. Assim compete ao professor:

- Explorar** - novas abordagens pedagógicas proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação;
- Promover** - uma cultura de aprendizagem que estimule a curiosidade e o aprendizado contínuo;
- Facilitar** - a aprendizagem significativa, fazendo uso de recursos de mídia;
- Guiar** - os alunos para práticas éticas, legais e seguras no ambiente digital e fora dele;
- Criar** - experiências engajadoras que levem os alunos a participar e contribuir para a sociedade de maneira crítica, ética e responsável⁵.

Nesse projeto de estimular a construção de senso crítico pelo aluno, para que seja capaz de distinguir fatos de opiniões, de auferir o sentido de verdade e mentira, antes de compartilhar informações, estabelece para o aluno:

- Analisar** - de forma crítica, e habitualmente, os textos de mídia em qualquer formato - dos impressos à internet;
- Compreender** - os mecanismos de busca, curadoria e produção de conhecimento;
- Acessar** - uma ampla gama de ferramentas digitais e ter flexibilidade para encontrar e adaptar-se a novas ferramentas;
- Aplicar** - o conhecimento do ambiente informacional e midiático para solucionar problemas, para o exercício da cidadania e para a autoexpressão;
- Criar** - peças de mídia fundamentadas em uma escrita técnica ou criativa bem desenvolvida, de forma ética e responsável⁶.

⁵ Idem nota 4

⁶ Idem nota 4

Conforme já apontado por Silva (2019), essa formação que envolve a leitura das produções advindas das mídias demanda fazeres que se voltam para aspectos internos aos textos (analisar, compreender), já bem desenvolvidos pela semiótica discursiva a partir da perspectiva da imanência, mas também apontam para práticas distintas das que se relacionavam à leitura do impresso (acessar, aplicar), o que leva a ampliar o escopo da teoria para o plano das práticas (FONTANILLE, 2013). Ao mesmo tempo, observando os apontamentos do Educamídia, abrem-se novas possibilidades de autoria (criar), prática do *lautor*, já mencionado.

Para se apropriar das ferramentas e linguagens que garantem autonomia ao sujeito leitor para ler criticamente e produzir com responsabilidade, é necessário educar para a informação e para o exercício da cidadania digital e participação cívica, relacionados na Fig.

1. Para a construção de conhecimentos necessários à atuação social, perante as constantes transformações que a era digital oferece, a mediação da escola e do professor são fundamentais, o que corresponde ao desenvolvimento de multiletramentos, entre eles o midiático.

Conforme Rojo (2013), o conceito de multiletramentos é articulado inicialmente pelo Grupo de Nova Londres, mobilizado o prefixo “multi” para atender simultaneamente a múltiplas práticas de letramento contemporâneas e a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias, além de levar em conta, sob a perspectiva multicultural, a pluralidade e a diversidade culturais, que definem interesses e demandas específicos de saberes e usos da linguagem. Ressalta Rojo o caráter de aluno multicultural, com identidades multifacetadas em função dos papéis sociais que assume e situações em que atua, a demandar, diante das transformações sociais complexas e aceleradas, adaptações constantes ao devir. A escola, portanto, não poderia mais prender-se a conteúdos e gêneros apreendidos de modo rígido, como estruturas fechadas, porque as dinâmicas sociais impõem cotidianamente a urgência de mobilização de novos saberes, novas práticas de linguagem, todas exigindo capacidade de reflexão e criticidade.

Nesse contexto, as investigações da semiótica conferem grande contribuição às práticas de leitura, hoje intimamente ligadas aos multiletramentos, em especial o midiático. Haja vista que, enquanto teoria geral da significação, através das práticas semióticas podemos alcançar análise crítica das astúcias enunciativas presentes no discurso produzido em textos diversos, em especial os sincréticos. Sobre esse desafio, apresentamos a seguir breves considerações sobre as contribuições da Semiótica discursiva para as práticas de leitura que o meio digital exige.

2.2 A relação entre verbal e visual em textos sincréticos

Em todas as situações comunicativas, sejam escritas, orais ou audiovisuais, a produção

e a emissão de mensagens devem ser pensadas, planejadas e elaboradas de forma ordenada para ser compreendida pelos receptores. Tal interação se processa por meio de nossa fala, nossa escrita, gestos e as representações gráficas que produzimos nas diferentes semioses que a enunciação permite às relações comunicativas.

Em um mundo completamente inserido na perpetuação das imagens e demais semioses, que em certo grau substituem as formas de comunicação realizada no suporte escrito e impresso, percebe-se que a linguagem como fruto da evolução humana e da conjuntura social em constante transformação, hoje reconhece as diferentes manifestações da comunicação humana, elaboradas no seio das relações sociais. Dessa forma, é primordial a compreensão do valor dos textos constituídos por multiplicidade de linguagens para a aquisição de competências necessárias à participação social.

Ao discutir metodologias de leitura de textos multimodais, doravante multissemióticos, Sousa e Teixeira (2014) observam que, no mundo da mistura das linguagens, “o livro e a palavra convivem com os demais produtos culturais e associam-se à rede de informação disponível em tantos outros suportes e modos de expressão” (SOUSA; TEIXEIRA, 2014, p. 315).

Retomando a noção de texto enquanto discurso, por sua vez produto da enunciação, devemos ter em mente o conceito de multissemiose, como estratégia enunciativa que possibilita a reunião de múltiplas linguagens para produzir sentido.

Reconhecer a multissemiose é ter a compreensão de que todos os tipos de linguagem são fonte de informação e integram processos comunicacionais. Nesse aspecto, consideram que:

Para tratar da “heterogeneidade multimodal” dos textos, observa a resolução sincrética que os submete a uma estratégia enunciativa. Textos constituídos de diferentes linguagens de manifestação não podem ser analisados apenas pelas correspondências, superposições e relações estabelecidas entre as diferentes linguagens. É preciso pensar que “a resolução da heterogeneidade multimodal deve [...] ser intersemiótica, chegando aos sincretismos” (SOUSA; TEIXEIRA 2019, p. 53).

A essa mistura de diferentes formas de expressão que constituem as multissemioses, Sousa e Teixeira (2019) relacionam ao sincrético, fruto da mobilização de múltiplas linguagens para alcançar um objetivo comum, “como um programa de televisão, um filme, um cartaz, uma história em quadrinhos entre outros”, que têm público-alvo e finalidade específicos, motivo pelo qual são organizados em diferentes formatos e suportes. (SOUSA; TEIXEIRA, 2019, p. 53).

Para a leitura de textos caracterizados pelas relações entre diferentes linguagens, as autoras apontam duas linhas da semiótica: a social e a discursiva. Embora reconheçam esse outro caminho teórico, detêm sua análise nos textos em que o plano da expressão é constituído pelo uso simultâneo de elementos visuais e linguísticos, tais como cores e ângulos em interação

com processos verbais e adjetivos, como estratégias de convencimento. Assim, apontam as operações enunciativas em três níveis (fundamental, narrativo e discursivo) observado no arranjo entre o texto verbal e imagens, constituindo uma unidade verbo-visual. Aqui reside o sincretismo, estudado pelos semioticistas como a mobilização de linguagens diversas reunidas na mesma enunciação, numa unidade de expressão, para o mesmo fim, produzir determinado efeito perante a leitura de tal discurso.

Também sobre a multisssemiose dos textos contemporâneos, Rojo (2012) pontua que “sejam impressos, digitais ou analógicos, as imagens e o arranjo de diagramação impregnam e fazem significar os textos contemporâneos” (ROJO, 2012, p 19), o que exige capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para fazer significar.

Nesse aspecto, Sousa e Teixeira (2019) nos orientam sobre a noção do sincretismo:

Para dar conta de textos formados pela multiplicidade de linguagens, como um cartaz, uma página de jornal, um blog ou uma história em quadrinhos, a semiótica operacionaliza o conceito de sincretismo. Serão definidos como sincréticos os textos cujo plano de expressão é caracterizado pela mobilização de múltiplas linguagens apreendidas na mesma enunciação (SOUSA; TEIXEIRA 2014, p. 20).

As autoras pontuam ainda que, para a semiótica, o estudo dos textos sincréticos tem a missão de descrever e explicar as estratégias de construção do efeito de unidade, observando como as diferentes substâncias do plano da expressão se articulam para produzir uma forma coerente e apreensível como um todo no plano do conteúdo.

Ora, se a linguística, enquanto ciência que estuda as diferentes manifestações da Língua, reconhece a validade dos textos tidos como sincréticos, faz-se necessário que o estudo dos textos nesse formato seja rotina na escola. O que as pesquisadoras apontam como a missão de capacitar o aluno para o uso social de tal habilidade:

O estudo de textos sincréticos tem como tarefa descrever e explicar as estratégias enunciativas que criam o efeito de unidade em cada um desses textos, observando como as diferentes manifestações do plano da expressão se articulam para produzir uma forma da expressão que corresponda a uma totalidade de conteúdo. Essas estratégias estão definidas em práxis enunciativas que organizam a comunicação, estabelecem previsibilidades de produção e interpretação e preveem a inscrição de novas formas de dizer (SOUSA; TEIXEIRA, 2019, p. 53).

Pela mudança histórica da dinâmica social e o avanço das mídias, vivemos também a mudança dos textos através dos artefatos digitais que permeiam nosso cotidiano. Dessa forma, as novas práticas de leitura exigem além do letramento verbal, muitas outras linguagens. Com isso é possível estabelecer as regularidades constitutivas das *fake news*, pois a competência leitora de textos sincréticos é essencial para as práticas de leitura crítica diante do fenômeno em tela e que a contemporaneidade exige.

Sobre a competência de ler e analisar a composição sincrética de determinada estratégia

enunciativa, bem como de produzir e situar-se perante diferentes discursos em diferentes suportes que se colocam ao aluno, temos os multiletramentos como prática que possibilita a aquisição de competências de leitura e produção que nos fazem ver além do texto em si. Trataremos dessa questão no item a seguir.

2.3 Ainda sobre multiletramentos na escola

O real entendimento sobre o papel da educação na sociedade tem em seu cerne as questões sociais. Toda pessoa fala a partir do seu lugar social e é com conhecimento desta realidade e do propósito que a educação tem de formar sujeitos autônomos e críticos que os diversos letramentos presentes na sociedade devem ser trabalhados, desde as crianças até os adultos.

Cabe à educação a transformação da realidade e as melhorias que ela necessita. O processo de ensino e aprendizagem deve mostrar os caminhos para preparar o aluno para viver no mundo e modificá-lo para melhor. Por isso, a formação do professor deve valorizar os contextos, a multimodalidade dos textos e a valorização do imagético, do sonoro e até mesmo do gestual. No mundo globalizado e conectado, todas as formas de fazer comunicação devem ser valorizadas e apreendidas. Dessa forma, o letramento pode ser entendido como a capacidade de utilizar a tecnologia da leitura e escrita numa dada prática social.

Considerando todos os avanços sociais, entre eles o tecnológico, Sousa e Teixeira (2019) pontuam que essa competência “lança o sujeito nas práticas sociais da leitura e da escrita, permitindo-lhe que delas se aproprie”.

Sobre essa evolução e as novas estratégias de leitura que se impõem à escola para garantir os letramentos, as pesquisadoras vão além da teorização de Soares (2009) ao abordar o termo “multiletramentos” como prática de leitura resultante das mudanças sociais impostas pelo meio digital na era do ciberespaço. “Mais relevância ganham, então, as teorias do texto e do discurso, que devem favorecer a análise de diferentes suportes, gêneros, linguagens, como os híbridos e relações entre eles próprios na era digital”. (SOUSA; TEIXEIRA 2019, p.47)

Conforme as autoras, a cada ferramenta tecnológica utilizada na rotina social, que tem se tornado predominantemente *on-line* “torna-se mais difícil delimitar os limites de um *corpus*, a dimensão de um texto, a composição de um gênero”. Aqui a competência dos multiletramentos depara-se com o sincretismo nos quais os textos multissemióticos se inscrevem. “O conceito de multiletramentos problematiza, de um lado a circulação do texto em diferentes situações sociais e culturais e, de outro, a relação entre múltiplas linguagens”. (SOUSA; TEIXEIRA, 2019, p. 49-52).

Nesse viés, fazem importante contraponto com as condições para a aquisição dos multiletramentos em sala de aula, haja vista que os usos sociais da leitura e escrita extrapolam os muros da escola. Mas é a escola, o espaço privilegiado para a aquisição de competências para a leitura de textos de toda natureza, em diferentes suportes, em especial os sincréticos.

Para além das diferenças de gênero, suporte, esferas de circulação e finalidades comunicativas, a análise deverá considerar a organização visual dos elementos verbais e imagens como concretização de uma estratégia enunciativa que configura determinada práxis (SOUSA; TEIXEIRA, 2019, p. 53).

Tais competências vão além do ler e compreender o discurso ali enunciado. Requer que o leitor se posicione perante a estratégia enunciativa resultante das semioses mobilizadas na composição do texto apreciado, construindo o sentido global do discurso produzido. Exige ainda o hábito da pesquisa, da curadoria de informação perante os recursos digitais que compõem determinado texto, a essa habilidade, inaugurada pelo grupo de Nova Londres há quase três décadas, consideramos letramento digital, que, associado aos usos de outras ferramentas e gêneros, pode ser ampliado para o letramento midiático. Aliado à tomada de posição diante das práticas decorrentes de tal uso para o bom exercício da cidadania, ganha a uma dimensão maior, já denominada como educação midiática.

Acerca do letramento digital e da educação midiática, Rojo (2007) chama a atenção para a necessidade de se estimular o desenvolvimento da capacidade de ler criticamente, de saber não apenas manusear, mas posicionar-se diante do que é lido. Que perpassa pelo que Paulo Freire postulou em sua obra, um olhar crítico sobre os usos do letramento, o letramento crítico.

A respeito da formação de nossos leitores em termos de letramentos críticos, Farahmand Pur & McLaren (2001: n.p.) vem nos lembrar de que um grande desafio em formar alunos para o letramento crítico não está somente em proporcionar lhes experiências de aprendizado significativas (i.e., através de práticas de numeramento, de letramento digital, de letramento cultural e do desenvolvimento de capacidades de letramento crítico), mas em validar e legitimar as experiências que os alunos trazem de suas vidas cotidianas para a sala de aula. As experiências dos estudantes podem estar relacionadas a um currículo baseado em temas, desenhado para facilitar o letramento econômico, midiático, o eco-letramento, o letramento para o consumo e outros, relacionados às políticas sociais e educacionais postas em movimento pelo desregrado capitalismo global (tradução nossa) (ROJO 2007, p. 15).

Tomando nosso foco de pesquisa, os textos que circulam na internet, mais precisamente propagados em redes sociais, são predominantemente sincréticos. O que requer do leitor a competência do letramento midiático, a capacidade de observar além dos elementos intrínsecos ao discurso do texto, como os de seu entorno que também fazem parte de sua composição. Como exemplo, citamos a composição de um texto produzido em uma página da internet: além das informações estruturadas em forma de mensagem, fazem parte desse escopo data e link, que se configuram como práticas semióticas. Nesse aspecto, Sousa e Teixeira (2019) recorrem

à Fontanille (2005):

Textos constituídos de diferentes linguagens de manifestação não podem ser analisados apenas pelas correspondências, superposições e relações estabelecidas entre as diferentes linguagens. É preciso pensar que “a resolução da heterogeneidade multimodal deve [...] ser intersemiótica, chegando aos sincretismos” (FONTANILLE, 2005, p. 78).

Sobre tais textos, mais precisamente os que circulam no suporte digital, faremos breve incursão no fenômeno *fake news*, a partir das práticas de leitura que a semiótica discursiva nos confere. Nosso objetivo é refletir como o letramento digital pode auxiliar nas experiências de leitura que envolvem informações falsas.

3 LEITURA COMO PRODUÇÃO DE SENTIDO: A PERSPECTIVA SEMIÓTICA

No âmbito da linguagem, o que é da ordem da História é o discurso. Ora, como se passa deste àquele? Com a enunciação, ou seja, temporalizando, especializando e actorializando a linguagem.

José Luiz Fiorin

Cientes de que o discurso é um produto da enunciação, como defendido por Fiorin na epígrafe que abre este capítulo, por enunciação, corroboramos com Fiorin (2016), que, ancorado em Benveniste, descreve como o ato de dizer, a apropriação da língua por um ato individualizado de dizer, em que esse dizer seria o discurso produzido e enunciado por um sujeito, intencionalmente.

Em suma, coloca a enunciação como uma instância logicamente pressuposta pelo enunciador, uma pessoa, situada em um determinado lugar e em um momento específico, que, mediante escolhas linguísticas, propaga um discurso pretendendo determinado efeito.

Dessa forma, para construir essa instância de mediação entre língua e fala, são inerentes ao ato de dizer as categorias de pessoa, espaço e tempo, a que Fiorin (2016) identifica como elementos dêiticos, como indicadores, embreadores necessários para ancorar as coordenadas da situação de enunciação.

Assim, a enunciação vai implicar as escolhas que fazemos para construir determinado texto e que produzem efeito de verdade, objetividade com aspecto informativo, ou subjetividade despertando emoção/afeto, bem como a tematização e figurativização presentes em tais textos.

Nesse sentido, considerando a sintaxe enquanto estudo da relação dos signos na construção do enunciado, bem como a semântica como a produção dos significados do enunciado, são esses dois componentes fundamentais para a investigação que a semiótica nos convida a fazer ao nos depararmos com um dado discurso. A sintaxe e semântica compõem a gramática semiótica do percurso gerativo de sentido do plano do conteúdo. Cada nível (fundamental, narrativo, discursivo) tem sua própria sintaxe e semântica, que observam como o texto significa nos aspectos mais gerais e particulares, respectivamente.

Para Fiorin (1995), a sintaxe proposta por Greimas vai além da frase, investiga o discurso, “rege, portanto, o encadeamento do conteúdo na sucessão do discurso”. Assim, no plano do conteúdo, a sintaxe refere-se à arquitetura dos signos que dá forma ao texto. Menos autônoma que a sintaxe, a semântica concentra-se na análise do sentido construído, “é conceitual e não formal, porque as regras sintáticas contêm uma visão de mundo” (FIORIN 1995, p. 27).

Na esteira da linha francesa, Sousa e Teixeira (2014), por sua vez, descrevem a semiótica discursiva como teoria que possibilita a análise de textos e práticas sociais diversos, mediante utilização de instrumentos metodológicos que possibilitam a relação entre mecanismos de expressão ligados à materialidade das linguagens e discursos produzidos em tais práticas.

A semiótica ocupa-se da produção de sentido de um texto por meio de uma metodologia que considera a articulação entre um plano do conteúdo e um plano da expressão e categorias gerais de análise capazes de, por um lado, contemplar a totalidade dos textos, manifestados em qualquer materialidade e, por outro lado, definir as estratégias enunciativas particulares dos textos concretos (TEIXEIRA, FARIA, SOUSA, 2014, p. 317).

Sobre esse modelo teórico, as pesquisadoras pontuam que o objeto de estudo da semiótica é o texto, aqui considerado como a produção de sentido pelo sujeito, e que, manifestado por diferentes tipos de expressão em suportes diversos, é compreendido como objeto de significação. É na semiótica que encontramos as ferramentas para enxergar as estratégias enunciativas de convencimento que constroem o discurso do texto.

Como Sousa e Teixeira (2014) asseveram, o texto é “produto das escolhas do enunciador e do fazer interpretativo do enunciatário, compreende uma complexa rede discursiva caracterizada por estratégias enunciativas e modos de interação”. Dessa forma, compreendemos que, pela semiótica, podemos analisar os procedimentos de expressão que dão forma ao conteúdo e também o significam, pois, “a semiótica lança sobre a enunciação um ponto de vista dinâmico e passa a conceber o texto como uma unidade em movimento resultante do equilíbrio entre retomadas e avanços, continuidades e descontinuidades” (SOUSA; TEIXEIRA, 2014, p. 318).

No percurso gerativo do sentido, a partir do estudo das Astúcias da enunciação de Fiorin, as autoras reverberam que a semiótica discursiva aponta a articulação do discurso em três níveis, sendo eles o fundamental, que engloba o mínimo de sentido a partir de um dado abstrato; o narrativo, que complementa o conteúdo abstrato inserindo sujeitos e sua relação com objetos; e por último o discursivo, que inclui as categorias de pessoa, tempo e espaço com uso de estratégias argumentativas.

Nesse processo de investigação, o texto, enquanto discurso, resultante de uma engrenagem enunciativa, o plano do conteúdo é materializado pelo plano da expressão. Para produzir um discurso e alcançar determinado objetivo pré-estabelecido, a enunciação nos

possibilita a construção de textos em diferentes formatos e suportes, reunindo diferentes linguagens para uma mesma finalidade. A essa reunião de diferentes semioses em um mesmo discurso dá-se o nome de multissemiose, já mencionado.

Ao citar Fontanille (2008), Sousa e Teixeira (2014) destacam o papel da estratégia enunciativa como mecanismo capaz de alcançar unidade em meio a pluralidade de linguagens, haja vista que a enunciação põe o discurso em andamento e assim o legitima pelo uso determinadas práticas significantes.

Para elas, cabe à estratégia enunciativa do sujeito que a produz, relacionar os planos da expressão e do conteúdo nessas múltiplas linguagens, uma vez que “esses modos de funcionamento organizam as relações entre as linguagens num determinado suporte por meio de um ponto de vista enunciativo e são responsáveis por criar o sincretismo propriamente dito”. (SOUSA; TEIXEIRA, 2014, p. 322).

Acerca do sincretismo, com base nas teorizações de Greimas e Courtés (2018), a semiótica nos auxilia na compreensão do termo como a combinação de diferentes linguagens na produção de um dado discurso para produzir o sentido esperado pelo ato enunciativo.

São consideradas como sincréticas as semióticas que acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo linguístico: inclui igualmente elementos paralinguísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sociolinguísticos, etc (GREIMAS; COURTÉS, 2018, p. 467).

Dessa forma, podemos considerar uma gama de textos sincréticos que permeiam as relações comunicativas na sociedade como fonte de estudo da Semiótica e suas teorias na construção do sentido. Partindo das teorizações de Greimas e Courtés (2018) sobre a semiótica, como teoria da significação; nas implicações da enunciação na construção do discurso, exploradas por Fiorin (1995) também discutidas por Sousa e Teixeira (2014), baseamos nossa discussão acerca das implicações da enunciação em discursos propagados em textos sincréticos, estes, ricamente produzidos e veiculados no meio virtual, através da utilização do binômio verbo-visual.

Como mencionado, nosso propósito é discutir as contribuições da semiótica nas práticas de leitura inerentes aos textos sincréticos no meio digital a partir da análise do fenômeno *fake news*. Para tal, propomos a seguir breve reflexão sobre a análise semiótica de textos como centralidade do discurso, bem como das práticas que envolvem a produção e propagação de tais textos.

3.1 Textos e práticas

Para alcançar uma didática da leitura que potencialize as habilidades de análise

necessárias ao se deparar com textos como os que veiculam *fake news*, a semiótica discursiva nos propõe um exercício de leitura investigativa. Para melhor orientar essa construção de sentidos, mobilizamos as proposições de Silva (2020) e Barros (2020), onde orientam que o percurso dessa leitura seja construído por dois eixos: primeiro pelo texto como centralidade do discurso, e em seguida pelos elementos de seu entorno, bem como do contexto de sua produção e propagação.

Ao tomar o texto como objeto de análise, esta lhe confere o máximo de centralidade, não buscando explicá-lo a partir de outros elementos sem que sua materialidade e constituição sejam inicialmente privilegiadas. [...] Sua historicidade, então, ali está materializada e pode ser dele mesmo apreendida. Ao mesmo tempo, não se vai considerar o contexto como uma exterioridade já dada, à parte, transparente ou mesmo opacizada como pressuposto pelas ciências sociais incorporada por outras abordagens linguísticas e literárias. Se o contexto será considerado como algo passível também de ser lido e interpretado, amplia-se o campo de pertinência de análise (SILVA 2020, p. 04).

Pela centralidade que o texto assume, no viés da teoria da semiótica, essa didática da leitura apresentada por Silva (2020) e assumida em nossa proposta de trabalho pretende orientar o leitor a explorar inicialmente os elementos internos (tanto do ponto de vista do plano do conteúdo quanto do plano da expressão) para avançar sua reflexão ao analisar também práticas de veridicção a serem mobilizadas pelo leitor, o que incluem diferentes formas de checagem.

Na veridicção, Barros (2020) ressalta que “as relações modais entre o ser e o parecer determinam os discursos como verdadeiros, mentirosos, secretos, e falsos”. Assim o enunciador escolhe o regime de veridicção que confira maior efeito de verdade no conteúdo do discurso que pretende produzir. Mas para além do poder de persuasão que o enunciador tenha alcançado em seu discurso, o leitor, por outro lado, assimila e interpreta tal discurso de acordo com seu conhecimento de mundo, do repertório de leitura, e o regime de crenças do qual comunga. Aqui reside o grande desafio da escola e do professor em construir práticas de leitura que potencializam habilidades inerentes à leitura crítico-reflexiva no suporte digital.

Para Barros (2020), para que a escola alcance o letramento midiático e faça dos alunos bons leitores de textos na internet, precisa em primeiro lugar, mostrar-lhes as especificidades veridictórias desses textos que promovam interpretações emocionais e sensoriais. A partir disso, deve ensiná-los a equilibrar esses dois vieses de interpretação que perpassam a esfera das sensações e das emoções mobilizadas pelo enunciador como uma atitude mais racional, que “só pode estar fundamentada no exame da exterioridade discursiva tal como a semiótica concebe” (Abralin ao vivo)

Ainda conforme as proposições de Barros (2020), a semiótica discursiva não trata a exterioridade discursiva como algo exterior ao texto e ao discurso, mas não deixa de examinar sob outro prisma aquilo que em quadros teóricos diferentes é denominado exterioridade. Nesse

prisma, as relações sócio históricas que participam da construção de sentido do texto são abordadas de duas formas principais: pela análise da organização linguístico-discursiva dos textos e em especial da semântica do discurso, isto é, pelos seus percursos temáticos e figurativos que revelam de alguma forma as determinações sócio históricas e conscientes; em segundo lugar, pelo exame das relações intertextuais e interdiscursivas que os textos e os discursos mantêm com aqueles com quem dialogam.

Com esses princípios, podemos apontar dois grupos de procedimentos para o desmascaramento da mentira em discursos das redes sociais: apontar os diálogos que eles mantêm com outros textos e discursos e verificar a intertextualidade mostrada. Assim, texto, contexto e intertexto, para a semiótica discursiva, envolvem não apenas os efeitos de sentido concernentes à arquitetura interna do discurso em análise, mas a situação em que é produzido, lido e compartilhado.

Isso pode ser certamente mais bem compreendido pelas palavras de Landowski ao tematizar sobre o que ele designa pelo termo “situação”: Quando se trabalha sobre discursos políticos ou produções da mídia, parece óbvio que os efeitos de sentido que emergem não resultam unicamente da organização interna, imanente, do que está dito, mas que esses objetos comunicacionais ganham seu sentido em função, sobretudo, de quem fala, de como se apresenta, em que lugar, etc.

Na interação, o essencial passa pela dimensão “enunciativa”, pois aí se constrói e se transforma o regime de relações entre enunciadores e enunciatários. Tudo isso já é bem conhecido. Menos explorada é a dimensão sensível, “estésica”, pela qual também passa a produção de sentido na copresença dos atores. Há uma forma de inteligibilidade atada a esse aspecto essencial da relação vivida, o sensível mesmo. Disso devemos dar conta também. Finalmente, o que poderia ser considerado, a priori, como “contextual”, se torna, na realidade, tão relevante quanto o texto mesmo. Faz parte do “texto” (SILVA, 2014, p. 351).

Para essa construção, pela dimensão do texto, entendemos como inerente à prática de uma leitura crítica o princípio da construção de sentidos, teorizado pela semiótica discursiva para conduzir os percursos de leitura necessários ao trabalho com *fake news*. Sobre o sentido, recorremos a Landowski (2004) apud Silva (2020) para esclarecer que se trata de um fazer subjetivo. “Ora, compreender não é descobrir um sentido já dado, mas, ao contrário, constituí-lo a partir do dado manifesto (de ordem textual ou outra), frequentemente negociá-lo, sempre construí-lo”.

Pensemos a esse respeito o que cabe a nós na mediação das aulas e o que isso implica efetivamente do ponto de vista de uma prática de ler e produzir sentidos como alunos nas aulas de leitura. Que estratégias podem ser pensadas para o engajamento dos alunos e alunas para esse esforço de construção? E como as discussões em torno dos sentidos inicialmente produzidos individualmente podem ser ampliados, revistos, adensados, a partir das discussões coletivas de que a sala de aula pudesse ser lugar? Para a semiótica, a leitura é construção. É o leitor quem produz sentidos, o que faz com que isso se torne bastante complexo quando estamos em sala de aula, negociando com os alunos os sentidos que podem ou não ser atribuídos aos textos. Entram em cena saberes que temos sobre os textos, os autores, o léxico, a sintaxe, a língua em funcionamento, os gêneros, mas muito também sobre o mundo e a vida. Assim, o que pode parecer óbvio para o professor – considerando seus saberes e experiências – pode escapar ao aluno, que em princípio tem outro repertório,

pode pertencer a outro universo cultural, outra classe social, pode filiar-se a distintas perspectivas ideológicas e, por isso mesmo, enxergar o que lá está dito sob perspectivas distintas e, talvez por isso mesmo, bastante enriquecedoras. (SILVA 2020, p. 06-07)

Assim, para dar condições à construção dos sentidos do texto, a didática da leitura da qual falamos deve partir do mais superficial e concreto em direção ao mais profundo e abstrato. Em suma, após a exploração das características do gênero, seus usos, primar pelo exercício da interpretação, o que requer uma leitura mais detalhada e intenso diálogo. “A direção da leitura parte sempre dos elementos mais imediatos relativos à inteligibilidade para os mais abstratos, que envolvem a interpretação. Identificados os atores da cena e suas “identidades”, começa propriamente o jogo da leitura em níveis mais profundos.” (SILVA 2020, P. 07).

Ainda segundo as proposições de Silva (2020), ao se trabalhar com *fake news* e tantos outros textos que circulam no suporte digital, para o letramento midiático, professores podem privilegiar os seguintes aspectos:

- Análise de elementos internos ao texto e que produzem efeito de verdade e confiabilidade (aspectos gramaticais, ancoragem, uso de discurso direto e indireto, léxico, adjetivações etc.);
- Análise do plano da expressão, considerando as relações entre elementos verbais e visuais e suas articulações na construção de um todo de sentido;
- Discussão sobre as práticas que os leitores devem observar para atestar a confiabilidade daquilo que se lê (consulta a outros textos, análise da confiabilidade do site etc.) (SILVA 2020, p. 10).

Para apostar na pluralidade de leituras e por consequência no letramento midiático, Silva (2020) acentua que ao ouvir os alunos, pode facilitar ao professor compreender o modo como produzem sentidos, os percursos que trilharam para ler, “a necessidade de alguma orientação que mostre uma associação inadequada, uma atenção que leve em conta até que ponto ignorou outros sentidos que emergiram na sala de aula e que ampliam sua própria interpretação” (SILVA 2020, p. 10).

Valorizando esse olhar individual, carregado de experiências outras e socializado pelas orientações de um percurso comprometido com a ética, a didática da leitura deve permitir que o aluno/leitor seja o protagonista de sua prática leitora e assuma a responsabilidade diante da atividade que realiza.

3.2 Regularidades enunciativas de construção da verdade em discursos fundamentados na mentira

As *fake news* são majoritariamente veiculadas sob a forma de notícia. Sob a aparência de informação, seu objetivo é desinformar, manipular. Como o leitor pode, assim, identificar se um é texto se constitui como falso?

A fim de discorrer sobre possíveis regularidades que envolvem a constituição desse

gênero de produção, analisamos um texto amplamente disseminado pelo *WhatsApp* durante os primeiros 40 dias da pandemia do Novo Coronavírus no Brasil, entre os meses de março e maio, e publicado no portal de notícias de política e economia Foco News. O texto em questão é assinado por Richard Correia e publicado em 14 de março de 2020⁷. (Textocompleto no anexo 01)

Figura 2 - Manchete sobre mentira



Fonte: Print retirado de um grupo de WhatsApp em 2020

a) Estilo

Quanto ao estilo, inicialmente podemos recorrer a estratégias de leitura do plano da expressão, que identificam marcas e desvios à norma padrão na composição do texto, são sinais de fácil identificação como erros de ortografia, digitação e concordância. “*Na China é claro, que grande coincidência!!! Porque?*”, observe que nesse trecho o porquê foi empregado de forma errada.

Conforme orienta Barros (2019, p. 10-11) “essas estratégias de interpretação precisam ser discutidas com os jovens alunos”. Assim, se o texto for mal elaborado do ponto de vista coesivo, apresentar ideias contraditórias, não seguir o padrão do gênero que anuncia ou usar de linguagem em desobediência à norma padrão, “ele poderá ser desmascarado com base nos

⁷ Informação extraída em <https://blogfoconews.wordpress.com/2020/03/14/china-ganha-a-3a-guerra-mundial-com-a-maior-mentira-do-sec-ulo-coronavirus/> Acesso em 03 set. 2020.

desvios e erros de sua composição interna ou de seu estilo”.

Pela composição do título, com aspecto de notícia, embora use o impessoal característico de textos jornalísticos, já podemos observar irregularidades com uso indevido da vírgula: “China ganha a 3ª guerra mundial, com a maior mentira do século”. Não se separam em termos de uma mesma oração.

Lendo o seu teor mais detidamente, temos a presença de advérbios de modo como “covardemente” para chamar a atenção do leitor logo na primeira linha do texto, empregando logo de início seu juízo ao acontecimento, o que não se verifica na linguagem jornalística. A repetição do substantivo “China”, também dá indícios de um texto que não atende à estilística jornalística, em que se empregam termos substitutivos para um determinado substantivo no decorrer da informação.

Com a leitura completa do texto em voz alta, por exemplo, pode-se sugerir aos alunos a localização de mais desvios, como ausência ou emprego incorreto da pontuação, redundâncias, e erros de concordância.

É importante ainda, considerar a própria formatação da notícia na configuração do blog onde está publicada. Embora seja uma informação que circulou por meio do *WhatsApp*, é importante a observação do próprio blog de onde se extraiu a informação, seus aspectos estruturais, que podem auxiliar nesse processo de investigação.

b) Figurativização

Para a semiótica, figuras são recursos que remetem ao mundo natural, como imagens e descrições, recursos utilizados para caracterizar espaços, pessoas, períodos, produzindo seu efeito de verdade, de real, mais concreto. Do ponto de vista das *fake news*, na figurativização, além do atrativo visual, as imagens que compõem os textos conferem maior efeito de confiabilidade, seja por fotografias, montagens ou vídeos.

Tomando como referência o texto analisado, sobre a figurativização podemos alertar os alunos quanto aos recursos visuais empregados no discurso, para que possam identificar e compreender os elementos que constituem o plano da expressão e conferem sentido aos objetos semióticos. No texto acima, temos a imagem da bandeira da China na margem superior direita, ao lado do título, para induzir o leitor a acreditar no discurso propagado, levando-o a crer na ideia de ameaça comunista, na conspiração da China sobre o mundo ocidental, característica de discursos intolerantes e xenofóbicos.

Nesse aspecto, podemos propor aos alunos uma leitura comparativa. Com apoio de um atlas geográfico, ou com acesso à internet, o professor pode apresentar a bandeira oficial do

país e sugerir que os alunos comparem com a imagem que ilustra a falsa notícia.

Com essa leitura, os alunos perceberão que o símbolo oficial do país asiático foi utilizado como elemento persuasivo para vincular a responsabilidade do suposto fato ao país onde se iniciou o contágio, como intencional. É importante situar a turma sobre o contexto político chinês, recuperando também a ideia de golpe comunista no Brasil, bastante difundida no cenário eleitoral nos últimos seis anos.

Observe que a composição da bandeira original foi alterada. Embora tenha preservado as cores (vermelho e amarelo), o enunciador trocou as cinco estrelas por ícones como a representação gráfica do Novo Coronavírus e ao símbolo do comunismo pela composição "foice e martelo", produzindo reforço à mensagem veiculada no texto verbal.

c) Tematização

Para dar conta das categorias abstratas, a tematização reúne os conceitos enunciados em temas diversos que circundam a vivência social. Entre os temas recorrentes nas *fake news*, temos curas milagrosas, falsa autoria de crimes, conspiração política, culpabilização por determinado problema, que denunciam valores e crenças presentes nas estruturas enunciativas com discurso falso para dotar-lhe de feição verdadeira.

Conforme observa Barros (2019)

O emprego de temas e figuras determinam ideologicamente os textos e indicam a classe, a camada social, o grupo de que o enunciador do texto faz parte. Dessa forma, os temas e as figuras, ao conduzirem a essa identificação de valores, permitem também desmascarar os textos fundamentados na mentira (BARROS, 2019 p. 10).

Ainda analisando a falsa notícia apresentada acima, a ORIGEM DO VÍRUS que provocou a pandemia da Covid-19 é mobilizada de forma a induzir o leitor a acreditar que a China provocou, de propósito, a maior crise sanitária mundial do último século para obter vantagem econômica e política no cenário internacional.

Um debate orientado pode ser útil para problematizar essa estratégia enunciativa em sala de aula. Orientar os alunos sobre a localização de temas presentes no texto, quanto à importância da verificação de argumentos para o debate, podem ser estratégias eficazes nesse processo de leitura investigativa.

Temas como guerra, capitalismo, destruição em massa, e inclusive *fake news*, serão facilmente identificados pelos alunos. Utilizando dos aspectos extratextuais, o professor também recorre à intertextualidade.

A *fake* em análise acusa a China de “vencer a 3ª Guerra Mundial” com a suposta criação do vírus em laboratório. Com esse tema, guerra, o professor pode sugerir pesquisa rápida na internet sobre as guerras mundiais e logo os alunos devem localizar que a história só registrou

até o momento duas guerras com alcance mundial. A interlocução do professor é primordial para que, com os instrumentos da semiótica, os alunos possam compreender o texto, sua materialidade, identificar os absurdos que comumente são mobilizados nos textos mentirosos, e exercer a reflexão e tomada de decisões de forma consciente e autônoma.

d) Dimensão passional

Para garantir empatia e adesão do leitor, por consequência a manipulação de sua forma de pensar e agir, textos que propagam falsas informações sempre se utilizam de recursos persuasivos baseados no sistema de valores e crenças que permeia os estados d'alma dos sujeitos. Para a semiótica, se há paixão, não há reflexão, há obediência às injunções feitas pelo enunciador. Em relação às falsas informações disseminadas com teor de verdade, o tom passional é uma das principais características que devem ser observadas.

Em sua maioria são discursos carregados de adjetivações, hipérboles, verbos no modo imperativo. Grande parte dos termos é mobilizada com a intenção de manipular o leitor à interpretação do falso fato narrado como verdade. Em suma, são estruturadas em discursos de ódio contra pessoas, países, denominações religiosas, orientações sexuais, raças, e países, como Barros (2019) descreve:

O ódio resulta da interpretação pelo intolerante de que o sujeito odiado não cumpriu certos contratos sociais e é culpado pelos males que o intolerante e a sociedade de que faz parte sofrem. As mentiras nas notícias falsas e nas revisões absurdas da História procuram apontar aqueles “maus cidadãos” que, no quadro de valores do destinador-produtor das mentiras, não são ou não foram fiéis aos contratos e devem ser, portanto, odiados e temidos pelos danos que causaram e ainda causam e punidos com ações intolerantes de vingança (BARROS, 2019 p. 13).

Como a autora alerta, esses textos, elaborados para disseminar discursos de ódio, são basicamente estruturados com base em mentiras e funcionam como desencadeadores de ações discriminatórias, numa espécie de levante contra grupos, geralmente compostos pelas minorias, sejam étnicas, econômicas, políticas ou sociais em geral. Ao realizar a leitura na íntegra do texto compartilhado sobre a criação do vírus pela China (em anexo), podemos convidar os alunos a observarem a presença contínua de vocativos e interrogações a fim de atrair o leitor a uma reflexão conspiratória, não comprovada ao longo de todo o texto por nenhuma fonte de pesquisa reconhecida ou autoridade no assunto, elementos necessários para conferir efeito de verdade.

O texto em análise está baseado somente em suposições, no achismo empírico de um enunciador que, a cada período, incita o leitor a se voluntariar na disseminação da informação, numa espécie de recrutamento virtual. Veja a injunção organizada pelo enunciador: *“Caso não tomemos atitudes e os isolemos para que vivam do seu jeito e não mais nos afetem com sua*

podre e escravagista economia onde uma casta se locupleta, deixando povos pelo mundo afora, morrendo de fome e de doenças, esse será nosso destino”.

Como estratégia para o alunado, o professor solicita que destaquem com pincel ou lápis de cor, trechos que demonstram presença de discurso de ódio ou tom apelativo. Após essa localização de informações explícitas no texto, cada aluno pode ler a expressão que destacou e o professor passar a orientar os questionamentos sobre tais recursos persuasivos que foram identificados.

Como exemplo, recortamos a última frase da falsa notícia: “A China tem que ser isolada, a China tem que sair do jogo, antes que extermine o mundo!!!”

Na leitura do excerto acima, é possível alertar o aluno sobre que tipo de isolamento o enunciador se refere, geográfico, econômico, cultural? De que jogo trata-se a afirmação em análise? Como os alunos consideram que o país atacado no discurso acima pode exterminar o mundo? Com a participação do professor das áreas de geografia e história, podemos abordar brevemente qual a posição da China no cenário político-econômico mundial, para que os alunos, mediante roda de conversa, observem que o discurso em análise tenta convencer o leitor de que o país asiático precisa sofrer sanções internacionais como o veto de importação e exportação de produtos para que “saia do jogo”.

Com tais questionamentos, poderemos realizar uma leitura reflexiva do discurso em questão, oportunizando aos alunos o exercício da leitura crítica que a semiótica nos oferece.

Figura 3 - Impacto do Coronavírus nas bolsas de valores de todo mundo.



Fonte: Print retirado do blog Foco News em 2020

e) Ancoragem

Como já mencionado, para além da arquitetura do discurso, a semiótica nos alerta para

observar os demais elementos que compõem o objeto semiótico, recursos que ancoram o discurso no espaço e no tempo, garantindo-lhe aspecto de verdade e, por consequência, de confiabilidade. Entre tais recursos, identificar a fonte, autor e data de publicação, são os primeiros passos que o leitor deve dar.

Como última etapa da leitura semiótica do texto ora proposto, sugerimos apresentar o referido discurso aos alunos em sua fonte original, acessando o link que direciona ao texto veiculado pelas redes sociais. Se houver acesso à internet facilitado na escola, esta atividade pode ser realizada com a utilização dos celulares dos alunos. Caso contrário, o acesso à fonte da falsa notícia pode ser projetado na parede com apoio de projetor de multimídia, ampliando a imagem onde os alunos poderão conferir os elementos que ancoram o texto em tela.

Figura 4 - Manchete de artigo veiculado



Fonte: Print retirado do blog Foco News em 2020

Como podemos observar, a informação oriunda de um blog, uma página virtual que pode ser criada facilmente a partir de um endereço de e-mail qualquer, associa a ocorrência da pandemia à suposta 3ª Guerra Mundial vencida pela China, tendo supostamente sido criada para lograr êxito econômico.

Para a construção do sentido, sobre o aspecto imagético, chamar a atenção dos alunos para a disposição dos elementos na composição da bandeira, ressaltando que no lugar das estrelas da bandeira oficial, temos o símbolo da Covi-19 em tamanho maior, acompanhado de outros quatro símbolos do vírus em dimensão menor, e só por último, a composição foice-martelo que representam o comunismo.

A partir do momento que os alunos localizarem informações básicas de ancoragem como data, horário e autoria, também irão perceber que não há local de publicação, bem como a autoria, atribuída a “Richard Corrêa”, não está referendada pelo currículo do suposto autor

do texto, nem de sua fotografia, o que é comum aos artigos de opinião divulgados em veículos de imprensa. O que nos remete a pensar de tratar-se de um autor fictício. Além da verificação de autoria, ao lermos textos no suporte digital, é importante a verificação de autoria, haja vista que não basta parecer autor, como o texto em tela aponta, é preciso o ser.

Figura 5 - Destaques mobilizados pelo blog para convocar o leitor

Caso não tomemos atitudes e os isolemos para que vivam do seu jeito e não mais nos afetem com sua podre e escravagista economia onde uma casta se locupleta, deixando povos pelo mundo afora, morrendo de fome e de doenças, esse será nosso destino.

Viva as inteligentes e modernas estratégias comunistas de destruição em massa, elas funcionam e muito bem.

A China tem que ser isolada, a china tem que sair do jogo, antes que extermine o mundo!!!

Fonte: Print retirado do blog Foco News em 2020

O pedido de compartilhamento da suposta notícia, situado abaixo de seu também suposto autor, pode ser entendido como forte indício de uma *fake news*. Pela tradição dos gêneros informativos, as informações veiculadas em notícias não carecem de pedidos de divulgação, uma vez que tanto os autores como os veículos que as divulgam já possuem respaldo social pela função que exercem.

Assim como Barros (2019) também acreditamos que é na rotina de leitura proporcionada pela escola, que o fenômeno das *fake news* poderá ser combatido. Isto através dos estudos da linguagem e do discurso, brevemente teorizados no roteiro que ora sugerimos como alternativa para a construção coletiva de uma ética da leitura.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso da presente pesquisa, desenvolvida para compor programa de qualificação em serviço, foi estruturado mediante as orientações da pesquisa aplicada a partir das proposições de Michel Thiollent (2005), visto que tem o propósito de construir conhecimentos para aplicação prática, a serem utilizados na resolução de problemas específicos que envolvem verdades e interesses locais.

Nosso trabalho parte dos saberes que desenvolvemos ao longo da prática escolar, ancorados num primeiro momento por uma reflexão em torno das características do universo escolar onde atuamos, com atenção aos sujeitos a quem imediatamente nossa proposta didática em elaboração se destina, ao espaço no qual nos inscrevemos como atores e aos recursos disponíveis. Esse percurso segue a seguinte organização.

- a) discussão sobre a pesquisa documental;
- b) descrição da escola universo da pesquisa;
- c) critérios para composição do *corpus* para elaboração do material didático, fundamentado na perspectiva dos multiletramentos e da semiótica discursiva;
- d) apresentação do caderno de leitura que compreende os gêneros notícia, comunicado, canção, card virtual e meme.

4.1 Da pesquisa documental

Inicialmente, conforme prevê o regimento do ProFletras, nosso trabalho seria desenvolvido com o formato de pesquisa-ação, quando o pesquisador realiza determinada intervenção na comunidade *locus* da pesquisa.

Porém, devido às medidas sanitárias com determinação de distanciamento social para contenção da Covid-19 e conseqüente suspensão das aulas no formato presencial em todo o estado do Tocantins desde março de 2020, bem como em atendimento à Resolução nº 003/2020, que definiu as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso e estabeleceu a possibilidade de apresentação de trabalho propositivo, tivemos de repensar o formato de nossa pesquisa no decorrer de sua realização. Observe o disposto nos artigos 1º e 2º do referido documento:

Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da sexta turma poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar um produto (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizado a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE,

2020).

Dessa forma, o trabalho ora apresentado é de natureza documental. Sobre esse tipo de investigação, Silva, Almeida e Guindani (2009), recorrem a Appolinário (2009) para defini-la como metodologia de análise de conteúdo:

Conjunto de técnicas de investigação científicas utilizadas em ciências humanas, caracterizadas pela análise de dados linguísticos. [...] Normalmente, nesse tipo de análise, os elementos fundamentais da comunicação são identificados, numerados e categorizados. Posteriormente as categorias encontradas são analisadas face a uma teoria específica (SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009, p. 11).

Pelo seu objetivo, a proposta de trabalho também se caracteriza como qualitativa interpretativista, pois persegue a tentativa de compreensão de determinados fenômenos de uma realidade e que requer a interpretação de ações docentes e discentes na busca de significados que possam permear os processos de ensino-aprendizagem. Podemos arriscar interpretar, em conjunto, o sentido de tal fenômeno sob o olhar dos participantes, por meio de informações aprofundadas e ilustrativas: “Preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Considerando sua especificidade, o planejamento de sua realização está baseado no roteiro de uma sequência de atividades, voltadas ao professor, para reflexões sobre o fenômeno das *fake news*, com vistas à aplicação em sala de aula. Para o trabalho ora proposto, Thiollent (1985) alerta para a necessidade de se ter clareza sobre quais conhecimentos, ações, agentes, objetivos, e quais obstáculos podem implicar durante tal processo. Esta não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo), mas pretende aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou nível de consciência das pessoas e grupos que participarem do processo, bem como, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.

Tais recomendações reiteram a escolha dessa metodologia de pesquisa para professores que buscam investigar, sob o prisma das ciências humanas, sua própria prática pedagógica a fim de utilizá-la, como pontua Silva et. Al. (2009):

No âmbito da abordagem qualitativa, diversos métodos são utilizados de forma a se aproximar da realidade social, sendo o método da pesquisa documental aquele que busca compreendê-la de forma indireta por meio da análise dos inúmeros tipos de documentos produzidos pelo homem (SILVA et. Al. 2009, p. 02).

A análise documental serve de base ou apoio para a construção da pesquisa científica em diversas áreas, pois é “muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som

e imagens, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos” (MOREIRA, 2006, p. 276). A técnica é como um resgate histórico com a utilização dos acervos, materiais impressos ou digitais, além de documentos oficiais, técnicos e pessoais para compreender o contexto escolar e atingir os objetivos propostos. A análise documental visa armazenar e facilitar o acesso do pesquisador às informações, seja no aspecto quantitativo e qualitativo, como base para a construção de um banco de dados que auxilie na pesquisa.

É importante ressaltar que esse método de investigação da realidade social pode ser utilizado em abordagens de natureza positivista como de caráter compreensivo, tendo foco mais crítico. Dessa maneira, não só os documentos escolhidos, mas a análise deles busca responder às questões da pesquisa, o que exige uma capacidade mais reflexiva e olhar atento para compreender o problema e suas proporções.

Logo, só podemos considerar a prática docente como fonte de dados se as atividades realizadas em sala de aula forem planejadas e executadas como material de análise mediante proposições teóricas estudadas. Assim, o percurso exige planejamento para adequação da proposta às aulas regulares, bem como avaliação de resultados sejam positivos ou negativos, a fim de encontrar novas alternativas ao fazer docente na missão de mediar a construção do conhecimento.

Sobre a importância da pesquisa à melhoria do ensino, é urgente dialogar e refletir sobre os fatores que influenciam na motivação para que o professor da educação básica assuma seu papel de pesquisador da própria prática. A adoção dessa postura não está condicionada somente à vontade individual, depende das políticas de incentivo e fomento à qualificação de forma sistematizada. Para assumir-se pesquisador, o professor carece de tempo e espaço, destinados exclusivamente ao exercício da pesquisa para que esta dialogue com a prática.

A pesquisa da forma como acreditamos ser necessária ao exercício do magistério, ultrapassa a mera oferta de cursos de capacitação, seminários e oficinas nos famosos encontros de planejamento. Deve ser realizada em diálogo com as academias, em cursos de pós-graduação, fruto de programas estatais que deem ao professor a condição mínima para o aprimoramento de sua prática.

É inegável que a pós-graduação contribui para o ensino em sala de aula, com o fazer pedagógico. Tratando em números, de uma equipe de 16 funcionários em funções pedagógicas, na escola *lócus* desta pesquisa, temos 1 doutoranda, 1 mestre, e 2 mestrandos.

Porém, esses dados são exceção quando olhamos para um universo maior. Temos quatro escolas da rede estadual no município onde a unidade está situada, mais de 100 profissionais atuando na educação básica, e menos de 10% tem formação além da especialização.

Isso se deve em boa parte por dois fatores: financeiro e burocrático. A oferta de cursos de pós-graduação em instituições públicas é muito tímida, para não dizer praticamente inexistente no norte do Tocantins. Para cursar uma especialização ou mestrado, os professores do Bico do Papagaio viajam centenas de quilômetros. A cidade mais próxima é Araguaína, a 225 km. Além do fator financeiro com custeio de mensalidade e/ou deslocamento, o professor da educação básica ainda enfrenta a burocracia, falta de apoio do órgão que integram. As vagas abertas para licença em edital não contemplam a demanda e é quase impossível cumprir todos os requisitos exigidos pela Secretaria de Educação do Estado, Seduc, para conseguir uma licença remunerada para estudos.

Aos professores que se arriscam ao exercício da pesquisa concomitante com a prática em sala de aula, resta assumir jornadas exaustivas somando o trabalho e os estudos extraclasse. Além disso, quando concluem uma etapa tão relevante para o exercício, não se consegue a valorização profissional. Desde 2014 as progressões salariais de nível da rede estadual do Tocantins estão congeladas.

Embora a legislação vigente, como a LDB, e os documentos oficiais citam a política de qualificação continuada dos profissionais da educação, ainda falta incentivo. Mas devemos reconhecer os avanços até aqui alcançados, a começar pela previsão legal da oferta de cursos de pós-graduação em todo o país. Em atendimento à meta 16 do Plano Nacional de Educação, os programas têm a proposta de

Formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência do PNE, e garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino” (BRASIL 2014).

Mais especificamente sobre a pós-graduação, Maria Regina Viveiros de Carvalho, do Inep, ao analisar o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020 destaca que, de modo geral, acredita-se que a formação em nível de pós-graduação traga ao professor um repertório mais aprofundado de conhecimentos, competências e habilidades, enriquecendo-o como profissional. De modo específico, essa formação traz a ele especialização em uma determinada área de conhecimento, que o ajudará a enfrentar situações especiais encontradas em sua docência. Ao citar Lüdke e Cruz (2005), destaca o aspecto criativo e crítico que a

pesquisa pode trazer ao professor, induzindo-o ao questionamento e ao encontro de soluções para os problemas que enfrenta.

Atentas à ausência das políticas públicas de incentivo à pesquisa como fomento à melhoria nos índices de aprendizagem, e fundamentadas nos estudos dos letramentos e na semiótica discursiva, é que propomos como estratégia de intervenção, uma sequência de atividades didáticas. O guia aqui elaborado tem a intenção de subsidiar o professor nas práticas que leitura a serem aplicadas junto aos alunos, com vistas de ampliar suas competências e habilidades de leitura e reflexão para as situações complexas que o mundo globalizado exige.

Pensar numa metodologia de pesquisa para a semiótica discursiva de Greimas, requer fazer-se novo leitor a cada texto analisado, tendo em vista que o sentido se constrói na interação leitor-texto-mundo-leitor. Nossa intenção é observar as implicações do fenômeno *fake news* nas práticas de leitura, tomando como referência os gêneros textuais do campo jornalístico-midiático trabalhados em sala de aula, para analisar tais leituras como momento de letramento crítico para repensar a prática.

Para alcançar tal objetivo, o *corpus* da pesquisa é composto de uma sequência de textos que se caracterizam como exemplares do ponto de vista de sua classificação como *fake news*. Como critérios para sua seleção, mobilizam-se características como a atualidade (a fim de aproximar os alunos de questões de interesse mais imediato), sua estrutura modelar (para a compreensão das regularidades textuais, linguísticas e enunciativas que as constituem), sua composição como texto sincrético (para explorar relações entre verbal e visual), a multimodalidade (para exploração da articulação de diferentes linguagens), por fim, a abrangência, sendo textos que abordem temáticas de repercussão nacional. Também foi utilizado como critério de escolha o meio em que circularam, as redes sociais, em específico *WhatsApp, Facebook e Instagram*.

4.2 A escola no contexto da pandemia

Conforme exigido pelo Programa de Mestrado em Língua Portuguesa em Rede Nacional, a pesquisa para o trabalho de conclusão de curso deve ser realizada em escolas que ofertam o Ensino Fundamental. Atentos às diretrizes do PROFLETRAS, escolhemos como escola *lócus* da pesquisa uma unidade que integra a Rede Estadual de Educação do Tocantins, na qual atuo há três anos como professora efetiva nas disciplinas da área de Linguagens e afins. Com modelo de Educação do Campo, a unidade está localizada no distrito de Olho

D'água do Coco, zona rural a 06 km da sede do município de Sítio Novo, no extremo norte do estado do Tocantins, a 671 km da capital, Palmas, e a 198 km do município de Araguaína.

Fundada em 1995 com a proposta inicial de sediar uma unidade técnico-agrícola, a Escola Estadual Raimundo Nonato Leite ofertou durante nove anos somente o Ensino Fundamental. Com a Portaria/credenciamento nº 1288 de 03 de março de 2004, passou a ofertar também o Ensino Médio, ambos na modalidade regular.

A unidade tem seu prédio localizado na Rua Jarbas Passarinho s/n, nas proximidades do cemitério do povoado e distante cerca de 500 metros das moradias, com área total de 172.600 m², sendo 28.000 m² de área construída. A estrutura física, nunca beneficiada com reforma propriamente dita, somente com intervenções pontuais e paliativas, é composta por 04 salas de aula amplas (nenhuma climatizada); espaço administrativo com uma secretaria, cozinha, depósito de merenda, almoxarifado, banheiros de servidores e de alunos; e espaço de apoio pedagógico com sala de professores, sala de coordenação/orientação pedagógica, sala de leitura (insalubre); sala de vídeo (improvisada), auditório (sem mobília), sala para oficinas e aulas de programas como o Mais Educação e Novo Ensino Médio, uma quadra ao ar livre (sucateada), uma praça ecológica construída com materiais reutilizáveis pelos alunos em 2017, e canteiros também cultivados pelos alunos na disciplina de Saberes e Fazeres do Campo. Vale destacar que a área da escola não é murada e possui algumas árvores frutíferas nativas da região, como mangueiras e pitombeiras.

Imagem 1 – Área externa frontal da escola campo



Fonte: Acervo da pesquisadora

Em relação à estrutura física, a unidade necessita da reforma e cobertura da quadra, reforma total dos banheiros e refeitórios; climatização das salas de aula, vídeo e de leitura; e

instalação de um laboratório de informática. Recentemente parte do mobiliário foi renovado, incluindo carteiras, mesas e armários.

No tocante aos recursos disponíveis, na escola não há muitas ferramentas digitais habilitadas para o trabalho em sala de aula. Dos recursos existentes notamos dois projetores de multimídia, dois aparelhos de som, duas caixas amplificadas, microfone, um computador de mesa com impressora na sala da direção, um scanner, duas máquinas de xerox e uma câmera fotográfica. Somente em 2018 a escola pôde disponibilizar internet via conexão *wi-fi* aos professores para planejamento das aulas e registro no diário *on-line*, estes utilizando seus próprios computadores, cedidos pelo Governo do Estado em 2011 a todos os servidores em exercício na educação. A rede *wi-fi*, com conexão de baixa velocidade e capacidade, não é aberta aos alunos.

Destacamos aqui o pequeno acervo, já defasado, de livros literários e DVD's disponíveis na sala de leitura. Boa parte do aparato é composta por livros didáticos já descartados que servem para atividades de recorte e colagem. Há também alguns mapas antigos, um globo terrestre, um ábaco, e alguns jogos de tabuleiro como dama e dominó. Somente em dezembro de 2019, após uma visita da supervisora e por reclamação de três professores, é que a Diretoria Regional de Ensino à qual a escola é subordinada enviou cerca de 30 livros paradidáticos à unidade, das sobras do PNLD Literário das outras escolas, porém com conteúdo voltado ao público infantil. Outros 20 exemplares de livros literários foram doados pela professora pesquisadora em junho de 2019.

Mantida pelo Governo do Estado do Tocantins e administrada pela Secretaria de Estado de Educação, Juventude e Esporte (Seduc), nos termos da Legislação em vigor e regida pelo Regimento Escolar, a equipe administrativa da unidade é composta por uma gestora; coordenador financeiro; auxiliar de secretaria (nomeados em 2019 pelo executivo estadual por indicação política, em que cada deputado estadual comanda a escolha de pessoas para ocuparem os cargos de contrato nos municípios onde tem votação expressiva); e secretária, esta concursada. O grupo técnico de apoio como merendeiros, zeladores e vigilantes, conta com oito servidores, todos trabalhando em regime de contrato temporário também por indicação política.

Já no grupo de profissionais em atividades diretamente pedagógicas, a maioria integra o quadro de servidores efetivos há no mínimo dez anos, destes boa parte lotados na referida instituição, incluindo uma coordenadora pedagógica; uma orientadora educacional; e oito professores (somente uma professora da área de ciências humanas é contratada). Do grupo de professores, duas atuam na área de linguagens.

Sobre o uso dos recursos digitais disponíveis, em especial os aparelhos de multimídia,

apenas três professores costumam utilizá-los na realização das aulas para apresentação de *slides* e filmes. Além do livro didático, os demais professores costumam trabalhar com suportes como xerox, revistas e materiais concretos.

Conforme informou a atual gestora, entre os problemas enfrentados pela instituição, a infraestrutura precária, repetência, evasão e gravidez na adolescência estão entre os principais desafios a serem superados. Desde o advento da pandemia em meados de março de 2020, tais problemas foram acentuados, principalmente no tocante à evasão escolar, que teve de ser combatida dia após dia, com visitas domiciliares para a busca ativa dos alunos. Como forma de prevenção ao contágio do Novo Coronavírus em larga escala, as aulas na rede estadual do Tocantins foram suspensas em 13 de março de 2020, para oportunizar o distanciamento social de servidores e alunos. As férias coletivas da educação foram antecipadas entre os dias 25 de abril e 25 de maio. Dessa forma, os estudantes de todo o estado tiveram sua rotina de estudos interrompida durante mais de 100 dias, quando as aulas foram retomadas por meio remoto e de forma escalonada, inicialmente para as séries do Ensino Médio. A rotina de aulas, também de forma remota, só foi retomada para os alunos do Ensino Fundamental em 23 de setembro de 2020.

Importante salientar que para as aulas remotas, a Seduc orientou que cada unidade escolar elaborasse roteiros de estudo quinzenais para envio aos alunos com entrega em domicílio ou para retirada na própria escola. Além dos blocos de exercícios, professores e coordenação pedagógica organizaram um horário de atendimento virtual aos alunos via redes sociais e plataformas de reuniões virtuais como o *google meet*. Embora trate-se de um público em sua maioria em situação de vulnerabilidade social, no decorrer de 2020 houve participação regular de cerca de 50% dos estudantes nas aulas “ao vivo”, isto porque justamente em janeiro de 2020 uma empresa de internet banda larga começou a ofertar sinal na comunidade. Porém a maioria dos alunos que tem acesso a aparelhos de celular só dispunha de dados móveis e à medida que as aulas remotas foram sendo prolongadas a participação foi diminuindo. Aos alunos sem acesso a celular e internet, todos os roteiros foram entregues impressos.

Assim como as demais instituições de Educação Básica vinculadas à Seduc – TO, a referida escola é gerida pelo Sistema de Gerenciamento Escolar – SGE, que armazena e controla dados sobre a situação dos alunos, registro de diários, planejamento de professores, e demais atividades diretamente relacionadas à rotina das escolas, o que serve de ilustração da rotina permeada pelo uso de *softwares* e compartilhamento de dados em rede, já presentes na rotina da unidade nos últimos anos, e acentuada durante o período de isolamento social decorrente da pandemia.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, e em atendimento ao disposto nas Constituições Federal e Estadual e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Escola ministra o 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental do e Ensino Médio. Após vinte anos com proposta curricular comum, no ano de 2017 a unidade passou a adotar a Estrutura Curricular específica para Escola Campo nos níveis do Ensino Fundamental II e Ensino Médio e, entre as áreas de conhecimento, uma é específica voltada para o campo em Ciências Agrárias com o Componente Curricular Saberes e Fazeres do Campo.

A unidade atendeu em 2019 a 120 alunos. As turmas de 6º a 8º anos do Ensino Fundamental no turno matutino, e 9º Ano e as três séries do Ensino Médio no turno vespertino, ambos na modalidade regular. Os estudantes residem no povoado, em sítios e fazendas do entorno. Em 2020, até o advento da pandemia da Covid-19, a unidade contava com 112 alunos matriculados, sendo 71 cursando o Ensino Fundamental, e 41 no Ensino Médio. Destes, cerca de 20% dos alunos do ensino médio não participou de nenhuma das atividades do modelo de ensino remoto, e embora a orientadora educacional tenha realizando visitas às famílias para o acompanhamento desses alunos, o quadro poderia ser considerado como abandono. A estratégia elaborada pela Seduc para minimizar esse problema é a realização de busca ativa desses alunos para reposição de aulas entre os dias 08 de fevereiro e 24 de março de 2021, antes do encerramento do ano letivo de 2020. Com a medida, os estudantes até então desistentes realizaram parte das atividades e foram aprovados.

Sobre a realidade socioeconômica, desse quantitativo, quase a totalidade dos estudantes da instituição tem como principal característica as referências do convívio no ambiente rural desde o nascimento. A maioria dos familiares idosos, em especial os avós, não frequentou a escola e os pais não concluíram a Educação Básica. De acordo com o último censo do IBGE, apenas 6,6% da população sitionovense tem trabalho formal e metade da população possui rendimento nominal mensal per capita de até ½ salário mínimo.

Em 2017, o salário médio mensal era de 1.2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 6.6%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 135 de 139 e 108 de 139, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 5511 de 5570 e 4583 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 55.1% da população nessas condições, o que o colocava na posição 2 de 139 dentre as cidades do estado e na posição 457 de 5570 dentre as cidades do Brasil⁸.

Sendo o município composto por uma população de aproximadamente 10 mil habitantes, e circundado por cerca de 15 comunidades rurais entre povoados e assentamentos

⁸ Informação extraída em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/sitio-novo-do-tocantins/panorama>. Acesso em 13dez. 2019.

de trabalhadores sem-terra, em relação às comunidades da área rural, trata-se de um público situado na base da pirâmide social, em sua maioria em situação vulnerabilidade socioeconômica, vivendo com apoio de programas de transferência de renda, do trabalho na lavoura e pecuária como empregados avulsos de médios e grandes produtores rurais, e uma pequena parcela dependente de aposentadoria de trabalhadores rurais, no caso os avós.

O Distrito do Olho D'Água do Coco, onde a escola é situada, é composto aproximadamente de 850 moradores, a maioria apresenta residência fixa, construídas detijolos e pau a pique, e uma rua de casas populares, construídas pelo Governo Federal como fruto da luta das quebradeiras de coco babaçu, que compõem boa parte dos trabalhadores economicamente ativos na comunidade, e têm no extrativismo uma de suas principais atividades econômicas.

A agricultura é um aspecto marcante na comunidade tendo como base de sustentação a plantação de monocultura de arroz, milho, feijão e macaxeira. Portanto, trata-se de uma comunidade do campo, onde predomina a agricultura familiar. Também a comunidade vive dos benefícios oriundos de aposentadoria e/ou programas social estadual, federal e possuem uma renda que varia de 1 a 2 salários mínimos e as famílias possuem de 1 a 8 filhos. E alguns jovens (alunos) trabalham como diarista em fazendas vizinhas (tirando leite, roçando pasto e cuidando do gado) para ajudar no sustento da casa. (PPP 2020, p. 14)

Assim, o perfil socioeconômico local reflete diretamente nos índices de desenvolvimento humano, entre eles os educacionais. Ainda segundo dados do IBGE, no município de Sítio Novo a taxa da escolarização da população entre 6 e 14 anos é 95,8%, enquanto o último índice de desenvolvimento da Educação Básica do município, mensurado pelo Inep, é de 5,0 para os Anos Iniciais e 3,9 para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Mais particularmente a escola *lócus* da presente pesquisa alcançou a nota 3,2 no Ideb de 2019, ficando abaixo das médias municipal, estadual e nacional, conforme demonstrado abaixo.

Figura 06 - IDEB da escola

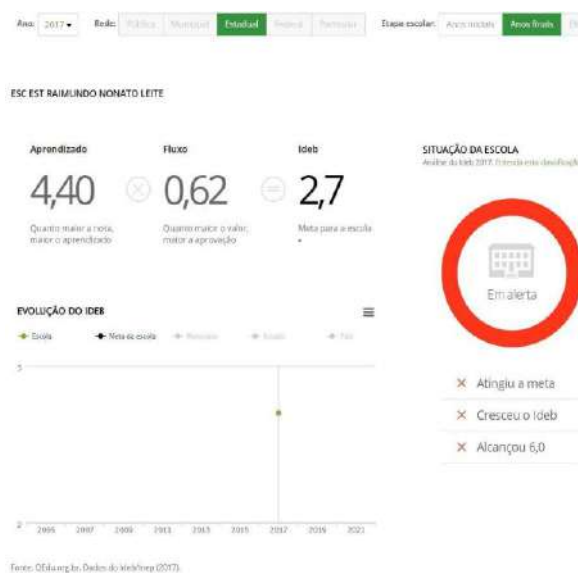


Fonte: Print retirado no site idebescola.inep.gov.br

Entre os anos de 2013 a 2015 a turma do 9º ano não foi contemplada para realizar o

exame da Prova Brasil devido o número reduzido de alunos. Em 2017, a turma do 9º ano realizou o exame, observando-se a meta projetada pelo Estado do Tocantins de 4,5. A unidade alcançou o resultado geral de 2,7 (a aprendizagem foi de 4,40 e o fluxo de 0,62), ficando então classificada em situação de alerta.

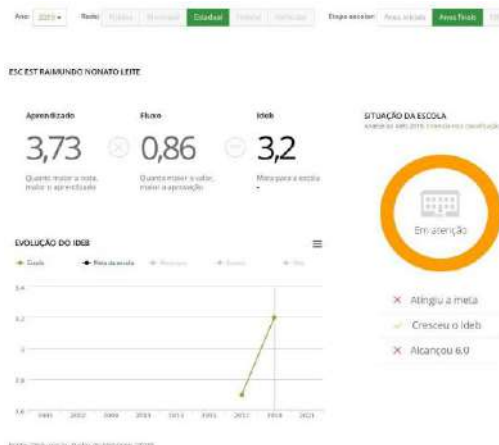
Figura 7 - Conclusão sobre o resultado do IDEB da escola em 2017



Fonte: Print retirado do site qedu.org.br

Embora ainda não tenha alcançado a média mínima em nível municipal e estadual, na avaliação realizada em 2019 e divulgada em 2020, a escola atingiu pela primeira vez a meta estipulada pelo MEC para o 9º ano, conforme demonstrado na figura 06, em que a meta estipulada era de 3,1 e chegamos a 3,2. Assim, de acordo com os dados divulgados no portal QEDU, do Instituto Lemann, a aprendizagem foi 3,73 e o fluxo de 0,86, avançando da situação de “alerta” em 2017 para o nível de “atenção” em 2019, conforme ilustrado na figura 08 a seguir:

Figura 8 - Conclusão sobre o resultado do IDEB da escola em 2019



Fonte: Print retirado do site qedu.org.br

Vale pontuar que além do resultado do Saeb, o Inep considera os índices de repetência e evasão escolar ao mensurar o Ideb de cada instituição. Segundo o PPP da escola *locus* de nossa pesquisa, os percentuais de reprovação e abandono caíram bruscamente entre os anos de 2017 e 2019, conforme tabela abaixo. Realidade que, segundo o documento, vem sendo combatida ano a ano, mediante estratégias de resgate e valorização dos estudantes, bem como das estratégias didáticas que têm sido desenvolvidas desde então. Devido a pandemia da Covid-19, não obtivemos os percentuais relativos aos anos de 2020, que segundo a gestão da escola ainda estão sendo mensurados, haja vista que o ano letivo só será concluído em março de 2021.

Figura 9 - Índices gerais de aproveitamento dos alunos

Índices Gerais de Aproveitamento dos Alunos - Anos Finais no Ensino Fundamental (três últimos anos)				
Ano Indicador	Matrícula	Aprovação (%)	Reprovação (%)	Abandono (%)
2017 (censo escolar)	92	55,79%	26,32%	7,37%
2018 (censo escolar)	94	70%	26,59%	3,19%
2019 (censo escolar)	72	87,5%	2,7%	2,7%

Fonte: PPP, 2020, p. 39

Conforme descrito no quadro acima, entre os anos de 2017 e 2019 o abandono diminuiu de 7,37% para 2,7% mediante acompanhamento da orientação educacional junto às famílias dos alunos faltosos (PPP, 2020, p. 40). Em 2019, todos os 17 alunos da turma participaram da avaliação nacional quando a projeção apontava média de 3,1. O resultado de 3,2 já demonstrado na figura 06, aponta crescimento e resultado satisfatório. A nova média projetada pelo MEC para 2021 indica pontuação de 3,3.

Ainda segundo o documento norteador da instituição, devido à falta de oportunidades no mercado de trabalho local, o êxodo rural é uma característica marcante entre os jovens da comunidade. Como tornam-se responsáveis por famílias muito cedo devido ao alto índice de gravidez na adolescência, muitos migram para os grandes centros em busca de emprego, como aponta o documento norteador da unidade:

(Nas construções civis) quando acabam o trabalho eles voltam para povoado e retornam para as mesmas quando novamente aparece outra oportunidade (que chamamos de vai e volta) e assim, levando a Escola a elevar seus índices de evasão e abandono, pois muitos precisam ajudar a sustentar a família” (PPP 2020, p. 14).

Outra característica da comunidade escolar em análise são os problemas de cunho social.

Segundo diagnóstico da própria instituição, a baixa renda familiar gerada pelo desemprego ocasiona vários problemas como a desestruturação familiar no tocante à carência emocional e afetiva, alcoolismo, falta de higiene e alimentação inadequada.

É diante desse cenário de desafios, de acordo com o PPP, que a referida escola tem como finalidade de oferecer a seus alunos, serviços educacionais com base nos princípios constitucionais da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, vedada qualquer forma de discriminação e segregação; “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; valorização dos profissionais do ensino; gestão democrática e colegiada da escola; garantia de uma educação básica unitária”. (PPP 2020, p. 05)

Como filosofia, o documento explicita proposta pedagógica comprometida com “o tipo de “homem” que deseja ajudar a formar”. Com a intenção de formar sujeitos “críticos, criativos, emancipados, promotores de mudanças, de transformação, conhecedores dos seus direitos e deveres, capaz de argumentar e prever soluções frente aos problemas do cotidiano”, no documento enfatizam que o trabalho deve propiciar o desenvolvimento integral dos alunos, a fim de torná-los sujeitos de sua história, onde podemos identificar forte influência das teorizações de Paulo Freire sobre a Pedagogia da Autonomia, no discurso adotado pela equipe da instituição, como detalhado no trecho a seguir:

A nossa proposta filosófica é educar para o pensar, logo acreditamos que a escola deve ter como um dos objetivos instigar o aluno a desenvolver suas habilidades cognitivas, de investigação, de conceito, de raciocínio, de tradução e de sistematização, na qual promove a reflexão acerca das realidades que o cerca. Desenvolver tais habilidades, pois o pensar se dá a partir de soluções das problemáticas, logo o problema gera um processo de reflexão e construção de conhecimento (PPP, 2020, p. 13).

Pautados em tal concepção de mundo de sujeito, em que “se deve ver o aluno como ser único, mutável e em construção, um ser inacabado que precisa respeitar seus pares e o meio em que vive”, o eixo norteador da prática educativa da referida escola tem sido contribuir com a melhoria das condições de vida da comunidade a partir da educação centrada nas suas reais necessidades. “Para tanto dando ênfase em uma aprendizagem “problematizadora” resultando em uma assimilação ativa de conceitos e, portanto, contribui em uma mudança de comportamento” (PPP, 2020, p. 13).

Sobre a concepção pedagógica da Escola, o documento explicita que o grande desafio da sociedade moderna é a vivência coletiva e a participação de todos os segmentos que a compõem. Para a referida instituição:

Considera-se a aprendizagem como o estabelecimento de relações entre significados, e o conhecimento é entendido como um processo constante de transformação, a cada possibilidade de diferentes interpretações um novo ângulo se abre, um significado se altera,

novas relações se estabelecem, possibilidades de compreensões são criadas (PPP 2020, p. 13).

Tal postura configura grande compromisso institucional no desafio de formar cidadãos para o pleno exercício da cidadania. Um dos motivos pelo qual a referida instituição foi escolhida como universo de nossa pesquisa, bem como por tratar-se do ambiente de trabalho da pesquisadora e do espaço que atende um público excluído de muitas práticas sociais, entre elas, a apropriação dos recursos digitais.

Outro ponto a ser ressaltado refere-se ao registro, em seu PPP, da visão de avaliação pela equipe da escola, entendida no documento como parâmetro para acompanhamento das atividades, nesse caso, como mediação da aprendizagem. Na rotina da escola o planejamento anual e o plano de aulas são discutidos com a coordenadora pedagógica, que orienta sobre a avaliação processual, valorizando a participação dos alunos durante as aulas bem como a prática da pesquisa.

Também são realizadas semanas de avaliação ao término de cada bimestre, em tempo hábil para o período de recuperação antes do conselho de classe. Neste item, destacamos o conselho de classe participativo, realizado em três etapas, incluindo a avaliação dos estudantes sobre a realização dos trabalhos em sala.

Pré-conselho – levantamento dos dados do processo de ensino e disponibilização aos conselheiros (professores) para análise comparativa do desempenho dos estudantes, das observações, dos encaminhamentos didático-metodológicos realizados e outros, de forma a dar agilidade ao Conselho de Classe. É um espaço diagnóstico.

Conselho de classe – consiste em uma reunião realizada regularmente a cada bimestre entre os professores, a coordenação pedagógica, orientação educacional e direção. Nele são analisados diversos aspectos do desempenho dos alunos a fim de se deliberar a respeito de estratégias que poderão trazer melhorias no processo pedagógico.

Pós – conselho – é o momento em que as ações previstas no Conselho de Classe são efetivadas através de devolutivas aos alunos, professores, pais e outros (PPP, 2020, p. 48).

No combate à evasão e repetência, a escola mantém permanentemente espaço de integração entre os membros da escola, bem como canais de parcerias entre escola e família como: plantões pedagógicos (atendimento individualizado por parte da equipe pedagógica), reuniões bimestrais periódicas para o acompanhamento do rendimento escolar, palestra de sensibilização e informação sobre o processo de adaptação às demandas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio frente à nova BNCC, ações família na escola (nas datas comemorativas) (PPP 2020, p. 48).

Há ainda outros programas desenvolvidos pela instituição no contraturno de estudo dos alunos para incentivo à permanência na escola e ao aprendizado como o Novo Mais Educação, financiado pelo Governo Federal, que atende alunos de 6º ao 8º ano com aulas reforço em leitura e matemática, artesanato e esporte; e ainda o Novo Ensino Médio, também custeado pela União,

com aulas voltadas à iniciação à pesquisa científica, ao protagonismo juvenil, à formação artístico-literária e ao mundo do trabalho, para proporcionar experiências de formação integral com metodologias inovadoras.

Vale destacar que das quatro unidades da rede estadual existentes no município, os dois programas supracitados funcionam atualmente somente na escola pesquisada, única instituição que realizou todas as etapas anteriores conforme o exigido pela Seduc e que teve seu plano de trabalho renovado. Outro item que merece destaque é a publicação de um livro de poemas sobre a luta das quebradeiras de coco babaçu, de autoria dos alunos do programa Novo Ensino Médio, custeado por auxílio financeiro de um edital da Universidade Federal do Tocantins, UFT, de incentivo à cultura. Porém o andamento dessas suas atividades ficou diretamente prejudicado no decorrer de 2020 com a suspensão das aulas presenciais.

Para pôr em prática o PPP, até 2019 a referida escola teve como guia o Documento Referência para elaboração dos Planos de Ensino, disponibilizado pela Seduc até 2018. Embora a Base Nacional Comum Curricular já estivesse em discussão, o Documento Curricular contendo a parte diversificada que contempla a rede pública do Tocantins foi finalizado no início de 2019, porém só foi lançado e divulgado pela Seduc em novembro do mesmo ano, passando a ser adotado somente a partir de 2020. Sobre o referido documento já pontuamos as habilidades da área de linguagens estabelecidas para o 9º ano na prática da leitura de textos no suporte digital, em especial às *fake news*, objeto de nossa análise.

5. UM CADERNO PARA LER *FAKE NEWS*

Este roteiro tem por objetivo sugerir estratégias que possam ser realizadas nas salas de aula, a fim de auxiliar no processo de identificação e prevenção aos fenômenos das *fake news* e pós-verdade, e por consequência, apresentar contribuições para a prática pedagógica na aquisição de competências e habilidades necessárias à didática da leitura e à formação de leitores pela escola.

O intuito é mobilizar os elementos da semiótica discursiva para refletir sobre o que se lê no meio virtual pelo que é veiculado nas redes sociais. Pelo emprego de estratégias enunciativas mobilizadas na construção do efeito de verdade, formar leitores éticos e críticos, capazes de se posicionar diante do que leem. Conforme assevera Silva (2020, no prelo), “É preciso que, numa leitura realmente atenta e cuidadosa, sejam selecionadas as categorias que podem ampliar a compreensão do objeto”.

Para oportunizar a educação midiática através da aquisição de competências de leitura ao aluno, a escola, em especial o professor, devem ofertar-lhes práticas de leitura que contemplem interpretações por meio das habilidades de checagem e ancoragem que a semiótica e o letramento midiático nos oferecem.

Dessa forma, nossa proposta é apresentar, pelo prisma da semiótica discursiva, estratégias de leitura e construção de sentidos que podem ser utilizadas para formar leitores críticos e participativos no contexto de combate ao fenômeno das *fake news*. Para tanto, adotamos o roteiro apresentado por Barros (2019), ao orientar reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola.

Para sugerir estratégias que capacitem tais práticas de leitura, para compor esse caderno pedagógico, escolhemos uma sequência de cinco textos que darão suporte às atividades pretendidas. Como critério de escolha, buscamos reunir textos que circularam no suporte digital através das redes sociais atendendo aos critérios de abrangência em nível nacional; relevância do tema com aspectos da atualidade relacionados ao contexto da pandemia da Covid-19 e do cenário político-econômico; estrutura; multimodalidade e composição como texto sincrético. Para tanto, organizamos nossa sequência de orientações de leitura mediante análise de textos dos gêneros comunicado; canção; *card* virtual; notícia; e meme.

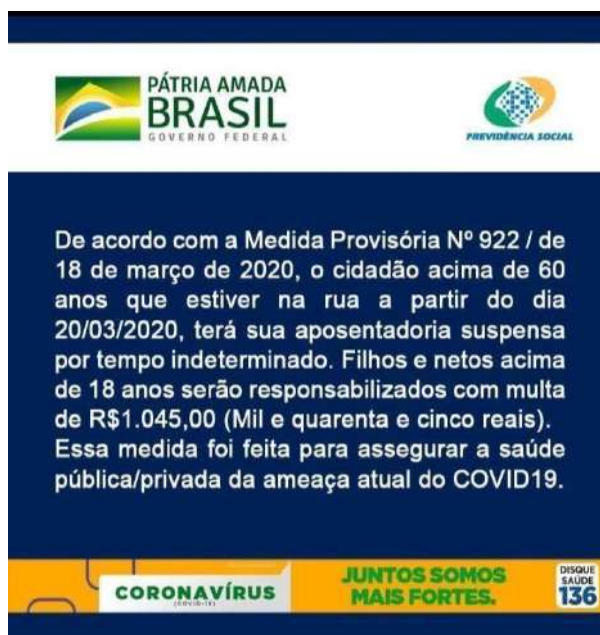
Os gêneros mobilizados para nosso caderno circularam com muita velocidade nas redes sociais, em especial no *WhatsApp*, sendo “viralizados” nos primeiros meses de distanciamento social no Brasil. Como já mencionado, trata-se de uma proposta para a prática da leitura em sala de aula, podendo o professor selecionar outros recortes textuais para seu fazer

docente.

5.1 Texto 01 - *Fake news* do “bem”

O texto abaixo foi amplamente veiculado em grupos de *WhatsApp* durante o mês de março de 2020, quando o contágio da Covid-19 tomou amplitude em todo o país e foram iniciadas as medidas de isolamento social pelos governos estaduais. Em todos os grupos observados, integrantes compartilham o comunicado com a logomarca do Governo Federal com o objetivo de proteger a população idosa de riscos maiores de contágio através do que popularizou-se como “fake news do bem”. O conteúdo do post versa sobre possível Medida Provisória com previsão de multa que o poder público aplicaria aos idosos beneficiários da Previdência Social caso descumprissem a orientação do isolamento durante o surto de Coronavírus no Brasil.

Figura 10 - Comunicado veiculado em grupos de *WhatsApp*



Fonte: Print retirado do Site Agência Lupa

Tomando a dimensão do texto, ao propor um roteiro de leitura aos alunos, inicialmente o professor pode convidá-los a explorar a figurativização e estética através da sua composição visual. O referido comunicado veicula uma suposta informação oficial do Governo Federal, como podemos identificar esse propósito? Pode-se orientar a leitura inicial dos alunos/leitores para que assimilem as técnicas de ancoragem através das cores e dos símbolos que identificam o poder Executivo em nível Federal como as logomarcas e os slogans posicionados na borda superior do texto, bem como as cores que remetem à bandeira nacional, mais explicitados pelo fundo azul, e os itens mobilizados na barra inferior dando feição aos ícones

utilizados pelo Ministério da Saúde.

Um exercício comparativo com pesquisa na internet pode auxiliar nessa primeira etapa. Visitando as páginas oficiais do Governo Federal, da Previdência Social e do Ministério da Saúde, os alunos poderão conferir o que condiz com a verdade e o que foi manipulado. Embora o referido texto tenha utilizado as marcas oficiais e repetido as mesmas fontes e cores, a mensagem “Juntos somos mais fortes”, escrita na barra inferior, não faz parte da propaganda institucional do órgão.

Em relação à tematização nos debruçamos sobre o teor do comunicado, ao analisar o discurso que pretende advertir a população sobre uma medida proibitiva através de MP, o enunciador faz uso de recursos expressivos como linguagem formal, impessoal e números para indicar idade do público que estaria proibido de circular livremente durante o período, para situar em qual documento há essa restrição, e o valor da multa que seria aplicada em caso de desobediência ao disposto no texto, dando-lhe forte teor de verdade. Como o aluno poderia verificar a confiabilidade do referido comunicado?

Mais uma vez o professor deve estimular a postura reflexiva e da pesquisa durante essa leitura. Podemos iniciar tal observação pelas marcas textuais que fragilizam seu sentido de verdade, chamando atenção para a frase que encerra o referido texto: “Essa medida foi feita para assegurar a saúde pública/privada da ameaça atual do COVID19”. Aqui pode-se alertar os alunos para os desvios à norma padrão ao tentar construir um texto com uso de linguagem formal. Espera-se que o aluno observe desde a composição da sigla COVID-19, grafa sem hífen; bem como a antítese utilizada na junção de “pública/privada”, levando-se em consideração que é limitada a interferência do Estado na vida privada da população, exceto notocante a questões sanitárias. Por último, observar que a locução verbal “foi feita”, incorre em grande desvio à norma padrão ao se tratar de comunicados oficiais, dando indícios de um texto *fake*, visto que em comunicados geralmente não há presença de justificativa sobre o que é informado em forma de determinação legal.

Partindo para o contexto do discurso em análise, essa leitura também deve ser comparativa. Ao ancorar o texto citando o número da possível MP de forma inadequada já denuncia a falsidade do discurso, também é primordial que o exercício de checagem passe pela comparação entre o teor do referido documento, e o que está escrito do comunicado em análise.

Levando-se em consideração a faixa etária e o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos nos anos finais do ensino fundamental, entre 11 e 16 anos, ler uma norma jurídica pode dificultar esse exercício, então, para auxiliar na leitura dessas MP's, uma alternativa pode ser

a pesquisa em veículos de imprensa confiáveis a respeito do tema. Por último, também consultar as agências de checagem, empresas e organizações especializadas em desmarcar *fake news*. como exemplo, recortamos um *fact checking* pela Agência de Checagens Lupa em 20 de março de 2020:

A informação analisada pela **Lupa** é falsa. A **MP nº 922/2020** não foi editada pelo governo federal em 18 de março, mas em 28 de fevereiro, e não tem nenhuma relação com as medidas tomadas contra a Covid-19. Seu objetivo está em facilitar a contratação temporária de servidores aposentados pela União para reduzir a fila de espera na concessão de aposentadorias pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)⁹.

Assim, o aluno perceberá que o texto teve o objetivo de enganar e amedrontar seus consumidores utilizando a chancela do poder público para conferir seu aspecto de verdade. Outras indagações também podem despertar o olhar crítico dos leitores, como a reflexão sobre a intenção de se produzir e veicular tal discurso, bem como a situação e momento de sua propagação.

5.2 Texto 02 - Cloroquina e a cura da Covid

Tomemos agora como material de análise, o texto 02 que veicula o gênero manchete de uma notícia. Veiculado em 27 de março de 2020 pelo site Senso Incomum e no perfil pessoal do senador Flávio Bolsonaro também no Instagram, foi motivo de grande discussão e posteriormente apagado tanto do site como da rede social do político.

Figura 11 – Notícia sobre suposta cura com hidroxicloroquina



Fonte: Print retirado do site aosfatos.org

Para orientar a leitura a fim de que o aluno identifique que se trata de uma notícia, porém

⁹ Informação retirada do site <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/20/verificamos-idosos-desrespeitarem-isolamento-covid-19-aposentadoria-suspensa/>. Acesso em março de 2020.

com informações fora de contexto, portanto impostora, assim como no exemplo 1, professores podem iniciar a trajetória analítica explorando o texto verbal, do ponto de vista estético e mediante prévia apresentação dos elementos do gênero notícia, orientar que façam leitura da composição da manchete, para que observem que essa contempla todas as características de uma notícia genuína. O cabeçalho em destaque com letras garrafais sobre uma tarja vermelha com o substantivo “esperança”, remetendo ao aspecto positivo que o enunciador pretende produzir desde a primeira leitura de seu discurso. Título e subtítulo também organizados conforme a estrutura de notícias, anunciam um fato novo, atual e relevante.

Avançando para a tematização, o texto em tela também atende a todas as características de uma notícia ao informar já no título que, em São Paulo, quatro pacientes teriam sido curados das complicações do Coronavírus com uso da hidroxicloroquina. Para reforçar o sentido de verdade, a referida notícia acrescenta no subtítulo que os casos graves já haviam recebido alta alguns dias depois do uso do medicamento.

Ao estimular os alunos a refletirem sobre que indícios de mentira podem ser identificados nessa leitura, Barros (2019, p. 08) orienta que “o desmascaramento é conseguido também devido a problemas de organização linguístico-discursiva”. Ao ressaltar que as notícias por sua natureza informativa, são construídas com linguagem formal e discurso mais direto e exato possível. Assim, embora o texto apresente ancoragem de tempo e espaço, o pronome indefinido “alguns”, utilizado no subtítulo, fragiliza a informação por não informar com exatidão quantos dias compuseram o ciclo curativo com o uso do remédio. Por ser uma doença nova, a precisão de dados é importante por seu caráter científico. Pela credibilidade que, historicamente, o gênero notícia confere, nesse caso assume também seu aspecto de texto de divulgação científica.

Tomando em seguida a figurativização, chamar a atenção para os aspectos da imagem mobilizada na construção do discurso não condiz com um ambiente comum no tratamento de infecções provocadas pela Covid-19, pela vestimenta, ausência de máscaras e pelo aperto de mãos, expressamente proibido pelas autoridades de saúde. De forma mais instantânea, os alunos podem observar que pelos personagens e demais elementos, o texto não-verbal traduzido na fotografia que compõe a manchete figurativiza um quarto de hospital (cama apropriada, paciente deitado, aparelhos de frequência cardíaca e mangueira de oxigênio devidamente acomodados nas narinas do paciente).

Ao se indagar sobre o contexto do tratamento de pacientes infectados por Coronavírus, os leitores assimilaram o não uso de máscaras e o aperto de mãos, condutas explicitamente proibidas pelas autoridades de saúde. Nesse caso, a imagem também deve conter as isotopias

do tratamento hospitalar indicado para os pacientes acometidos da Covid-19. Embora atue como suporte meramente ilustrativo, ao quantificar quatro exemplos de cura, a fotografia utilizada na notícia não opera como mecanismo de veridicção, não traduzindo-se diretamente como mentira, porém inadequada para o fato anunciado. Como indica Barros (2019),

Trata-se da descontextualização, procedimento em que textos verbais e visuais são retirados de seu contexto e/ou são recontextualizados, como no caso das imagens com novas legendas ou de fotografias antigas, de outras situações e momentos, republicadas como se tivessem sido tiradas no momento da nova publicação (BARROS, 2019 p. 08).

Outro fator importante nesse olhar, é sobre a permanência de acompanhantes e visitas aos pacientes em tratamento, também suspensos pelos hospitais. Com uma rápida pesquisa na internet, os alunos poderão conferir o que as agências de checagem informam sobre a imagem que acompanha a notícia. Como exemplo comparativo, recortamos explicação publicada pela Agência “Aos Fatos” em 29 de março, dois dias após a divulgação pelo senador, que esclarece ser uma notícia de conteúdo impostor, quando o fato pode ser verdadeiro, mas a composição textual utiliza de elementos fora do contexto veiculado. Nesse caso, conforme a fonte conferida, a fotografia foi registrada no Rio Grande do Sul em contexto anterior a qualquer diagnóstico de Coronavírus no mundo, e retrata a importância de permitir que familiares visitem pacientes internados para tratamento de câncer.

Não é de um paciente com Covid-19 a foto que circula nas redes sociais desde sexta-feira (27) que reporta que quatro pacientes em São Paulo foram "curados com o uso de hidroxícloroquina". Usada pelo site bolsonarista *Senso Incomum* até as 14h14 deste domingo (29) para fazer propaganda da substância, foi compartilhada pelo senador Flavio Bolsonaro, mas é, na verdade, uma imagem de um paciente com enfisema pulmonar internado em 2019 na UTI do hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre¹⁰.

Aprofundando a análise, no nível extratextual, Barros (2019, p. 06) também ressalta que “uma das estratégias mais eficientes de desmascaramento dos discursos mentirosos é a de apontar os diálogos que eles mantêm com outros textos e discursos”. Ao buscar a mesma informação em outras fontes, em outros veículos de imprensa já consagrados como confiáveis, os alunos observarão que o mesmo fato tem outra abordagem discursiva. Para essa comparação, selecionamos a notícia veiculada pelo Site Vivabem, da UOL, em 26 de março de 2020, um dia antes da notícia veiculada pelo senador.

¹⁰ Informação extraída no site <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-usam-foto-de-paciente-com-enfisema-pulmonar-para-promover-cura-da-covid-19/>. Acesso em março de 2020.

Figura 12 - Notícia veiculada no site Vivabem da Uol



Pelo menos quatro pacientes que estavam na UTI em estado grave no Hospital Igesp, em São Paulo, receberam alta após sete dias de uso de hidroxicloroquina em associação com outras medicações.

Fonte: Print retirado do site Uol

O caráter mentiroso do texto divulgado pelo senador pode ser conferido na comparação entre os títulos. Aqui os alunos poderão observar como cada veículo organizou seu discurso para informar o fato. Assim, poderão comparar que o texto divulgado em 26 de março pelo site Vivabem não informa a cura, mas a alta dos pacientes, que podem ser lidas como sinônimas, mas carecem de uma curadoria mais apurada, inclusive ressaltando que mesmo de alta, o tratamento medicamentoso dos pacientes deve ser continuado em casa. Também deverão destacar que o subtítulo ressalta que o uso da hidroxicloroquina foi associado a outras medicações. Relendo o título da notícia veiculada pelo site Senso Incomum, o objetivo é que notem o tom de exagero e o sensacionalismo que o enunciador pretendeu com a afirmação da cura. Por isso recortamos um trecho da notícia veiculada no segundo site que ressalta opinião do médico Dante Senra, médico cardiologista e coordenador das UTI's do hospital, entrevistado na notícia. “O especialista ainda fez questão de ressaltar que não há comprovação de causa e efeito do uso da hidroxicloroquina. Ou seja, não é possível garantir que os pacientes foram curados graças ao medicamento”.

Outra indagação fundamental seria a de tentar compreender qual o objetivo de uma figura pública, no caso o senador Flávio Bolsonaro, de divulgar uma informação falsa. Para essa análise será necessária a utilização de outros textos que deem conta de refletir sobre o panorama político que envolve os debates acerca do uso desse medicamento no tratamento do Coronavírus. Convidar os alunos a novas leituras sobre o mesmo tema, salientando a importância de buscar fontes reconhecidas e conferir com o discurso das autoridades no assunto também pode ampliar os horizontes de reflexão.

5.3 Texto 03: A ironia que poucos entendem

Consideremos o exemplo do texto 3, intitulado “Rio de Janeiro é a primeira cidade a ter a vacina do Covid-19, confira:”, publicado no Perfil “Haddad Debochado” no Instagram em 06 de setembro de 2020, que em menos de 2h horas rendeu mais de 300 comentários e vários compartilhamentos.

Figura 13 - Meme sobre a lotação das praias no feriado prolongado da Independência



Fonte: Print retirado do perfil do instagram

Para oportunizar a aquisição de habilidades que possibilitem ao aluno ler e compreender que não se trata de uma *fake news* com fins de distorcer a realidade, de enganar, mas um texto de humor satírico, construído através do uso de ironia, que se vale de uma mentira intencional para criticar o comportamento social durante a pandemia, requer do professor a construção de um roteiro de leitura que perpassa pelo texto e pela prática.

Acerca do gênero em tela, é importante pontuar que, embora sua gênese enquanto postura mimética (imitação) não esteja diretamente atrelada ao advento dos recursos digitais, o meme de internet como o conhecemos hoje é fruto de tais análises iniciadas na década de 70 do século XX, a partir dos estudos de Richard Dawkins, pesquisador filiado à teoria Darwiniana sobre evolução natural.

Para o contexto linguístico, o termo mem vem da teoria Aristotélica da memesis enquanto postura imitativa do comportamento humano. Segundo Passos (2014, p. 10), “memes” são atitudes, falas, padrões de comportamentos, que passam por um contínuo de surgimento, compreensão e reprodução”.

discutir o poder de proliferação de “memes” em ambientes virtuais seria por demais produtivo nos dias de hoje, fato que reitera uma posição de produção e reprodução de discursos dentro de uma prática social historicamente situada e que também reflete uma cultura letrada em um mundo sobretudo permeado de simbologias gráficas e significados construídos e ressemiotizados. (PASSOS 2014, p. 09)

Assim entendemos o gênero meme enquanto forma de apresentar postura crítica diante

de um fato num dado contexto mediante a utilização de elementos já massificados no seio social, sejam eles figuras ou expressões editadas.

Conforme Silva (2020) a primeira questão seria conhecer quem são os atores mencionados pelo texto, o que eles representam no cenário nacional e o que a possível descoberta da vacina implica para o momento atual, gerando tanta repercussão na mídia. Outra seria levar em conta por que o perfil faz graça com a maior crise sanitária mundial do século? E o que é Covid-19? O que a imagem diz? Qual a relação de uma praia lotada no Rio de Janeiro com a vacina? “O professor pode levar o aluno a observar os elementos que, aparentemente, constroem a confiabilidade do texto da esfera jornalística (gênero notícia), como a ancoragem, recurso mobilizado pela imprensa para atestar que se trata de abordar um caso real com personagens reais” (SILVA 2020, p. 08).

Para isso, devemos elaborar explicação sobre o alerta que o título faz abordando o contexto da pandemia, dados sobre o Rio de Janeiro em termos de localização geográfica, características socioeconômicas como cidade turística, bem como aspectos da esfera política como o perfil de governantes que estão no poder e sua política negacionista no combate à pandemia. Também enfatizar a relação dessa má-política de enfrentamento da crise sanitária com o comportamento popular de lotar as praias durante o feriado e sob os riscos de contágio do Coronavírus. Chamar atenção para o vocativo “confira” alertando para a legenda que compõe a imagem de um noticiário que diz “Banho segue proibido nas praias do Rio de Janeiro”, contrapondo a ironia do título do meme.

Assim, inicialmente, a notícia transmitida no texto verbal do meme tem relativa “aparência” de verdade. Mas o que constrói ali a ironia? Conforme assevera Silva (2020), deve-se considerar o valor da imagem mobilizada, em destaque no meme em tela, logo abaixo do título, e compondo metade de toda a mensagem, explícita a relação de proximidade entre a possível fórmula da vacina e o movimento nas praias. “Não se trata de uma foto falsificada por montagem”.

Esse intenso movimento nas praias demonstrado na imagem serve para reprovar o mau comportamento social dos cidadãos, associando a ida em massa às praias a uma atitude irresponsável da comunidade que também está exposta ao risco do vírus. “O texto assume, portanto, a perspectiva de uma denúncia, de uma acusação contra o político brasileiro”.

Só quem compreende os embates no campo da disputa política e ideológica travada no país vai compreender como essas afirmações se unem para produzir humor, de que discursos são subtraídas essas afirmações que ali se unem para produção de uma argumentação nonsense. Isso, em uma aula, vai demandar que os alunos e alunas tragam seus saberes sobre esses discursos ou que busquem informações que possam traduzir como sentido o que aparentemente é absurdo (SILVA 2020, p. 08).

O próximo passo desse percurso pode ser o da análise do perfil que abriga o meme acima, o Haddad Debochado.

Figura 14 - Descrição do perfil Haddad Debochado



Fonte: Print retirado do perfil do instagram

Desde seu nome no início do perfil *on-line*, o Haddad Debochado assume sua posição satírica em relação aos temas mobilizados. Como pontua Silva (2020), o da “não aderência ao princípio de isenção e de compromisso com a verdade”. Embora se utilize do nome e da imagem de uma figura pública, a do professor universitário, ex-ministro da Educação nos governos Lula e Dilma, ex-prefeito de São Paulo, e candidato à presidência da República pelo PT nas eleições de 2018, Fernando Haddad, o teor humorístico do perfil pode ser conferido pela composição do seu nome com o adjetivo “debochado” e da imagem do político de esquerda em preto e branco com postura reflexiva com a mão direita sob o queixo, associada à faixa presidencial com fitas verde e amarela e os óculos escuros que simbolizam os mitos da internet. Outro dado relevante é a autoria, haja vista que o perfil também é assinado por uma pessoa que indica seu endereço na mesma rede social.

A despeito disso, adverte Silva (2020, p. 09), “certamente muitos leitores apressados podem equivocadamente ler como verdade o que é um texto de natureza subversiva, que se vale do humor para críticas sociais diversas, situando-se entre a verdade e o descalabro”.

Dessa forma, é muito importante que também se realize um exercício comparativo entre o perfil oficial da pessoa e o perfil satírico para oportunizar a antecipação da confiabilidade quanto aos discursos que se propõe a ler. Conforme Silva (2020), entram em cena os elementos que regulam os regimes de crença teorizados por Fontanille (2003).

Com a leitura comparativa, os alunos observarão as semelhanças e diferenças entre os dois perfis. Veja-se o perfil oficial de Fernando Haddad.

Figura 15 - Perfil oficial de Fernando Hadda



Fonte: Print retirado do perfil do instagram

Observando os mesmos aspectos do perfil humorístico, o perfil pessoal de Fernando Haddad é conferido por selo de autenticidade da rede social Instagram, o que já o diferencia do outro. Além do nome completo, o teor de veracidade pode ser identificado pela imagem do perfil, colorida, sem edições e com a bandeira do Brasil ao fundo. A breve descrição de seu currículo profissional e a indicação do endereço de seu canal no Youtube¹¹, reforçam a confiabilidade como perfil real e consequente diferenciação do perfil humorístico.

5.4 Texto 04: Bolsonaro com vitória unânime?

Para o texto 04, selecionamos um *webcard*, gênero utilizado no suporte digital que tem funções semelhantes à do cartaz. O texto aqui utilizado foi divulgado no início do mês de julho pelas redes sociais, em especial *WhatsApp e Facebook*.

Assim como os outros três textos já apresentados em nossa análise, o gênero card virtual traduz de forma mais ilustrativa o que a semiótica considera como texto sincrético (verbo-visual). Com uma foto do presidente Jair Bolsonaro de terno escuro com a bandeira do Brasil em último plano, ao fundo, na parte visual, sobreposta por texto verbal em primeiro plano, o *webcard* tem a intenção de divulgar pesquisa que confirma a reeleição do presidente com quase a totalidade dos votos em 2022.

¹¹ Plataforma de compartilhamento de vídeos. <https://www.youtube.com/c/FernandoHaddadOficial/about>

Figura 16 - *Webcard* com resultado de suposta pesquisa sobre eleições em 2022



Fonte: Print retirado de texto no site da revista Piauí

Pela própria composição e estilo do discurso que prioriza o texto verbal preenchendo todo o espaço do cartão virtual, nesta atividade, o professor pode iniciar o roteiro de leitura pela mensagem escrita: "Bolsonaro dispara nas pesquisas 94% querem que ele seja reeleito em 2022". Aqui, após explicitar que o objetivo do gênero cartaz virtual também perpassa pela divulgação de determinada informação, com a intenção de anunciar algo, podemos iniciar a leitura com os alunos orientando-os a observarem que, embora assumida o teor de cartaz virtual, sua estética foge um pouco das regras de diagramação, haja vista que o texto verbal preenche toda a área do cartaz, priorizando o nome do presidente e o ano de sua reeleição com letras em fonte maior ao restante do texto sublinhadas em negrito. Essa estratégia discursiva denuncia o tom alarmista do discurso.

Conforme Barros (2019), para identificar um texto *fake*, o aluno/leitor pode averiguar a presença, ou não, de problemas de organização linguístico-discursiva, no caso do *webcard*, a ausência de vírgula separando as orações na composição da frase. "Se for mal elaborado, usar estratégias inadequadas, organizar-se de forma contraditória, não seguir o padrão do gênero ou o estilo de língua apropriado, ele poderá ser "desmascarado" com base nos "desvios" e "erros" de sua composição interna ou de seu estilo" (BARROS 2019, p. 10).

É relevante também buscarem a ancoragem que confere o sentido de verdade do texto. Nas tarefas de verificação, Barros (2019, p. 07) orienta o leitor a exercer sempre essa postura de "verificar se os textos são assinados, se têm origem comprovada, se são públicos e se quem os torna públicos assume a responsabilidade da publicação, se estão ancoradas, de alguma forma, em textos que são reconhecidos como verdadeiros e assim por diante".

Assim, entre as informações pertinentes ao gênero, é importante que percebam a ausência de assinatura, da fonte da informação, data e empresa responsável pela pesquisa. Por ter sido escolhido pelo *WhatsApp*, portanto sem fonte, “é fácil diferenciar e desmascarar o mentiroso, que é anônimo, divulgado apenas no *WhatsApp*, sem ninguém que por ele se responsabilize” (BARROS, 2019, p. 07).

Acerca do contexto de sua produção e compartilhamento, dialogando sobre o cenário de rejeição popular que o presidente enfrentava à época da divulgação do cartaz, quando o número alarmante de mortos pelo Coronavírus, afirmações polêmicas e a crise econômica provocaram desgaste na imagem do presidente. Assim, foi urgente lançar uma mentira nova para desviar o foco do eleitorado. Conforme informado pela Agência Lupa, do jornal Folha de São Paulo, em 10 de julho de 2020, ao desmascarar a fake news desse webcard, a classificação da gestão de Bolsonaro como ruim ou péssima chegou a quase 50%.

Divulgado no dia 26 de junho, um levantamento feito pelo Datafolha mostrou que 44% dos entrevistados consideravam a gestão atual ruim ou péssima. O estudo mostrou que 23% considerava o governo regular e que 32% considerava o governo bom ou ótimo. Já uma pesquisa do DataPoder360 divulgada na última quinta-feira (9) mostrou que a aprovação do presidente era de 40%, enquanto sua desaprovação era de 47%. Esses números se mantiveram estáveis comparados com o último levantamento realizado, segundo o instituto¹².

O mais importante nesse exercício de verificação será a comparação entre textos. Mais uma vez, com breve pesquisa na internet sobre pesquisa de intenção de votos para as eleições em 2022, informações de fontes confiáveis já aparecem no topo dos sites de buscas da internet. Utilizamos esse critério para selecionar o exemplo exposto a seguir.

Recortamos título de matéria veiculada no site *exame.com*, que publicou em 04 de setembro de 2020, notícia sobre pesquisa realizada pelo Instituto Idea sobre o cenário eleitoral para 2022 e a possível reeleição do presidente Jair Bolsonaro. Conforme o título “Bolsonaro é reeleito em 2022 em todos os cenários eleitorais”. Mas como a leitura semiótica de textos no suporte digital requer postura investigativa, é importante proporcionar a leitura completa aos alunos. Para tanto, recortamos o texto da notícia:

Se as eleições presidenciais fossem hoje, o presidente **Jair Bolsonaro** estaria reeleito. Em um cenário de disputa de primeiro turno entre Bolsonaro, o ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva**, o ex-ministro da Justiça **Sérgio Moro** e outros candidatos, o presidente levaria a maioria dos votos (31%), seguido pelo ex-presidente Lula (17%). Já num segundo turno, Bolsonaro ganharia de Lula, com 42% dos votos, ante 31% do oponente petista. É o que mostra uma pesquisa Exame/IDEIA, projeto que une **Exame Research**, braço de análise de investimentos da EXAME, e o IDEIA, instituto de pesquisa especializado em opinião pública¹³.

¹² Informação retirada no site <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/10/verificamos-bolsonaro-eleicao-2022>. Acesso em março de 2020

¹³ Trecho publicado no site <https://exame.com/brasil/exame-ideia-bolsonaro-e-reeleito-em-2022-em-todos-os-cenarios-eleitorais/>. Acesso em março de 2020.

Para aprofundar o exercício de checagem, ao propor uma visita aos sites de agências de checagem, o professor pode incentivar o aluno a pesquisar com autonomia. Sobre a referida pesquisa veiculada no *webcard* em tela, encontramos pelo menos três agências que analisaram e confirmaram a falsidade das informações desse texto, a saber Polígrafo, Estadão Verifica e a Agência Lupa. Essa última informou que o texto já havia alcançado quase 1,5 milhão de visualizações no *facebook* em 10 de julho.

A informação analisada pela **Lupa** é falsa. As pesquisas divulgadas até o momento não mostram que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) seria reeleito em 2022 com 94% dos votos. Duas pesquisas eleitorais para 2022 foram realizadas nos últimos meses, uma delas do instituto Paraná Pesquisas e outra do instituto Quaest. Em ambas, Bolsonaro aparece na liderança, mas com menos de 30% das intenções de voto. O levantamento nacional mais recente sobre o cenário das eleições de 2022 foi realizado pelo instituto Quaest, em junho. No único cenário testado, Bolsonaro aparece com 22% das intenções de voto. Também foram incluídos na pesquisa Sergio Moro (sem partido), Fernando Haddad (PT), Ciro Gomes (PDT), Luciano Huck (sem partido), Guilherme Boulos (PSOL) e João Doria (PSDB). Em maio, a revista *Veja* publicou um levantamento do instituto Paraná Pesquisas. Três cenários foram testados. Bolsonaro apareceu na liderança nos três, oscilando entre 26% e 29%, dependendo dos adversários. Essa pesquisa foi feita entre os dias 26 e 29 de abril, ou seja, logo após a saída de Moro do governo Bolsonaro. O ex-juiz acusou o presidente de tentar interferir na autonomia da Polícia Federal para benefícios próprios¹⁴.

No comparativo entre o percentual divulgado no *webcard* e os números apontados pela pesquisa, mais uma vez o leitor pode desmascarar a mentira do primeiro texto. Embora as estatísticas acenam para uma possível reeleição, pela quantidade de candidatos e a pluralidade de opiniões que compõe o eleitorado nacional, é impossível alcançar a marca dos 92% de aprovação.

5.5 Texto 05: A invenção do fim do mundo

Como última sugestão de leitura, mobilizamos um texto do gênero canção. Trata-se de uma composição de Assis Valente, original dos anos 1930, já gravada por dezenas de artistas, entre eles, Carmen Miranda¹⁵, Leci Brandão, Adriana Calcanhoto, e Ney Matogrosso.

Para essa atividade, selecionamos a versão remixada do samba nas vozes de Sandy e Paula Toller¹⁶ por acreditar que a sonoridade mais alegre e irreverente possibilita maior interesse dos alunos pela análise que se propõe, por se tratarem de adolescentes que pela faixa etária preferem canções com ritmos mais intensos. Vejamos a letra.

E o Mundo Não Se Acabou(Assis Valente)
Anunciaram e garantiram

¹⁴ Informação retirada do site <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/10/verificamos-bolsonaro-eleicao-2022/>. Acesso em março de 2020.

¹⁵ Conferir videoclipe em: <https://www.youtube.com/watch?v=5GxA4Elbx80>

¹⁶ Conferir clipe em: <https://www.youtube.com/watch?v=IcIEnJfymH0>

Que o mundo ia se acabar
Por causa disso a minha gente
Lá de casa começou a rezar
Até disseram que o sol ia nascer
Antes da madrugada
Por causa disso nessa noite
Lá no morro não se fez batucada
Acreditei nessa conversa mole
Pensei que o mundo ia se acabar
E fui tratando de me despedir
E sem demora fui tratando de aproveitar
Beije na boca de quem não devia
Peguei na mão de quem não conhecia
Dancei um samba em traje de maiô
E o tal do mundo não se acabou
Chamei um gajo com quem não me dava
E perdoei a sua ingratidão
E festejando o acontecimento
Gastei com ele mais de quinhentão
Agora eu soube o que gajo anda
Dizendo coisa que não se passou
Vai ter barulho e vai ter confusão
Porque o mundo não se acabou

A partir da apreciação da música e leitura de sua letra, um exercício valioso para a didática da leitura é a reconstrução histórica na construção dos sentidos do texto. Para explorar algumas das várias possibilidades de leitura com o presente texto, mobilizamos a análise de Silva (2019) ao relatar a experiência vivenciada à época da composição dessa canção.

Minha avó contava que num dado momento, nas primeiras décadas do século XX, anunciou-se que era chegado o fim do mundo. Nos textos bíblicos, a menção ao fim dos tempos se apresenta como narrativa inscrita na ordem do acontecimento, haja vista seu modo de existência inesperado, a ruptura drástica com uma certa regularidade do cotidiano, o andamento da extrema celeridade que aturde o sujeito, pego de surpresa. [...] A despeito dos textos bíblicos que afirmam que o fim dos tempos virá como um raio, sem profeta que precise o instante de seu acontecimento, os personagens da narrativa de minha avó acreditaram em seu anúncio, já antecipando a danação. Contava ela que, por obra de um boato que alcançou grandes proporções, muitos se desfizeram de seus bens, venderam seus animais, entregaram-se ao que seriam os últimos prazeres, mas, no final, o boato bem-sucedido em sua capacidade de reverberação não se fez verdade e, como na canção de Assis Valente, “o mundo não se acabou” (SILVA, 2009 p. 02).

Como trabalhar com adolescentes a leitura de um texto produzido há quase um século? Com observação do videoclipe, acompanhado da leitura da letra da canção, por meio de roda de conversa ou debate, os alunos poderão observar a relação causa/efeito de uma informação falsa no cotidiano social. Embora trate de uma composição do início do século XX, as proporções que uma *fake* alcança, podem ser devastadoras. Para além dos efeitos psicológicos subjetivos, e socioeconômicos, a leitura crítica dessa e de outras músicas, inclusive de forma interdisciplinar, pode servir como base para reflexões sobre a conjuntura política em diferentes períodos da história, principalmente o contemporâneo.

Além do teor passional, muitos textos com discursos falsos se aproveitam da ignorância

do usuário/leitor sobre o conteúdo veiculado, dessa forma, os textos a seguir analisados, ganharam repercussão em larga escala justamente porque não haviam informações de fontes confiáveis. Assim, analisar a realidade por meio da leitura de textos que veiculam informações falsas, ainda no Ensino Fundamental, pode oportunizar não apenas formar leitores multiletrados, mas formar cidadãos críticos e éticos, capazes de identificar as *fakenews*.

Assim para transpor didaticamente a leitura dos textos aqui analisados, de forma que a linguagem a ser utilizada pelo professor seja de fácil compreensão para os estudantes nessa etapa de desenvolvimento cognitivo, construímos um percurso de leitura no formato de caderno pedagógico. A intenção foi de ofertar aos colegas uma sugestão de atividades que viabilizem a leitura com postura crítica, mediante os elementos que a semiótica discursiva nos oferta para as práticas de leitura na contemporaneidade.

Para tanto, após fazer breve explanação acerca do fenômeno das fake news, suas características mais comuns e os tipos de fake, organizamos a leitura dos cinco textos selecionados de forma estruturada, a partir de seções que vão desde as primeiras provocações, sedução para a leitura, passando pela análise linguística/semiótica, e culminando na leitura em contexto. A esta última seção, demos os nomes de: ativando o modo Sherlock Holmes, desvendando a mentira, desconfie dos exageros, e, se é uma crítica, por que é falso?, ao analisarmos o contexto do gênero meme.

Vale ressaltar ainda que, para cada gênero, também escolhemos títulos que consideramos mais atrativos para o perfil de aluno ao qual a aplicação do caderno se destina. Assim, para o gênero comunicado, demos o título de “Fake news do bem”; para a notícia “Cloroquina e a cura da covid”; para o meme, “Aironia que poucos entendem”; para o card virtual, “Bolsonaro com vitória unânime?”; e por fim, para o texto do gênero letra de canção, “A invenção do fim do mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de refletir sobre as implicações da leitura no suporte digital em tempos de *fake news*, bem como quais habilidades necessárias ao leitor para o contato com textos compostos por diferentes semioses, nosso trabalho teve como base a experiência docente vivenciada em uma escola rural da rede pública estadual situada no norte do Tocantins.

A partir da leitura de textos que circularam na internet no contexto da pandemia, em especial os do campo jornalístico-midiático, sob o prisma da semiótica discursiva, para alcançar tal objetivo, traçamos caminho a partir de experiência de leitura vivenciada numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental em direção à proposta de um percurso que possa auxiliar a leitura crítica a partir de estratégias de veridicção. Nesse trajeto, observou-se a realidade da escola que ainda enfrenta a exclusão digital; perfil de alunos oriundos de famílias em situação de vulnerabilidade social; por último, intensa circulação de textos mentirosos que exigem uma didática da leitura que possibilite a construção de sentidos pelo sujeito como proposto pela semiótica discursiva.

No contexto da Era Digital e da forte influência da internet nas práticas de leitura cotidianas, compreende-se que a escola deve ser lugar privilegiado para os multiletramentos necessários a essa rotina. Portanto, partimos do princípio de que a leitura no meio digital requer não apenas habilidades concernentes a explorar o interior do texto, deve levar em conta condicionantes históricos e ideológicos mobilizados na construção do que é enunciado, deve ir além dos aspectos intratextuais, observando também as práticas que circundam a produção e veiculação de tais textos.

Assim, buscamos propor estratégias de leitura, na escola, que possibilitem ao aluno os letramentos necessários para uma ética da leitura, que identifique, combata e previna a produção e circulação de textos mentirosos como os do fenômeno das *fake news*. À luz da semiótica discursiva, buscamos problematizar as práticas que envolvem a leitura na contemporaneidade, buscando observar as regularidades enunciativas e narrativas presentes em textos que veiculam *fake news*.

Cientes de que a semiótica é um valioso recurso para os letramentos, compreendemos que é mister proporcionar estratégias de leitura que se debruçam pelas categorias de investigação durante o ato de ler. Assim, ao propor uma leitura pautada no letramento e na educação midiáticos, devemos buscar construir o alinhamento a uma abordagem semiótica do texto, que nos orienta para práticas que lhe seriam mais coerentes no combate à desinformação e às paixões malevolentes, debatidas pelo aporte teórico mobilizado no decorrer

da pesquisa.

Entendemos então que a escola ainda enfrenta o desafio de oportunizar os multiletramentos inerentes à leitura no meio digital. Constatamos também que a desinformação é o princípio da manipulação de que os textos como *fake news* se alicerçam. Pela brevidade e mesmo instantaneidade com a qual geralmente o leitor absorve as informações no meio digital, se este não tiver desenvolvido habilidades de leitura que o façam refletir sobre o que vê, acreditar no que está diante dos olhos será sempre mais rápido, fácil e confortável do que investigar, analisar e refletir antes de consumir tal informação como verdade. É nesse momento que o alinhamento a uma abordagem semiótica do texto nos orienta para práticas que lhe seriam mais coerentes.

São diversos os fatores que influenciam nesse percurso em busca de uma ética da leitura. Com regularidade, entre as principais barreiras observadas durante a produção dos dados, a ausência da leitura de forma crítica, investigativa, desponta como um dos principais. Por outro lado, considerando as contribuições da semiótica discursiva nesse processo, o que os documentos oficiais propõem, bem como a proposta aqui apresentada, devemos reconhecer que é possível sim, desenvolver uma didática da leitura em sala de aula.

Desse modo, a escola deve situar-se como espaço de mobilização para o desenvolvimento das competências necessárias aos multiletramentos. Deve ser uma tarefa coletiva, interdisciplinar, mas recai principalmente nos ombros do professor da área de linguagens a missão de oportunizar a aquisição de habilidades de leitura que o atual contexto exige.

Se orientados de forma sistemática, com proposta que possibilite esses multiletramentos, temos convicção de que a escola assumirá seu lugar de espaço privilegiado para a construção dos sentidos diante de qualquer leitura. Com essa visão é que propusemos um caderno com atividades de leitura e análise de *fake news* que circularam nas redes sociais durante os primeiros meses da pandemia no Brasil.

Mediante a observação das regularidades enunciativas que se apresentam na maioria dos textos que circulam na internet, o leitor pode analisar e identificar sinais de verdade ou mentira no que lhe é enunciado. Levando em consideração as proposições da semiótica discursiva, além de explorar o que lhe é enunciado, a didática da leitura deve levar o leitor a observar aspectos como as marcas textuais, o da figurativização, tematização, estilo, ancoragem, e ao nosso ver o mais importante: a dimensão passional.

Entre as principais contribuições que a semiótica discursiva pode conferir aos multiletramentos e à didática da leitura de *fake news* é o de nos abrir os olhos para o perigo dos

regimes de crença e manipulação que a dimensão passional provoca. O principal caminho é o hábito de leitura comparativa, buscando conferir a mesma informação em diferentes fontes, que poderemos iniciar nosso percurso investigativo diante de textos de diferentes gêneros. Nesse sentido, para o trabalho com leitura, o professor da área de linguagens tem na semiótica discursiva uma importante aliada.

Atentos aos desafios e possibilidades aqui circunscritos, apresentamos proposta didática aos professores que trabalham com leitura no Ensino Fundamental. Nosso objetivo não é esgotar possibilidades metodológicas, tampouco esgotar o assunto, mas apresentar uma entre muitas possibilidades didáticas, que privilegiam a leitura de forma crítica a partir do fenômeno *fake news* em diferentes gêneros.

Possibilitar os multiletramentos e por consequência uma ética da leitura é conferir à escola um papel que já é seu, o de espaço privilegiado para a construção do conhecimento e o exercício da cidadania. A proposta que se compromete em formar leitores críticos e éticos tem o real poder de interferir positivamente no presente, oportunizando mudanças no futuro. Só pelo caminho da ciência, da pesquisa e da reflexão é que poderemos ser e formar leitores éticos.

O presente trabalho vai orientar professores para atuação em sala de aula e assim proporcionar contribuições para as práticas de leitura desenvolvidas na escola, além de possibilitar aos alunos o diálogo com as múltiplas linguagens tão presentes no nosso dia a dia. O caderno pedagógico pode servir de roteiro para sugerir estratégias para auxiliar no processo de identificação e prevenção aos fenômenos das *fake news* e pós-verdade, bem como ampliar a prática pedagógica na aquisição de competências e habilidades necessárias à didática da leitura e à formação de leitores. A pesquisa abre um caminho para análises e interpretações, baseados na checagem e ancoragem que a semiótica e o letramento midiático podem oferecer durante as leituras.

Sabemos que os desafios continuam na educação e essa proposta é apenas um dos passos da nossa contribuição para o ensino nas escolas, pois é preciso seguir e buscar sempre as melhores alternativas para fortalecer essa corrente, seja pelos nossos alunos e por nós, professores.

REFERÊNCIAS

A educação midiática na BNCC. Disponível em: <<https://educamidia.org.br/recurso/a-educacao-midiatica-na-bncc>> Acesso em 22 abr 2020.

AFONSO, Natália. **Verificamos: É falso que Bolsonaro aparece com 94% das intenções de votos em pesquisa sobre eleições de 2022.** Publicado em 10 de julho de 2020. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/10/verificamos-bolsonaro-eleicao-2022/> Acesso em 05 set 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo.** Disponível em: <<http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510>> Acesso em 23 dez 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. **Estudos Semióticos**, USP, v. 15, n. 2, p. 1-18, 2019.

_____. **Intolerância, mentira e educação: reflexões sobre o discurso.** 1h56min20s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=le2T8Tk1t-c> Acesso em 02 set. 2020.

BEAUDOIN, Valérie. De la publication à la conversation: lecture et écriture électroniques. **Réseaux**, n. 116, p. 199-225, 2002.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária.** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BRASIL, **Base nacional comum curricular.** Ministério da Educação. Brasília, 2018.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais da educação básica.** Ministério da Educação. Brasília, 1998.

_____. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF., 26 jun 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm> Acesso em 10 fev 2021.

BITTENCOURT, Ricardo L.; FERREIRA, Diuliane A.; ROCHA, Andresa M. **Letramento midiático: um olhar além da sala de aula.** Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/lendu/article/viewFile/2613/2452>> Acesso em 11 jan 2021.

CARDOSO, Gustavo *et al.* **As Fake News numa sociedade pós-verdade: Contextualização, potenciais soluções e análise.** Relatório OBERCOM JUNHO 2018. Disponível em: <https://obercom.pt/uploads/2018/06> Acesso em 10 mai 2020.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros. **A pós-graduação de professores da educação básica.** Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br>> Acesso em 05 jan 2021.

CORRÊA, Richard. **China ganha a 3ª Guerra Mundial, com a maior mentira do século: “coronavírus”.** Disponível em: <https://blogfoconews.wordpress.com/2020/03/14/china-ganha-a-3a-guerra-mundial-com-a-maior-mentira-do-seculo-coronavirus/> Acesso em 03 set. 2020

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**; tradução Arnaldo Bloch. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. **Linguística e pedagogia da leitura.** Scripta, v. 7, n. 14, p. 107-117. 2004.

_____. **Semiótica das paixões**: o ressentimento. Alfa, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007.

FONTANILLE, Jacques. Médias, régimes de croyance et formes de vie. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia (org.). **As interações sensíveis**: ensaios de sociosemiótica a partir da obra de Eric Landowski. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013, p. 131-156.

GANZELA, Marcelo. **BNCC**: entre tantas mudanças, muitas continuidades. Disponível em: <<https://box.novaescola.org.br/etapa/4/bncc-na-pratica/caixa/64/bncc-de-lingua-portuguesa-gramatica,-oralidade-e-generos-digitais/conteudo/11959>> Acesso em 26 dez 2019.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ÍNDICE de Desenvolvimento da Educação Básica. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=525753>> Acesso em 13 dez. 2019.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas.** Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: CPS, Estação das Letras e Cores, 2014.

_____. Regimes de sentido e formas de educação. **Revista EntreLetras (Araguaína)**, v. 7, n. 2, p. 8-14, 2016.

_____. Para uma abordagem socio-semiótica da literatura. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. **Significação**, São Paulo, n. 11/12, p. 31-32, set. 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. In DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Orgs. **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDRÁN, Albert. No reino da pós-verdade, a irrelevância é o castigo. **Revista Uno**, n. 27, p. 33-35, 2017.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

MÜLLER, Felipe de Matos; SOUZA, Márcio Vieira. Fake news: um problema midiático multifacetado. In: SANTOS, Cleberton Correia (Org.). **Estudos interdisciplinares nas ciências exatas e da Terra e engenharias 2**. Paraná: Atenas, 2019, p. 254-267.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Fake news, mentira organizada e educação: uma reflexão a partir do pensamento de Hannah Arendt. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 1, p. 243-263, 2020.

OLIVEIRA, TORY. O que move as *fake news*? **Revista Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11824/o-que-move-as-fake-news> Acesso em 18 de setembro de 2019.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2 ed. Campinas, SP: ed. da Unicamp, 1993.

PASSOS, Marcos Vinícius Ferreira. **O gênero “meme” em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais**. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_204.pdf> Acesso em 10 mai 2021.

PAULA, Lorena T.; SILVA, Thiago dos R.; BLANCO, Yuri A. Pós-verdade e Fontes de Informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/rca/article>> Acesso em 13 jun 2020.

PREGO, Victoria. Bolhas informativas. **Revista Uno**, n. 27, p. 20-21, 2017.

ROJO, Roxane (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, Roxane. **Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos**. In: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-36.

ROJO, Roxane. **Letramentos digitais** – a leitura como réplica ativa. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 46(1): 63-78, Jan./Jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132007000100006&script=sci_arttext> Acesso em 07 set 2020.

SACRAMENTO, Igor. em: **Disseminação de fake news sobre coronavírus preocupa especialistas**. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-02/disseminacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus-preocupam-especialistas>> Acesso em 06 ago 2020.

SILVA, Luiza Helena Oliveira. **Formação do leitor na escola: questionamentos a partir da semiótica discursiva**. No prelo, 2020.

_____. Interações, leituras e sentidos em tempos de *fake news*: desafios para a formação de leitores no contexto escolar. **Estudos Semióticos**, USP, v. 15, n.1, p. 31-45, 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/161838>> Acesso em 13 jan 2020.

_____. Em torno de O cego Estrelinho: contribuições da semiótica para as reflexões entre literatura e história. **Fênix**, Revista de História e Estudos Culturais, v. 12, ano XII, n. 1, p. 1-18, 2015.

_____. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e literatura na perspectiva da semiótica didática. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. M. (Org.). **Divulgando conhecimentos de linguagem: pesquisas em língua e literatura no ensino fundamental**. Rio Branco: NEPAN, 2017, v. 1, p. 195-211.

SILVA, Tammi Schalm. **Fake news**: como ensinar os alunos a lidar com essa realidade? 2018. 53p. TCC (Especialização). Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. UFRGS, 2018.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/10351/pdf>> Acesso em 12 fev 2021.

SILVA, Lidiane Rodrigues Campêlo et. Al. **Pesquisa documental**: alternativa investigativa na formação docente. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3124_1712.pdf> acesso em 12 fev 2021.

SOUSA, Sílvia Maria de; TEIXEIRA, Lucia. Contribuições da Semiótica às práticas de multiletramento. **Estudos Semióticos**, USP, vol. 15, n. 2 p. 46-62, 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165201>> Acesso em 10 abr 2020.

TEIXEIRA, Lucia; FARIA, Karla; SOUSA, Sílvia Maria de. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. **Desenredo**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 10 - n. 2 - p. 314-336 - jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/d7bc/4bde96d48332f4277f1a50b958db20651d67.pdf>> Acesso em 22 abr 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOCANTINS. **Documento curricular de linguagens**: língua portuguesa, língua inglesa, arte, educação física. Tocantins: SEE, 2019. Disponível em <https://central3.to.gov.br/arquivo/478047/> Acesso em 02 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Conselho Universitário. **Resolução nº 043/2012 de 15 de maio de maio de 2012**. Aprova a criação do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, em Rede Nacional, do

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA, bem como de seu Regimento Interno. Disponível em: http://www.uern.br/controldepaginas/reconhecimento/arquivos/1859aprovaa%C2%A7a%C2%A3o_do_curso_nacional.pdf. Acesso em 12 jul. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Resolução nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020**. Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS. Disponível em: <http://www.profletras.ufrn.br/documentos/351494082/2020#.YGtaYx9KjIU> Acesso em 10 jul 2020.

VASQUEZ, Julia. **Na década de 1930, Carmen Miranda cantou que o mundo ia se acabar. "Mas, não se acabou"**. Disponível em: [https://www.radiocacula.com.br/noticias/brasil-mundo/na-decada-de-1930-carmen-miranda-cantou-que-o-mundo-ia-se-acabar-mas-nao-se-acabou->](https://www.radiocacula.com.br/noticias/brasil-mundo/na-decada-de-1930-carmen-miranda-cantou-que-o-mundo-ia-se-acabar-mas-nao-se-acabou-) Acesso em 05 set 2020.

ZARZALEJOS, José Antonio. Comunicação, jornalismo e ‘fact-checking’. **Revista Uno**, n. 27, p. 11-13, 2017.

APÊNDICE

Kayla Pacheco Nunes
Luiza Helena Oliveira Silva



**Práticas de
Leitura de
*Fake News***

Caderno do Professor

Araguaína - TO
2021

Colega professor(@),

Este caderno é resultado de uma pesquisa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS – desenvolvido na Universidade Federal do Tocantins - UFT. Nosso objetivo é ofertar uma proposta didática para a leitura de textos do campo jornalístico-midiático tomando como foco o fenômeno das fake news.

Dessa forma, esperamos que o material aqui apresentado possa auxiliá-lo no trabalho em sala de aula para o desenvolvimento de habilidades necessárias ao letramento midiático já nos anos finais do Ensino Fundamental.

Embora reconheça-se a eficácia das sequências didáticas como “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, SCHNEUWLY, NOVARRAZ, 2004, p. 97), não nos pautamos na proposta de SDG e não circunscrevemos nossa discussão sobre as fake news baseados na abordagem de apenas em um gênero textual, explorado em módulos num circuito de certa forma fechado, embora dialógico.

Na elaboração do material, tentamos contemplar o desenvolvimento de habilidades relativas à leitura, compreensão, curadoria e posicionamento diante do que é lido. Devido à natureza dos textos propostos, que estão inseridos no rol de gêneros do campo jornalístico-midiático (BNCC), para este percurso de leitura, relacionamos as habilidades do Documento Curricular do Tocantins para o 9º Ano, que contemplam o letramento midiático: (EF89LP01); Na elaboração do material, tentamos contemplar o desenvolvimento de habilidades relativas à leitura, compreensão, curadoria e posicionamento diante do que é lido. Devido à natureza dos textos propostos, que estão inseridos no rol de gêneros do campo jornalístico-midiático (BNCC), para este percurso de leitura, relacionamos as habilidades do Documento Curricular do Tocantins para o 9º Ano, que contemplam o letramento midiático: (EF89LP01); (EF09LP01); (EF89LP02); (EF89LP24); (EF89LP07); (EF69LP17). Dessa forma, as sugestões aqui mobilizadas estão orientadas por esses indicadores.

⁴Habilidade de identificar diferentes tipos de mídia e interpretar as informações e mensagens enviadas nessas mídias. Isso inclui não apenas os conteúdos de texto que circulam em redes sociais, como também memes, vídeos virais, videogames e propagandas. Guia de Letramento Midiático: como identificar e combater desinformação Disponível em: encurtador.com.br/gnxyX> Acesso em 09 mar 2021.

É importante ressaltar ainda que todas as sugestões de leitura aqui propostas estão orientadas pelo viés da semiótica discursiva (SILVA 2019, 2020, 2021; BARROS 2020; SOUSA E TEIXEIRA 2019), que discutem práticas de leitura, pela semiótica, para o desvelamento de textos com discursos mentirosos. Conforme defende Silva (2020),

Na condição de semioticista, dedicamo-nos a dois prazeres distintos, mas que, a nosso ver, confluem: o de ler e o de explicar/comentar/analisar. Consideramos que este segundo nos leva a refazer a leitura outras tantas vezes, pondo atenção a elementos do texto que ampliam as impressões do primeiro encontro e, por isso mesmo, corroboram para ampliar também a experiência estética da leitura[...] É necessário reler, rever, retomar as mesmas linhas, duvidar da memória traiçoeira que nos põem à deriva, relacionando o lido a tantas outras aventuras da existência, na trama de muitos textos que nos atravessam. (SILVA 2021, p. 197)



Para melhor compreensão do aporte teórico, sugerimos consulta ao texto da dissertação, disponível no site da Universidade Federal de Tocantins.

Torcemos para que esse roteiro seja útil à sua prática docente e reiteramos que o material é uma proposta entre tantas que possam colaborar para facilitar o trabalho com a leitura. Sinta-se à vontade para adaptá-lo às especificidades de sua turma e enriquecê-lo para que juntos, caminhemos rumo à formação de leitores críticos.

Mãos à obra!



Professor(@), antes de iniciar a didatização do fenômeno *fake news* é importante que você conheça suas características. Pensando nisso, trazemos como abertura de nosso roteiro, breve definição compilada dos estudos até então desenvolvidos por teóricos pesquisadores do assunto e mobilizados em nossa pesquisa.

Fake News, que fenômeno é esse?

Com base nas definições elaboradas por diferentes teóricos acerca do fenômeno das *fake news*, apresentamos uma síntese que evidencia a concepção assumida por nós a partir das especificidades que o texto com discurso falso geralmente contém.

Conceito:

- Práticas de falsear a realidade. Notícia de que não se sabe a fonte precisa, com um enunciador não identificável na sintaxe da frase que se vale do sujeito indefinido; (SILVA 2019)

- Texto elaborado e divulgado de forma intencional, para alcançar objetivo pré-estabelecido, o de enganar.

Nesse sentido, o texto considerado *fake news* pode ser identificado a partir das regularidades enunciativas que apresenta:

- Informações fora de contexto, quando mensagens, fotos, áudios ou vídeos verdadeiros são veiculados fora de seu contexto real;

- Se apropriam de estratégias enunciativas comuns aos veículos jornalísticos;

- Texto mal elaborado, usam estratégias inadequadas, organizam-se de forma contraditória, não seguem o padrão do gênero ou o estilo de língua apropriado, (BARROS 2020);

- Apresentam forte teor passional com expressões pautadas no exagero;

- Incitam o leitor a tomar decisões como compartilhar a informação instantaneamente de forma mecanizada.

Entre as finalidades de produzir e propagar *fake news*, o programa Educamídia ressalta:

- para enganar (hoax)
- para ganhar dinheiro
- para persuadir
- mudar crenças e ideias

Tipos de *fake news* segundo Wardle (2017):

- **Sátiras**, que não são consideradas desinformação em si, mas que pelo teor irônico, podem não ser compreendidas;

- **Falsa Conexão**, quando elementos do texto como imagens ou legendas não dão suporte à informação, estão fora de contexto;

- **Conteúdo enganoso**, informações atribuídas a uma pessoa, grupo ou instituição a fim de ferir sua imagem.

- **Conteúdo falso**, informações originalmente verdadeiras, mas usadas fora de seu contexto real.

- **Conteúdo impostor**, quando se atribui uma fonte confiável a um conteúdo falso em notícia fabricada, ou informações falsas ancoradas em fontes criadas para esse fim. Geralmente são sites, blogs e perfis em redes sociais que usam composição visual semelhante a um veículo de imprensa confiável, gerando no leitor a sensação de segurança por parecer com uma fonte oficial.

- **Manipulação de conteúdo**, informações genuínas são adulteradas com edição, montagem de fotografias, textos, vídeos, etc. alterando seu formato original pra viralizar.

- **Conteúdo fabricado**, quando a informação é totalmente falsa, desde o tema, formato, fonte, uma junção de todos os tipos elencados acima.

Há ainda outras estratégias enunciativas, que embora não sejam consideradas uma *fake news*, têm a intenção de persuadir o leitor, podendo levá-lo à prática do compartilhamento mecânico de informações, que podem ou não, ser falsas:

- **Click-bait ou caça-cliques**, com a divulgação de links com teor sensacionalista para ganhar muitos acessos em pouco tempo;

- **Phishing**, que veiculam falsas ofertas de serviços e produtos gratuitos para acessar dados pessoais do leitor/usuário.

Assim, ao propor um percurso de leitura a partir do fenômeno das *fake news*, é necessário situar quais gêneros vamos abordar, a fim de delimitar nossa abordagem didática, caminho que se faz a partir da delimitação e análise de um corpus, para contemplar os elementos comuns a tais gêneros.

Como a proposta foi elaborada pensando em leitores que estão finalizando o Ensino Fundamental, ciclo em que acreditamos ser possível a compreensão do fenômeno abordado e seus desdobramentos, bem como pela forte presença do uso de recursos digitais, selecionamos gêneros que foram propagados em redes sociais durante os primeiros meses de pandemia da Covid-19 no Brasil como objeto da presente transposição didática.

Atentos a isso, construímos nosso corpus a partir de cinco textos dos gêneros informativo(1), notícia (2), *meme* (3), *card* virtual (4) e letra de canção (5), veiculados em redes sociais como WhatsApp e Instagram. A seleção desses textos para compor nosso roteiro de leitura se deve em primeiro, por se tratarem de textos sincréticos, quando a composição do discurso engloba diferentes semioses (texto verbal e não-verbal, por exemplo); adequação temática, por abordarem desdobramentos da pandemia da Covid-19 no decorrer de 2020; abrangência, tendo sido repercutidos em larga escala nas redes sociais *facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*; e por último e mais importante, sua característica de discurso mentiroso, que os configuram com *fake news*.

Considerando então a relevância dos gêneros mobilizados, reiteramos a utilização do fenômeno das *fake news* como matéria prima para a construção de um percurso de leitura que possibilite o desenvolvimento de habilidades necessárias ao letramento e à educação midiáticos. De acordo com Sousa e Teixeira (2019, p.57), "pelo prisma da semiótica, a interpretação do texto deve partir justamente da compreensão das cadeias figurativas que o alinhavam".

Atento à complexidade que envolve o fenômeno das *fake news*, o professor deve situar sua prática a partir do repertório de leitura dos alunos, da sua visão de mundo acerca desse problema social que perpassa diretamente pelo viés do letramento midiático. Observando esse ponto de partida, optamos pela apresentação do gênero que consideramos ser o mais utilizado para disseminar textos com discurso mentiroso, a notícia.

A partir da apreciação das características e leitura do gênero notícia, poderemos avançar em direção ao fenômeno das *fake news*. Essa explanação sobre o formato, função e importância da notícia pode ser instrumento de investigação diagnóstica para orientar o percurso que se inicia.

i

Lembramos que é a partir das vivências sociais dos alunos no contexto extra-escolar que o roteiro de leitura deve ser conduzido. Portanto, sugerimos que o professor também selecione textos que circulam em sua cidade ou região, bem como que sejam atuais e de interesse dos alunos, para que possam enriquecer o trabalho de leitura que se propõe.

ROTEIRO DE LEITURA

Objetivo:

Ler textos do campo jornalístico-midiático para analisar que modo os elementos linguísticos e multissemióticos que os constituem, bem como o contexto de sua produção conferem efeito de verdade/mentira.

Texto 01

Fake news do "bem"

Gênero - Informativo

Provocações

1º
passo

Antes de apresentar o texto a ser lido, é necessário abordar o tema sobre as regulamentações legais decorrentes da pandemia da Covid-19 para motivar os alunos à leitura proposta.

a) Durante o período de distanciamento social você ficou sabendo de alguma proibição do poder público aos cidadãos?

Resposta pessoal (podem citar o lockdown, proibição de eventos, etc.)

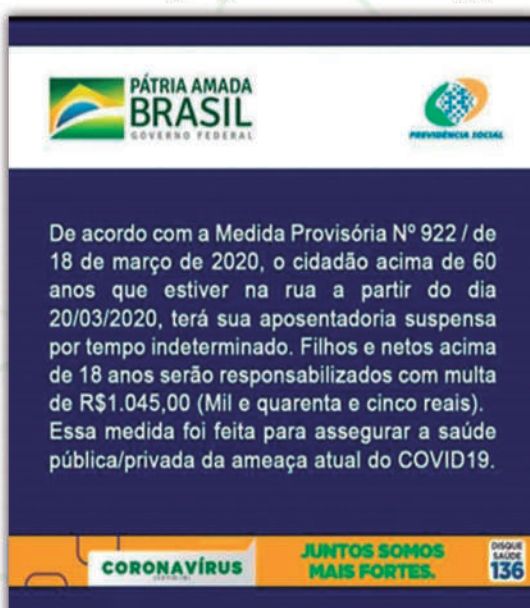
b) Quais as medidas você achou mais severas?

Resposta pessoal

c) Que mecanismos o poder público utilizou para tomar tais medidas?

(Ao questioná-los sobre quais proibições o poder público já estipulou, os alunos terão oportunidade de expressar sua visão acerca do que se pretende discutir.)

Comunicado veiculado em grupos de WhatsApp



Fonte: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/03/20/e-fake-que-medida-provisoria-determina-suspensao-da-aposentadoria-dos-idosos-que-sairem-as-ruas-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus.ghtml>

Professor - é importante que os alunos percebam que além do discurso verbal, o texto é composto de outros elementos, sejam eles imagens, ícones, números, etc.



Enquanto discurso elaborado mediante um objetivo de comunicação, constrói sentido quando em contato com o interlocutor dessa comunicação. É importante salientar a composição do texto para que o aluno possa compreendê-lo a partir do seu contexto.

2º

passo

Sedução para a leitura

Para atrair a atenção da turma, você pode exibir a imagem que representa o texto em projeção de multimídia ou cópias (de preferência colorida).

a) Pergunte se já viram essa mensagem antes!

b) Se a resposta for positiva, onde viram?

O texto abaixo foi amplamente veiculado em grupos de WhatsApp durante o mês de março de 2020, quando o contágio da Covid-19 tomou amplitude em todo o país e foram iniciadas as medidas de isolamento social pelos governos estaduais.



(Pode ocorrer dos alunos já conhecerem o referido texto, bem como sua identificação como fake news, o segredo para a leitura crítica desse recorte está justamente no percurso investigativo que você pode criar junto aos alunos)

Na leitura do texto, observe se os alunos identificam a intenção do discurso produzido:

a) Com que objetivo, o Governo Federal emitiria uma Medida Provisória com previsão de multa aos idosos beneficiários da Previdência Social caso descumprissem a orientação do isolamento durante a primeira onda do surto do Coronavírus no Brasil em 2020?

Espera-se que os alunos apontem a medida restritiva do direito de ir e vir como uma ação do poder público para assegurar a segurança da população idosa, bem como uma tentativa de conter/reduzir a curva de contágio da pandemia.

b) Para explorar a figurativização e estética através da sua composição visual, questionar a turma sobre quais elementos dão ao comunicado a feição de informe oficial do Governo Federal. Como podemos identificar esse propósito?

Pelas técnicas de ancoragem, espera-se que os alunos/leitores observem a organização textual através das cores e dos símbolos que identificam o poder Executivo em nível Federal, como as logomarcas e os slogans posicionados na borda superior do texto, bem como as cores que remetem à bandeira nacional, mais explicitados pelo fundo azul, e os itens mobilizados na barra inferior dando feição aos ícones utilizados pelo Ministério da Saúde.



Um exercício comparativo com pesquisa na internet pode auxiliar nessa primeira etapa. Visitando as páginas oficiais do Governo Federal, da Previdência Social e do Ministério da Saúde, você pode orientar que os alunos confirmem o que condiz com a verdade e o que foi manipulado.



Embora o referido texto tenha utilizado as marcas oficiais e repetido as mesmas fontes e cores, a mensagem “Juntos somos mais fortes”, escrita na barra inferior não faz parte da propaganda institucional do órgão.



Use sua criatividade sobre a presença da frase acima e enriqueça a leitura com a turma.



Como atividade extra-classe, proponha pesquisa sobre slogans de campanhas oficiais e faça um comparativo com as frases de efeito como a destacada do texto.

c) Em relação à tematização, ao analisar o discurso que pretende advertir a população sobre uma medida proibitiva, pergunte quais recursos expressivos são mobilizados pelo enunciador para dotar o texto de caráter legal como é comum em leis como uma MP.

Espera-se que identifiquem que o enunciador faz uso de recursos expressivos como linguagem formal, impessoal e números para indicar idade do público que estaria proibido de circular livremente durante o período. Para situar em qual documento há essa restrição, e o valor da multa que seria aplicada em caso de desobediência ao disposto no texto, dando-lhe forte teor de verdade.



Como o aluno poderia verificar a confiabilidade do referido comunicado?

Mais uma vez você deve estimular a postura reflexiva e da pesquisa durante essa leitura. Podemos iniciar tal observação pelas marcas textuais que fragilizam seu sentido de verdade, chamando atenção para a frase que encerra o referido texto:

"Essa medida foi feita para assegurar a saúde pública/privada da ameaça atual do COVID19".



Aqui pode-se alertar os alunos para os desvios à norma padrão ao tentar construir um texto com uso de linguagem formal.

Espera-se que o aluno observe desde a composição da sigla COVID-19, grafada sem hífen; bem como a antítese utilizada na junção de "pública/privada", levando-se em consideração que é limitada a interferência do Estado na vida privada da população, exceto no tocante a questões sanitárias.

Por último, observar que a locução verbal "foi feita", incorre em desvio à norma padrão ao se tratar de comunicados oficiais, dando indícios de um texto com discurso fake, (em comunicados geralmente não há presença de justificativa sobre o que é informado em forma de determinação legal).

Ativando o modo "Sherlock Holmes"

Partindo para o contexto do discurso em análise, essa leitura também deve ser comparativa. Aqui a prática da leitura deve caminhar lado a lado com a prática da pesquisa.

a) Como conferir se o número da MP é válido?

Pesquisas na internet sobre o teor da MP nº 922/2020 para comparar com o teor do texto em análise podem ser indicadas pelos alunos.

É importante que o professor já tenha em mãos os 2 textos para direcionar esse exercício de checagem.



Levando-se em consideração a faixa etária e o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos nos anos finais do ensino fundamental, entre 11 e 16 anos, ler uma norma jurídica pode dificultar esse exercício, então, para auxiliar na leitura dessas MP's, uma alternativa pode ser a pesquisa em veículos de imprensa confiáveis a respeito do tema.



Consultar as agências de checagem, empresas e organizações especializadas em desmarcar *fake news* é uma alternativa acessível (caso sua escola tenha ferramentas de acesso à internet disponíveis)

Como exemplo, recortamos um fact cheking pela Agência de Checagens Lupa em 20 de março de 2020.

A informação analisada pela Lupa é falsa. A MP nº 922/2020 não foi editada pelo governo federal em 18 de março, mas em 28 de fevereiro, e não tem nenhuma relação com as medidas tomadas contra a Covid-19. Seu objetivo está em facilitar a contratação temporária de servidores aposentados pela União para reduzir a fila de espera na concessão de aposentadorias pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/20/verificamos-idosos-desrespeitarem-isolamento-covid-19-aposentadoria-suspensa/>

Assim, o aluno perceberá que o texto teve o objetivo de enganar e amedrontar seus consumidores utilizando a chancela do poder público para conferir seu aspecto de verdade. Outras indagações também podem despertar o olhar crítico dos leitores, como a reflexão sobre a intenção de se produzir e veicular tal discurso, bem como a situação e momento de sua propagação.



Agora é sua vez! Que sugestões de leitura você acrescentaria a essa atividade?



EXTRA!

URGENTE!

BOMBA!
BOMBA!

EM PRIMEIRA
MÃO!

Texto 02

Cloroquina e a cura da Covid

Gênero - Notícia

Provocações

1º
passo

a) Com expressões desse tipo você pode despertar os alunos para identificarem em que situações geralmente são utilizados esses termos.

A intenção é que assimilem o chamado ao gênero notícia. (Pode ocorrer de tirarem conclusões como boatos e mesmo fake news)

b) Ao identificarem como informação através do formato de notícia, onde a ela geralmente é veiculada?

Espera-se que citem os veículos oficiais de comunicação: O jornal (impresso, TV, rádio, internet)

Sedução para a leitura

2º
passo

Entregue exemplares impressos de um jornal de circulação local. Como exemplo, utilizamos o Jornal O progresso - em circulação na cidade de Imperatriz e região Tocantina.

Capa do jornal O progresso

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/63211756/o-progresso-edicao-de-08-de-abril-de-2020>



Peça para que os alunos folheiem, apreciem o formato, e explorem as características do gênero notícia no suporte de papel.

Após a leitura livre de diferentes edições pelos alunos, faça a exploração dos elementos do jornal com orientação oral sobre os itens: manchete, cadernos, colunas, anúncios e publicações legais.

Explique como cada caderno é organizado por temas, que são editados geralmente nas mesmas páginas à medida que mudam de página.

Solicite que os alunos leiam e escolham a notícia que mais lhes chamou a atenção. Em seguida, peça que localizem as informações básicas que constituem uma notícia: o que, quando, onde, como e por que aconteceu.



Ao final, numa roda de conversa, faça a escuta das impressões dessa leitura.

Para orientar essa atividade, trazemos como sugestão, o quadro retirado da sequência "Roda de notícias", disponível no site da Nova Escola:

O que a notícia nos revela?

- Qual é o assunto da notícia?
- É um conflito que envolve guerra, rivalidade, disputa, briga, greve, reivindicação?
- Envolve uma polêmica ou um escândalo?
- Trata de aventura, divertimento, esporte, comemoração?
- Envolve descoberta, invenção, pesquisa, religião, valores culturais?
- Trata de tragédia, catástrofe, acidente, risco de morte, violência, crime?
- Refere-se ao governo, eleições, decisões e medidas, inauguração, viagens?
- Refere-se à justiça em que há julgamentos, denúncias, investigações?
- Onde e quando aconteceu?
- Quais pessoas estão envolvidas no fato?
- Quantas pessoas são afetadas pelo fato?
- O assunto da notícia é incomum, original, inusitado?
- A notícia acontece perto de mim, do meu bairro, da minha cidade, do meu estado, do meu país?
- Houve algum anúncio publicitário? Quanto tempo foi destinado ao anúncio?

fonte: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/4307/roda-de-noticias>



Apresentar o mesmo jornal explorado no suporte impresso em papel, agora na sua versão digital. Do projetor, navegar no site do jornal durante uns 10 minutos e pedir que os alunos destaquem suas percepções sobre os dois suportes (impresso e virtual).



Para enriquecer esse passeio virtual, outros jornais podem ser acessados. Peça que os alunos sugiram nomes de jornais que conhecem e faça a demonstração.

Esse exercício pode estimular uma discussão sobre a tendência ao desaparecimento do jornal impresso devido a forte presença das ferramentas digitais no cotidiano social.

RESUMO DO GÊNERO



Texto informativo, relativamente curto, divulgado em meios de comunicação - rádio, TV, internet - que usa a linguagem formal, clara e objetiva, para informar sobre fatos reais).

- O principal ponto a ser destacado é que a notícia tem o dever de informar fatos verdadeiros, com fontes confiáveis.

3º
passo

Prática de análise linguística/semiótica

Para a leitura investigativa do gênero notícia, trazemos agora como material de análise, o texto veiculado em 27 de março de 2020 pelo site Senso incomum e no perfil pessoal do senador Flávio Bolsonaro também no Instagram.

i

Embora não seja mais recente, ao propor a leitura do texto aqui mobilizado, pode-se ressaltar que a informação divulgada nessa manchete foi motivo de grande discussão e posteriormente apagado tanto do site como da rede social do político.

Notícia sobre suposta cura com hidroxicloroquina.



Fonte:

https://static.aosfatos.org/media/cke_uploads/2020/03/29/screen-shot-2020-03-29-at-141438.png

Para orientar a leitura a fim de que o aluno identifique que se trata de uma notícia, porém com informações fora de contexto, portanto impostora, assim como no texto 1, o professor pode iniciar a trajetória analítica explorando o estilo, com observação do texto verbal.

a) Após conhecer a função e elementos do gênero notícia, quais elementos no texto acima podem caracterizá-lo como uma notícia? Que detalhes podem ser destacados do texto em análise?

O objetivo é que os alunos possam formar uma lista com as principais características do gênero presentes no texto em estudo e identifiquem a composição da manchete em diálogo com o texto não-verbal e com o subtítulo, e que observem se contempla todas as características de uma notícia genuína.

Nas pistas para essa leitura mais apurada, o professor pode indicar:

- O cabeçalho em destaque com letras garrafais sobre uma tarja vermelha com o substantivo "esperança", remetendo ao aspecto positivo que o enunciador pretende produzir desde a primeira leitura de seu discurso;



- Título e subtítulo também organizados conforme a estrutura de notícias, anunciam um fato novo, atual e relevante.

- Avançando para a tematização, o texto também atende a todas as características de uma notícia ao informar já no título que, em São Paulo, quatro pacientes teriam sido curados das complicações do Coronavírus com uso da hidroxicloroquina.



Para reforçar o sentido de verdade, a referida notícia acrescenta no subtítulo que os casos graves já haviam recebido alta alguns dias depois do uso do medicamento.

 Desvendando a mentira

Ao estimular os alunos a refletirem sobre que indícios de mentira podem ser identificados nessa leitura, Barros (2019, p. 08) orienta que "o desmascaramento é conseguido também devido a problemas de organização linguístico-discursiva".

Ao ressaltar que as notícias por sua natureza informativa, são construídas com linguagem formal e discurso mais direto e exato possível, o professor pode incentivar o aluno a refletir:

a) Se é notícia é verdade? Como você pode se certificar de que a informação veiculada no texto acima não é falsa?

Embora o texto apresente ancoragem de tempo e espaço, é importante alertar o aluno que o pronome indefinido "alguns", utilizado no subtítulo, fragiliza a informação por não informar com exatidão quantos dias compuseram o ciclo curativo com o uso do remédio. Por ser uma doença nova, a precisão de dados é importante por seu caráter científico. Pela credibilidade que, historicamente, o gênero notícia confere, nesse caso assume também seu aspecto de texto de divulgação científica.

b) Observe a imagem que compõe o texto da notícia acima. Com base na experiência vivenciada durante a pandemia, como deve funcionar um leito de internação de um paciente acometido da Covid-19?

De forma mais instantânea, os alunos podem observar que pelos personagens e demais elementos, o texto não-verbal traduzido na fotografia que compõe a manchete figurativiza um quarto de hospital (cama apropriada, paciente deitado, aparelhos de frequência cardíaca e mangueira de oxigênio devidamente acomodados nas narinas do paciente).

Pela figurativização, espera-se que os alunos associem os aspectos da imagem mobilizada com as informações transmitidas pela imprensa oficial e órgãos de saúde, pois o quarto com acompanhantes não condiz com um ambiente comum no tratamento de infecções provocadas pela Covid-19. Como exemplo, podem citar a vestimenta, ausência de máscaras e pelo aperto de mãos, expressamente proibido pelas autoridades de saúde.



Embora atue como suporte meramente ilustrativo, ao quantificar quatro exemplos de cura, a fotografia utilizada na notícia não opera como mecanismo de verificação, não traduzindo-se diretamente como mentira, porém inadequada para o fato anunciado. Como indica Barros (2019),

Trata-se da descontextualização, procedimento em que textos verbais e visuais são retirados de seu contexto e/ou são recontextualizados, como no caso das imagens com novas legendas ou de fotografias antigas, de outras situações e momentos, republicadas como se tivessem sido tiradas no momento da nova publicação. (BARROS, 2019 p. 08)



Outro fator importante nesse olhar, é sobre a permanência de acompanhantes e visitas aos pacientes em tratamento, também suspensos pelos hospitais.

Sugira uma rápida pesquisa na internet, para que os alunos possam conferir o que as agências de checagem informam sobre a imagem que acompanha a notícia.



Como exemplo comparativo, recortamos explicação publicada pela Agência "Aos Fatos" em 29 de março, dois dias após a divulgação pelo senador, que esclarece ser uma notícia de conteúdo impostor, quando o fato pode ser verdadeiro, mas a composição textual utiliza de elementos fora do contexto veiculado.

Nesse caso, a fotografia foi registrada no Rio Grande do Sul em contexto anterior a qualquer diagnóstico de Coronavírus no mundo, e retrata a importância de permitir que familiares visitem pacientes internados para tratamento de câncer.

Não é de um paciente com Covid-19 a foto que circula nas redes sociais desde sexta-feira (27) que reporta que quatro pacientes em São Paulo foram "curados com o uso de hidroxicloroquina". Usada pelo site bolsonarista Senso Incomum até as 14h14 deste domingo (29) para fazer propaganda da substância, foi compartilhada pelo senador Flavio Bolsonaro, mas é, na verdade, uma imagem de um paciente com enfisema pulmonar internado em 2019 na UTI do hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre.

(<https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-usam-foto-de-paciente-com-enfisema-pulmonar-para-promover-cura-da-covid-19/>)



Barros (2019, p. 06) também ressalta que "uma das estratégias mais eficientes de desmascaramento dos discursos mentirosos é a de apontar os diálogos que eles mantêm com outros textos e discursos".



EXERCÍCIO EXTRA

Ativando o modo "Sherlock Holmes"

Na comparação com outros textos sobre o mesmo fato, sugira pesquisa, também na internet, em outras fontes de notícias. Oriente que procurem nos veículos de imprensa confiáveis.

@ Selecionamos a notícia veiculada pelo Site Vivabem, da UOL, em 26 de março de 2020, um dia antes da notícia veiculada pelo senador.

Figura 12: Notícia veiculada no site Vivabem da Uol



Fonte: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/26/quatro-pacientes-de-uti-tiveram-alta-em-sp-com-uso-de-hidroxicloroquina.htm>

a) Compare os títulos das duas notícias. Que semelhanças e diferenças você identifica?

O caráter mentiroso do texto divulgado pelo senador pode ser conferido pelos alunos ao observarem como cada veículo organizou seu discurso para informar o fato. Assim, poderão comparar que o texto divulgado em 26 de março pelo site Vivabem não informa a cura, mas a alta dos pacientes, que podem ser lidas como sinônimas, mas carecem de uma curadoria mais apurada, inclusive ressaltando que mesmo de alta, o tratamento medicamentoso dos pacientes deve ser continuado em casa. Também deverão destacar que o subtítulo resalta o uso da hidroxicloroquina foi associado a outras medicações.

Peça que releiam o título da notícia veiculada pelo site Senso Incomum.

O objetivo é que notem o tom de exagero e o sensacionalismo que o enunciador pretendeu com a afirmação da cura.



Recortamos um trecho da notícia veiculada no segundo site que ressalta opinião do médico Dante Senra, médico cardiologista e coordenador das UTI's do hospital, entrevistado na notícia:

"O especialista ainda fez questão de ressaltar que não há comprovação de causa e efeito do uso da hidroxicloroquina. Ou seja, não é possível garantir que os pacientes foram curados graças ao medicamento".

Reflexão - Outra indagação fundamental seria a de tentar compreender qual o objetivo de uma figura pública, no caso o senador Flavio Bolsonaro, divulgar uma informação falsa. Para essa análise será necessária a utilização de outros textos que deem conta de refletir sobre o panorama político que envolve os debates acerca do uso desse medicamento no tratamento do Coronavírus.



Convidar os alunos a novas leituras sobre o mesmo tema, salientando a importância de buscar fontes reconhecidas e conferir com o discurso das autoridades no assunto também pode ampliar os horizontes de reflexão.

Texto 03 A ironia não compreendida

Gênero - Meme

1º
passo

Provocações



Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/um-em-cada-tres-brasileiros-ja-compartilhou-informacoes-falsas/>

Para início de conversa, sem citar o gênero a ser trabalhado, com apresentação do texto acima, observar a reação dos alunos.

a) A qual gênero textual o enunciado se filia?

O objetivo é que os alunos o identifiquem como "meme de internet".

b) Onde geralmente os memes circulam com mais frequência?

Espera-se que citem as redes sociais, em especial whatsapp, facebook e Instagram. (Memes em vídeos são muito presentes na rede tiktok)

c) Você se lembra de algum Meme que viralizou na internet? Sobre qual assunto?

Resposta pessoal



Professor, antes de partir para a análise linguística do gênero, explique o conceito e função social do meme de internet.

O meme pode ser definido como uma maneira encontrada pelos usuários de entender o mundo, ressignificando as informações que se apresentam em seu cotidiano, algo que implica mediação, compreensão e crescimento sógnico.



Assim, o meme pode ser entendido como uma linguagem da internet? Como podemos entendê-lo enquanto linguagem desse meio? E o que caracteriza essa linguagem? Para buscar respostas, essa investigação se propõe a tomar o processo de transformação da informação pelo meme como uma forma de comunicar e entender o mundo, compreendendo o ambiente mediático da internet como um ambiente também semiótico. O fenômeno é muitas vezes associado ao cômico, associando à ideia de piada, humor, ironia ou sarcasmo.

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf



Curiosidade - origem dos memes

<https://novaescola.org.br/conteudo/4629/o-que-e-um-meme>

2º
passo

Sedução para a leitura



<https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2020-03-23-rir-para-nao-chorar-a-cri-se-covid-19-em-19-memes/>

Como característico do gênero meme, o discurso propagado na composição textual comumente vem carregado de ironia e sarcasmos. Para convidar os alunos à análise textual mais apurada, indague-os sobre a intencionalidade do texto:

a) Que mensagem o texto acima veicula?

Possível resposta: A solução para prevenir o coronavírus é ficar sentado em casa.

b) Qual a intenção do enunciador ao associar a imagem de uma caixa de remédios ao termo "bundanosofá"?

Espera-se que os alunos identifiquem a ironia da mensagem ao hibridizar a expressão bunda no sofá à composição visual de um medicamento

3º
passo

Prática de análise linguística/semiótica

Para nos debruçarmos à análise mais aprofundada da leitura de um texto do gênero meme, apresentamos a seguir o texto intitulado "Rio de Janeiro é a primeira cidade a ter a vacina do Covid-19, confira:", publicado no Perfil "Haddad Debochado" no Instagram em 06 de setembro de 2020,



Em menos de duas horas o post rendeu mais de 300 comentários e vários compartilhamentos.

Meme sobre a lotação das praias no feriado prolongado da Independência.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CEz8Y6anGpq/?igshid=1nngzh7h83xc1>

Para oportunizar a aquisição de habilidades que possibilitem ao aluno ler e compreender que não se trata de uma fake news com fins de distorcer a realidade, de enganar, mas um texto de humor satírico, comece perguntando:

a) Que elementos configuram o texto acima como meme?

A reprodução de uma manchete de jornal televisivo em uma rede social acrescida de comentário irônico pode servir de exemplo para identificar o gênero.

b) Inicialmente, a notícia transmitida no texto verbal do meme tem relativa "aparência" de verdade. Mas o que constrói ali a ironia?

Espera-se que os alunos percebam a relação entre a frase de apresentação e a legenda presente na imagem. Observe que o enunciador critica a superlotação das praias justamente quando o banho de sol seguia proibido na cidade do Rio de Janeiro.

Professor, é importante situar a discussão no tempo, haja vista que à época da produção do meme, a vacina contra a covid-19 ainda não havia sido patenteada por nenhum grupo de pesquisa científica.

c) Por que o perfil satiriza a maior crise sanitária mundial do século? Qual a intenção do enunciador ao formatar o meme acima?

O texto, construído através do uso de ironia, se vale de uma mentira intencional para criticar o mau comportamento social durante a pandemia, alertando também, para o risco que a presença maciça nas praias apresentava no momento.

🔍 Se é uma crítica irônica, por que é fake?

Ciente de que a ironia é um dos recursos expressivos que geralmente não são compreendidos pelo leitor, o meme de internet pode se desdobrar em uma *fake news* se não for compreendido como uma crítica intencional.

Essa leitura reflexiva requer do professor a construção de um roteiro que perpassa pelo texto e pela prática.



Conforme Silva (2020), "certamente muitos leitores apressados podem equivocadamente ler como verdade o que é um texto de natureza subversiva, que se vale do humor para críticas sociais diversas, situando-se entre a verdade e o descalabro".

Para essa leitura, é importante levar em conta os condicionantes por trás da arquitetura do texto:

a) O que a imagem diz?

Professor, destaque a relação dessa má política de enfrentamento da crise sanitária com o comportamento popular de lotar as praias durante o feriado e sob os riscos de contágio do Coronavírus.

b) Qual a relação de uma praia lotada no Rio de Janeiro com a vacina? "

Enfatize o alerta que o título faz abordando o contexto da pandemia. Dados sobre o Rio de Janeiro em termos de localização geográfica, características socioeconômicas como cidade turística, bem como aspectos da esfera política como o perfil de governantes que estão no poder e sua política negacionista no combate à pandemia podem auxiliar nesse exercício.

c) Explore a ironia:

Chame a atenção para o vocativo “confira” alertando para a legenda que compõe a imagem de um noticiário que diz “Banho segue proibido nas praias do Rio de Janeiro”, contrapondo a imagem da praia com grande movimento de banhistas. Esse intenso movimento nas praias demonstrado na imagem serve para reprovar o mau comportamento social dos cidadãos, associando a ida em massa às praias a uma atitude irresponsável da comunidade que também está exposta ao risco do vírus.

Ao analisar essa construção, Silva (2020), observa que o texto assume, portanto, a perspectiva de uma denúncia, de uma acusação contra o político brasileiro.

Só quem compreende os embates no campo da disputa política e ideológica travada no país vai compreender como essas afirmações se unem para produzir humor, de que discursos são subtraídas essas afirmações que ali se unem para produção de uma argumentação nonsense. Isso, em uma aula, vai demandar que os alunos e alunas tragam seus saberes sobre esses discursos ou que busquem informações que possam traduzir como sentido o que aparentemente é absurdo.

Dessa forma, é muito importante que também se realize um exercício comparativo entre o perfil oficial da pessoa e o perfil satírico para oportunizar a antecipação da confiabilidade quanto aos discursos que se propõe a ler. Assim, para compreender a crítica por trás da ironia, é preciso o exercício comparativo que a leitura e análise semiótica nos oferecem:



O próximo passo desse percurso pode ser o da análise do perfil que abriga o meme acima, o Haddad Debochado, e o perfil oficial de Fernando Haddad, figura pública (ex-ministro da educação e ex-candidato à presidência da república):

Coloque as imagens lado a lado e dê um tempo para que os alunos comparem:



Disponível em: <https://www.instagram.com/haddaddebochado/?hl=pt-br>
Disponível em: <https://www.instagram.com/fernandohaddadoficial/?hl=pt-b>

a) Que semelhanças podemos identificar em ambos perfis? E as diferenças?

Espera-se que os alunos apontem como semelhanças o rosto nas fotografias e o substantivo próprio que compõe o sobrenome da figura pública "Haddad". Como diferenças, os adjetivos que acompanham o nome de Haddad no perfil, "debochado" e "oficial", e ainda a composição da imagem com acréscimo de elementos típicos da linguagem na internet como o óculos e a faixa presidencial.

b) Qual perfil você acredita que seja a conta verdadeira de Fernando Haddad?

Além da fotografia sem alegorias, o selo de verificação da rede Instagram, bem como o adjetivo oficial do segundo perfil podem ser facilmente assimilados pelos alunos.

Outro dado importante a ser observado é a descrição dos perfis. Pois as informações sobre o currículo da pessoa em questão ancoram seu perfil como verdadeiro. A breve descrição de seu currículo profissional e a indicação do endereço de seu canal no Youtube, reforçam a confiabilidade como perfil real e consequente diferenciação do perfil humorístico.

c) Por que uma página de humor usaria o nome de uma figura pública como Fernando Haddad?

A intenção é que observem que desde seu nome no início do perfil *on-line*, o Haddad Debochado assume sua posição satírica em relação aos temas mobilizados.



Como pontua Silva (2020), o da “não aderência ao princípio de isenção e de compromisso com a verdade”.

Embora se utilize do nome e da imagem de uma figura pública, a do professor universitário, ex-ministro da Educação nos governos Lula e Dilma, ex-prefeito de São Paulo, e candidato à presidência da República pelo PT nas eleições de 2018, Fernando Haddad, o teor humorístico do perfil pode ser conferido pela composição do seu nome com o adjetivo “debochado” e da imagem do político de esquerda em preto e branco com postura reflexiva com a mão direita sob o queixo, associada à faixa presidencial com fitas verde e amarela e os óculos escuros que simbolizam os mitos da internet.

Outro dado relevante é a autoria, haja vista que o perfil também é assinado por uma pessoa que indica seu endereço na mesma rede social.



Texto 04

Bolsonaro com vitória unânime?

Gênero - Card Virtual

1º
passo

Provocações

Comece a aula consultando a turma sobre a função e características do gênero cartaz.

Sendo um gênero textual informativo, espera-se que os alunos comentem que sua função é divulgar algum produto, serviço ou evento.

Aproveite e amplie a conversa ressaltando que é um gênero presente em muitas situações do cotidiano, podendo ser encontrado nas ruas, repartições públicas, estabelecimentos comerciais, em cinemas, teatros, e inclusive na internet, quando ganha o nome de *card* virtual.



Dê espaço para que os alunos comentem em que situações já leram cartazes (card virtual) no suporte digital.

Sedução para a leitura

2º
passo



Fonte: <https://es-la.facebook.com/TSEJus/posts/3474460015907445>

Com a apresentação de um card virtual, comece a discussão sobre o discurso que anuncia.

Para esse quebra-gelo, escolhemos um card do Tribunal Superior Eleitoral, com orientações ao eleitor no dia da votação nas eleições municipais de 2020. Fique à vontade para selecionar um texto de sua preferência.

a) O que é anunciado no texto?

Os alunos podem responder que são orientações para o eleitor na hora de votar, conforme o título do card destaca "Dicas".

b) Qual a intenção do autor com a mensagem veiculada no card?

Por se tratar de um card produzido pelo TSE, órgão jurídico que regulamenta o processo eleitoral no país, os alunos devem identificar seu caráter educativo ao alertar o eleitor sobre horários e condutas ao ir votar.

c) Onde podemos encontrar cartazes desse tipo?

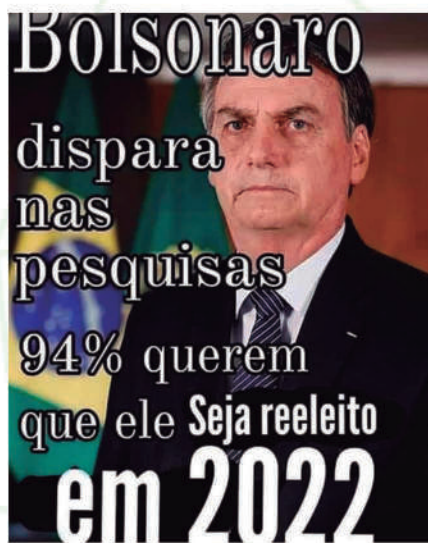
A intenção é que, além dos locais físicos, citem o ambiente virtual onde o texto pode ter sido divulgado, as redes sociais.

3º
passo

Prática de análise linguística/semiótica

Após essa introdução sobre o gênero, apresente o card a ser analisado.

Webcard com resultado de suposta pesquisa sobre eleições em 2022



Para o texto 04, selecionamos um *webcard* que foi divulgado no início do mês de julho de 2020 pelas redes sociais, em especial *WhatsApp* e *facebook*.

Lance perguntas aos alunos acerca da composição visual:

a) Que elementos compõem o card acima?

Composto por texto sincrético (verbo-visual), com uma foto do presidente Jair Bolsonaro de terno escuro com a bandeira do Brasil em último plano, ao fundo, na parte visual, sobreposta por texto verbal em primeiro plano.

b) Que mensagem o texto transmite?

Espera-se que os alunos citem que o *webcard* tem a intenção de divulgar pesquisa que confirma a reeleição do presidente com quase a totalidade dos votos em 2022.

Pela própria composição e estilo do discurso que prioriza o texto verbal preenchendo todo o espaço do cartão virtual.



Nesta atividade, o professor pode iniciar o roteiro de leitura pela mensagem escrita: "Bolsonaro dispara nas pesquisas 94% querem que ele seja reeleito em 2022". Aqui, após explicitar que o objetivo do gênero cartaz virtual também perpassa pela divulgação de determinada informação, com a intenção de anunciar algo, nesse caso a reeleição com folga do atual presidente.

c) Você consegue identificar o enunciador da mensagem? Por quê?

A resposta deverá ser negativa, haja vista que não há elementos de ancoragem do texto em local, data, nem autor.

 Desconfie dos exageros!

Para conduzir essa leitura investigativa, a dúvida deve ser o guia do percurso.

Se o cartaz anuncia uma informação, no caso resultado de pesquisa, se traz a composição verbo-visual típica do gênero, o que há de estranho na mensagem produzida?

Podemos realizar a leitura com os alunos orientando-os a observarem que, embora assuma o teor de cartaz virtual, sua estética foge um pouco das regras de diagramação:

a) Observe a composição imagem-texto presente no cartaz. Como estão organizadas as informações?

Dê pistas para enxergarem que o texto verbal preenche toda a área do cartaz, priorizando o nome do presidente e o ano de sua reeleição com letras em fonte maior ao restante do texto sublinhadas em negrito. Essa estratégia discursiva denuncia o tom alarmista do discurso.



Conforme Barros (2019), para identificar um texto *fake*, o aluno/leitor pode averiguar a presença, ou não, de problemas de organização linguístico-discursiva, no caso do *webcard*, a ausência de vírgula separando as orações na composição da frase. "Se formal elaborado, usar estratégias inadequadas, organizar-se de forma contraditória, não seguir o padrão do gênero ou o estilo de língua apropriado, ele poderá ser "desmascarado" com base nos "desvios" e "erros" de sua composição interna ou de seu estilo". (BARROS 2019, p. 10).

b) Por que a ausência de ancoragem (referências como local, data e autor) fragiliza a confiabilidade do texto?

É relevante também buscarmos a ancoragem que confere o sentido de verdade do texto, pela responsabilidade da autoria.

Nas tarefas de verificação, é fundamental orientar o leitor a exercer sempre essa postura de “verificar se os textos são assinados, se têm origem comprovada, se são públicos e se quem os torna públicos assume a responsabilidade da publicação, se estão ancoradas, de alguma forma, em textos que são reconhecidos como verdadeiros e assim por diante”.

Assim, entre as informações pertinentes ao gênero, é importante que percebam a ausência de assinatura, da fonte da informação, data e empresa responsável pela pesquisa.



Por ter sido escolhido do WhatsApp, portanto sem fonte, “é fácil diferenciar e desmascarar o mentiroso, que é anônimo, divulgado apenas no WhatsApp, sem ninguém que por ele se responsabilize”. (BARROS, 2019, p. 07).

c) Sabendo que o webcard foi produzido e divulgado em um período de grande tensão política, provocada pela má-gestão no enfrentamento da pandemia no Brasil e pelas denúncias de gastos excessivos e esquemas de desvios do dinheiro público pelos representantes do Palácio do Planalto, qual o efeito de sentido que o texto pode provocar no leitor?

Acerca do contexto de sua produção e compartilhamento, dialogar sobre o cenário de rejeição popular que o presidente enfrentava à época da divulgação do cartaz, quando o número alarmante de mortos pelo Coronavírus, afirmações polêmicas e a crise econômica provocaram desgaste na imagem do presidente. Assim, foi urgente lançar uma mentira nova para desviar o foco do eleitorado.



Conforme informado pela Agência Lupa, do jornal Folha de São Paulo, em 10 de julho de 2020, ao desmascarar a fake news desse webcard, a classificação da gestão de Bolsonaro como ruim ou péssima chegou a quase 50%:

Divulgado no dia 26 de junho, um levantamento feito pelo Datafolha mostrou que 44% dos entrevistados consideravam a gestão atual ruim ou péssima. O estudo mostrou que 23% considerava o governo regular e que 32% considerava o governo bom ou ótimo.

Já uma pesquisa do DataPoder360 divulgada na última quinta-feira (9) mostrou que a aprovação do presidente era de 40%, enquanto sua desaprovação era de 47%. Esses números se mantiveram estáveis comparados com o último levantamento realizado, segundo o instituto.

O mais importante nesse exercício de verificação, será a comparação entre textos. Mais uma vez, com breve pesquisa na internet sobre pesquisa de intenção de votos para as eleições em 2022, informações de fontes confiáveis já apareceram no topo dos sites de buscas da internet. Utilizamos esse critério para selecionar o exemplo exposto a seguir:

O professor pode apresentar recorte do título de matéria veiculada no site exame.com, que publicou em 04 de setembro de 2020, notícia sobre pesquisa realizada pelo Instituto Idea sobre o cenário eleitoral para 2022 e a possível reeleição do presidente Jair Bolsonaro. Conforme o título, "Bolsonaro é reeleito em 2022 em todos os cenários eleitorais".



Após lançar o título na projeção em multimídia, proponha ir adiante com a leitura investigativa. Apresente a notícia completa para que os alunos possam comparar as informações. Para tanto, recortamos o texto da notícia:

Se as eleições presidenciais fossem hoje, o presidente **Jair Bolsonaro** estaria reeleito. Em um cenário de disputa de primeiro turno entre Bolsonaro, o ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva**, o ex-ministro da Justiça **Sérgio Moro** e outros candidatos, o presidente levaria a maioria dos votos (31%), seguido pelo ex-presidente Lula (17%).


Já num segundo turno, Bolsonaro ganharia de Lula, com 42% dos votos, ante 31% do oponente petista. É o que mostra uma pesquisa Exame/IDEIA, projeto que une **Exame Research**, braço de análise de investimentos da EXAME, e o IDEIA, instituto de pesquisa especializado em opinião pública.

(<https://exame.com/brasil/exame-ideia-bolsonaro-e-reeleito-em-2022-e-m-todos-os-cenarios-eleitorais/>)

Para aprofundar o exercício de checagem, ao propor uma visita aos sites de agências de *fact checking*, o professor pode incentivar o aluno a pesquisar com autonomia. Sobre a referida pesquisa veiculada no *webcard* em tela, encontramos pelo menos três agências que analisaram e confirmaram a falsidade das informações desse texto:

Polígrafo, Estadão Verifica e a Agência Lupa.

Por exemplo, a Agência Lupa informou que o texto já havia alcançado quase 1,5 milhão de visualizações no *facebook* em 10 de julho. Vejamos a seguir, as informações comparadas pela Agência Lupa, em relação ao card divulgado:



A informação analisada pela **Lupa** é falsa. As pesquisas divulgadas até o momento não mostram que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) seria reeleito em 2022 com 94% dos votos. Duas pesquisas eleitorais para 2022 foram realizadas nos últimos meses, uma delas do instituto Paraná Pesquisas e outra do instituto Quaest. Em ambas, Bolsonaro aparece na liderança, mas com menos de 30% das intenções de voto. O levantamento nacional mais recente sobre o cenário das eleições de 2022 foi realizado pelo instituto Quaest, em junho. No único cenário testado, Bolsonaro aparece com 22% das intenções de voto. Também foram incluídos na pesquisa Sergio Moro (sem partido), Fernando Haddad (PT), Ciro Gomes (PDT), Luciano Huck (sem partido), Guilherme Boulos (PSOL) e João Doria (PSDB).

Em maio, a revista *Veja* publicou um levantamento do instituto Paraná Pesquisas. Três cenários foram testados. Bolsonaro apareceu na liderança nos três, oscilando entre 26% e 29%, dependendo dos adversários. Essa pesquisa foi feita entre os dias 26 e 29 de abril, ou seja, logo após a saída de Moro do governo Bolsonaro. O ex-juiz acusou o presidente de tentar interferir na autonomia da Polícia Federal para benefícios próprios.

(<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/10/verificamos-bolsonaro-eleicao-2022/>)

d) Compare o percentual divulgado no *webcard* e os números apontados pela pesquisa. O que há de diferente entre as informações?

O aluno pode reforçar o exercício de desmascarar a mentira do primeiro texto. Embora as estatísticas acenem para uma possível reeleição, pela quantidade de candidatos e a pluralidade de opiniões que compõe o eleitorado nacional, é impossível alcançar a marca dos 92% de aprovação.

Texto 05

A invenção do fim do mundo

Gênero - Canção

1º
passo

Provocações

Abra a aula com uma insinuação...

a) Você já estudou sobre a origem do universo e do planeta terra. Mas e sobre o fim do mundo?

A intenção é despertar espanto, e pela estranheza da pergunta, também estimular a discussão sobre as teorias e previsões sobre o tema.

b) Cite alguma situação em que essas previsões tomaram grande repercussão.

Resposta pessoal.



Professor, você pode citar o episódio da virada do século XX para XXI. Confira o artigo disponível no site da UOL "Apocalipse ou enganação: o que foi o Bug do Milênio?"
<https://www.uol.com.br>

Para encerrar nosso percurso de leitura de textos com discursos mentirosos, as *fake news*, como última sugestão, mobilizamos um texto do gênero canção.

É uma composição de Assis Valente, original dos anos 1930, já gravada por dezenas de artistas, entre eles, Carmem Miranda², Leci Brandão, Adriana Calcanhoto, e Ney Mato Grosso. Para essa atividade, sugerimos a versão remixada do samba nas vozes de Sandy e Paula Toller³ por acreditar que a sonoridade mais alegre e irreverente possibilita maior interesse dos alunos pela análise que se propõe, por se tratarem de adolescentes que pela faixa etária preferem canções com ritmos mais intensos.

Antes da leitura da letra da canção, apresente a versão remixada da música para os alunos apreciarem a sonoridade, através do ritmo. Depois questione sobre a mensagem:

a) Essa música trata de qual fato?

Espera-se que tenham percebido o tema "fim do mundo"

b) O que te chamou mais a atenção na canção?

Respostas pessoal.

² - Conferir videoclipe em: <https://www.youtube.com/watch?v=5GxA4Elbx80>

³ - Conferir clipe em: <https://www.youtube.com/watch?v=IcIEJfymH0>

Com cópias da letra da canção, peça a leitura individual e silenciosa e depois passe à leitura coletiva do texto em voz alta.



Se preferir, arrisque cantar a música em coro.

Vejamos a letra.

E o Mundo Não Se Acabou
(Assis Valente)
Anunciaram e garantiram
Que o mundo ia se acabar
Por causa disso a minha gente
Lá de casa começou a rezar
Até disseram que o sol ia nascer
Antes da madrugada
Por causa disso nessa noite
Lá no morro não se fez batucada

Acreditei nessa conversa mole
Pensei que o mundo ia se acabar
E fui tratando de me despedir
E sem demora fui tratando de aproveitar
Beijei na boca de quem não devia
Peguei na mão de quem não conhecia
Dancei um samba em traje de maiô
E o tal do mundo não se acabou

Chamei um gajo com quem não me dava
E perdoei a sua ingratidão
E festejando o acontecimento
Gastei com ele mais de quinhentão
Agora eu soube que o gajo anda
Dizendo coisa que não se passou
Vai ter barulho e vai ter confusão
Porque o mundo não se acabou



Como trabalhar com adolescentes a leitura de um texto produzido há quase um século?

A partir da apreciação da música e leitura de sua letra, um exercício valioso para a didática da leitura é da reconstrução histórica dos sentidos do texto.

a) Para explorar algumas das várias possibilidades de leitura com o presente texto, você pode sugerir que comentem sobre histórias sobre o fim do mundo contadas pelos mais velhos.

Resposta pessoal.

b) Com observação da melodia, acompanhada da leitura da letra da canção, por meio de roda de conversa ou debate, os alunos poderão observar a relação causa/efeito de uma informação falsa no cotidiano social.

Previsões catastróficas e mudanças de comportamento.

c) Sobre o texto, começando pelo título da composição, "E o mundo não se acabou", o que o autor pretende criticar?

A proposta é que os alunos citem que o tema aborda a recorrente previsão do fim do mundo.

Ainda no título, ressalte a marca linguística com a negação do fim do mundo, já evidenciando a constatação da mentira na informação veiculada.



Antes mesmo de conduzir a análise dos versos que a compõem, permita que os alunos expressem quais emoções são despertadas ao ouvir uma afirmação de tal natureza. Com as respostas, partir para a ancoragem:

d) De onde viriam as previsões sobre o fim do mundo? Com qual objetivo se divulgam informações desse tipo?

Fazendo rápida conexão com o sistema de crenças, é possível que assimilem sobre a credibilidade que se agrega a informações desse tipo, geralmente associada a revelações de ordem divina.

e) Ao se tomar a leitura mais detalhada dos versos, logo na primeira estrofe temos "Anunciaram e garantiram/Que o mundo ia se acabar/Por causa disso a minha gente/Lá de casa começou a rezar". Como o leitor pode confiar em uma informação da qual não se sabe a fonte?

Com destaque dos dois primeiros verbos, os alunos podem observar que o sujeito é indeterminado, portanto, de fonte não confiável. Nos versos seguintes, a associação da informação à resposta com apelo religioso também pode ser vista como forte indício da dimensão passional que o texto traz. Ao situar o lugar onde o falso fim do mundo circulou, "o morro", o autor da composição ancora sua crítica ao contextualizar o fato no espaço onde ocorreu e seus efeitos alterando a rotina da comunidade local, pois "não se fez batucada", fazendo referência às rodas de dança que animavam as noites das comunidades na periferia.

Já nas estrofes posteriores, as rimas construídas para ilustrar o perdão a um desafeto, comportamentos reprováveis pelas convenções sociais, e por último e talvez mais grave, o gasto de quantias consideráveis, também reforçam a dimensão passional que o falso fim do mundo provocou em um dado período, justamente pelo regime de crenças que já mencionamos em Fontanille.

f) Embora trate de uma composição do início do século XX, as proporções que uma *fake* alcança, podem ser devastadoras. Que efeitos a letra da canção evidencia que a falsa notícia do fim do mundo tenha provocado na comunidade?

O objetivo é que reflitam que para além dos efeitos psicológicos subjetivos, e socioeconômicos, a leitura crítica dessa e de outras músicas, inclusive de forma interdisciplinar, pode servir como base para reflexões sobre a conjuntura política em diferentes períodos da história, principalmente o contemporâneo.



Alerte os alunos que, pelo próprio perfil das *fake news*, além do forte teor passional, os textos com discurso falso também se aproveitam da ignorância do usuário/leitor sobre o conteúdo veiculado bem como dos valores que compõem sua forma de ver o mundo, dessa forma, os textos aqui analisados, ganharam repercussão em larga escala justamente porque não haviam informações de fontes confiáveis divulgadas na mesma ou porque transmitem informações que afetam o comportamento humano a partir de seus valores e crenças construídos nas relações sociais.

Assim, analisar a realidade através da leitura de textos que veiculam informações falsas, ainda no Ensino Fundamental, pode oportunizar não apenas formar leitores multiletrados, mas formar cidadãos críticos e éticos. Conforme Silva (2021),

(Parágrafo recuado) A sala de aula pode constituir-se como espaço de pluralidade, como lugar para a enunciação de convergências e divergências, mediante a instauração de uma comunidade de leitura calcada na partilha de apreensões e impressões que vão ganhando densidade, pertinência e complexidade no diálogo, contando ainda com a mediação do professor, leitor mais experiente. (SILVA 2021, p. 188)

Professor, este caderno é apenas um de muitos recursos que você pode mobilizar para o auxílio à sua prática docente na formação de leitores críticos e participativos. O letramento e a educação midiáticos são mecanismos necessários à formação de leitores e cidadãos capazes de conviver com respeito, empatia e responsabilidade, agindo com autonomia e postura crítica no mundo globalizado e conectado.

As habilidades necessárias a essa educação vão além do saber ler e produzir conteúdos nas mais diversas mídias, envolvem a participação e o senso crítico no contexto que está inserido. É pela educação midiática que aprendemos a reconhecer o valor da informação verificada, que passa diretamente pela leitura, não apenas da palavra, como dizia Paulo Freire, mas do mundo. Essa leitura e esse aprendizado não se esgotam nunca, carecem ser alimentados.

Como preparar estudantes do Ensino Fundamental para aprender com senso crítico e responsabilidade na Era da Informação?

Agora é com você!



**CHEGAMOS AOS FINAL DE NOSSO
PERCURSO DE LEITURA DE
*FAKE NEWS***

SEJA UM(a) MULTIPLICADOR(a) DA LEITURA CRÍTICA!

TEMOS ALGUMAS SUGESTÕES QUE PODEM AUXILIAR NESSE EXERCÍCIO:

Sites para pesquisa e formação sobre o letramento midiático:

<https://educamidia.org.br>
<https://cursos.fdr.org.br/>
<https://vazafalsiane.com/curso/>
<https://novaescola.org.br>
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>

Artigos para leitura

O que é Educação Midiática ?
<https://www.comundos.org/>

A quem interessa a educação midiática?
<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/>

O que é educação midiática e por que ela é tão importante
<https://claudia.abril.com.br/blog/>

Educação midiática: como trabalhar o olhar crítico e a cidadania na sala de aula

<https://www.cenpec.org.br>

Na era digital, educação midiática combina com todas as disciplinas

<https://porvir.org/>

Agências de checagem

Lupa. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>

Aos fatos. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/>

Fato ou fake. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>

Comprova. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/>

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. **Estudos Semióticos**, USP, v. 15, n. 2, p. 1-18, 2019.

BARROS, D. L. P. **Intolerância, mentira e educação**: reflexões sobre o discurso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1e2T8Tk1t-c> Acesso em 02 set. 2020.

BRASIL, **Base nacional comum curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2018.

Desinformação e fake news: uma revisão de literatura. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/32568-Texto%20do%20artigo-96432-1-10-20200926.pdf> Acesso em 09 mar 2021.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

Fake News: um conceito indefinido. Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br/wp-content/uploads/2019/09/05.pdf>> Acesso em 08 mar 2021.

Formação do leitor na escola: questionamentos a partir da semiótica discursiva. In: SILVA, Luiza Helena Oliveira. **Ensino da Literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado das letras, 2021. p. (197-217)

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013, p. 13-36.

SILVA, Luiza Helena Oliveira. **Formação do leitor na escola: questionamentos a partir da semiótica discursiva**. No prelo, 2020.

SILVA, Luiza Helena Oliveira. Interações, leituras e sentidos em tempos de fake news: desafios para a formação de leitores no contexto escolar. **Estudos Semióticos**, USP, v. 15, n.1, p. 31-45, 2019.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/161838>>

Acesso em 13 jan 2020.

SOUSA, Sílvia Maria de; TEIXEIRA, Lucia. Contribuições da Semiótica às práticas de multiletramento. **Estudos Semióticos**, USP, vol. 15, n. 2 p. 46-62, 2019.

Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165201>> 2019.

Acesso em 10 abr 2020.

TEIXEIRA, Lucia; FARIA, Karla; SOUSA, Sílvia Maria de. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. **Desenredo**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 10 - n. 2 - p. 314-336 - jul./dez. 2014.

Disponível em:

<<https://pdfs.semanticscholar.org/d7bc/4bde96d48332f4277f1a50b958db20651d67.pdf>>

Acesso em 22 abr 2020.

ANEXOS

ANEXO 1

CHINA GANHA A 3ª GUERRA MUNDIAL, COM A MAIOR MENTIRA DO SÉCULO: "CORONAVÍRUS"

A China covardemente acaba de ganhar a 3ª Guerra mundial com mentiras biológicas, um golpe econômico e mentiroso, destruiu todas as economias produtivas que negociavam com ela sem disparar um único tiro. A China é covarde, cruel e mentirosa, essa é a Chinacomunista, nua e crua. Parabéns para a estratégia moderna, suja e comum dos povos comunistas, usaram o capitalismo contra o próprio capitalismo, plantando mentiras e disseminando-as pela mídia da mesma laia. Caíram direitinho na armadilha negociando com eles e criando dependências econômicas baseadas nas armadilhas da escala, vamos vender milhões de qualquer coisa para eles e enquanto isso escravizavam seu povo para produzir bens e serviços a preços aviltantes, foram enfraquecendo pacientemente a economia mundial, criando a dependência. Passaremos meses tentando recuperar o estrago causado por esse monstro, chamado China!!! Com a crise causada por eles, compraram bilhões em empresas mundiais, e podem estar muito perto do seu controle agora, viraremos escravos, assim como seu povo, garantindo os privilégios de uma elite comunista e voraz. Esse gráfico acima, mostra um pequeno exemplo como as bolsas caíram no mundo todo, mas a bolsa na China incrivelmente fica no positivo! No gráfico acima mostra como as bolsas do mundo inteiro despencaram, após o anúncio Fake News da China sobre a “doença” coronavírus". Mas a bolsa da China fica no positivo. Coincidência? Depois do anúncio e das quedas violentas das bolsas no mundo inteiro, a China imediatamente, comprou com uma gigantesca desvalorização, a maioria das ações das empresas estrangeiras, que estão aonde? Na China é claro, que grande coincidência!!! Porque? Porque agora a China passa a ser a maior acionista de todas, eu falei de “todas” as empresas estrangeiras instaladas, aonde mesmo? Na china, olha só outra grande coincidência!!! “E a China já começa desmontar os hospitais montados, para o controle do vírus, e diz para o mundo: Muito obrigado otários, já podem voltar as suas vidinhas normais, já ganhamos muito dinheiro e poder, a China COMUNISTA agradece”. Caso não tomemos atitudes e os isolemos para que vivam do seu jeito e não mais nos afetem com sua podre e escravagista economia onde uma casta se locupleta, deixando povos pelo mundo afora, morrendo de fome e de doenças, esse será nosso destino. Viva as inteligentes e modernas estratégias comunistas de destruição em massa, elas funcionam e muito bem. A China tem que ser isolada, a china tem que sair do jogo, antes que extermine o mundo!!! Por: Richard Corrêa. Segue o link: <https://blogfoconews.wordpress.com/2020/03/14/china-ganha-a-3a-guerra-mundial-com-a-maior-mentira-do-seculo-coronavirus/>

ANEXO 2

'Não teve covid-19', diz filha de idoso que F.Bolsonaro postou como curado

Luís Adorno

Do UOL, em São Paulo

29/03/2020 17h31

O senador Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ) publicou ontem em seu Instagram a imagem de um idoso no leito de um hospital acompanhado de uma mulher para ilustrar o caso de "quatro pacientes curados em SP com uso da hidroxicloroquina" — droga testada no tratamento da covid-19, doença causada pelo novo [coronavírus](#).

O senhor, no entanto, não tem coronavírus, e o hospital fotografado não é de São Paulo, mas de Porto Alegre. "Estão usando meu pai em uma mentira. Se a matéria é verdadeira ou não, não me importa, mas a imagem ilustrativa é falsa", disse ao **UOL** Mariana Balestra, 39, filha de Walter Balestra, 71, o senhor da foto compartilhada pelo filho do presidente [Jair Bolsonaro](#) (sem partido).

(<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/29/usando-meu-pai-em-mentira-diz-filha-de-idoso-postado-por-f-bolsonaro.htm>)

ANEXO 3

Quatro pacientes em estado grave tiveram alta em SP com uso de hidroxicloroquina

- 26 de março de 2020



Especialistas pedem cautela para comprovar que o medicamento é seguro e eficaz

Foto: Reprodução

Pelo menos quatro pacientes que estavam na UTI em estado grave no Hospital Igesp, em São Paulo, receberam alta após sete dias de uso de hidroxicloroquina em associação com outras medicações. As informações são do UOL.

De acordo com Dante Senra, médico cardiologista e coordenador das UTI's do hospital, foram “avaliados criteriosamente os protocolos internacionais” e 12 altas hospitalares de pacientes confirmados com coronavírus e altamente suspeitos também foram dadas.

“Até onde sabemos, fomos o primeiro hospital no Brasil a utilizar o medicamento”, disse o médico ao blog VivaBem. Ele ainda afirmou que a dose utilizada foi de 400 mg a cada 12 horas e que, apesar de esperançosos, os resultados ainda são iniciais. “A impressão é muito favorável, mas como se trata ainda de um número pequeno, não há como estabelecer uma relação de causa e efeito. Até porque não há estudos multicêntricos ainda”, relatou.

Apesar dos resultados promissores com a hidroxicloroquina, especialistas pedem cautela, pois são necessárias pesquisas relevantes para comprovar que o medicamento é seguro e eficaz. Alguns estudos trouxeram bons resultados, como o realizado pelo Instituto Mediterrâneo de Marselha (França), no entanto, o primeiro estudo controlado feito com a hidroxicloroquina na China não revelou diferenças entre o medicamento e os cuidados usuais.